



Projeto **POVOS**  
Território, Identidade e Tradição

TERRITÓRIOS DA

**BAÍA DE**  
**PARATY**

Projeto **POVOS**  
Território, Identidade e Tradição

ENTREVISTADOS E AGRADECIMENTOS:

Adauto de Castro (Juninho)  
Adilson Tupã Garcia Benite  
Aldacira Maria de Oliveira  
Aldo Barbosa, "Bem-te-vi"  
Alexandre Fernandes  
Aline Pacheco Silva  
Almir dos Remédios  
Alonço da Conceição Araújo  
Ana Paula Carvalho de Jesus  
Antônio Carvalho de Jesus "Tuíco"  
Antônio Carvalho de Jesus, "João Antero"  
Benedito Cruz  
Carmem dos Remédios  
Clarinda Maria da Silva  
Décio Conceição Santos  
Derli de Carvalho, Dona Biju  
Eder Costa Santos dos Remédios  
Elcia Porto da Silva  
Eliane Peralta  
Eliel Corrêa Pacheco  
Elizeu de Souza Eugênio  
Fabiola de Jesus  
Fernando Pacheco Alcântara  
Gabriel do Nascimento  
Gelsa  
Iracema ParáYry Garcia  
Isabelly dos Reis Souza  
Isolino "Bebé"  
Jorge Gonçalves dos Reis  
José Luís Soares  
Juliana Antonia  
Karai Tataendy Afonso Roque Benite  
Kelly de Souza Eugênio  
Lindalva Maria dos Remédios  
Lohan Dos Santos (em memória)  
Lourenço  
Luciana Vieira de Jesus  
Luís Vargas do Espírito Santo, Seu Lulu  
Luiz Antônio Silva dos Santos  
Manoel de Jesus do Nascimento "Sabiá"  
Marco Aurélio "Marquinhos"  
Maria Aparecida de Souza Eugênio  
Maria Aparecida Santos  
Mariana Soares Barbosa  
Nivaldo Conceição  
Paula Callegario  
Pedro Fidelis dos Santos Oliveira "Damásio"  
Pedro Benite  
Romildo Eugênio  
Valdeci de Souza Eugênio

## Territórios tradicionais da Baía de Paraty

Executante



Empreendedor



Órgão Licenciador



A realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Parceiros



OBSERVATÓRIO  
DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E  
SAUDÁVEIS DA BOCAÍNA



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM DE  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
ANGRÁ • PARATY • UBATUBA



COORDENAÇÃO NACIONAL  
DE COMUNIDADES TRADICIONAIS  
CAIÇARAS



## FICHA TÉCNICA

### Realização:

Comunidade caiçara da Ilha do Araújo  
Comunidade caiçara da Ponta Grossa  
Comunidade caiçara da Ilha do Algodão  
Comunidade Indígena Guarani Mbya da Tekoa Arandu Mirim  
Fórum de Comunidades de Angra, Paraty e Ubatuba (FCT)  
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)  
Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS)

### Coordenação de Gestão Territorializada:

Fabiana Miranda

### Coordenação de Campo | MT Baía de Paraty:

Anna Maria Andrade

### Pesquisadores de Campo:

Jadson dos Santos, Priscilla Azevedo, Raquel Albino Conceição, Anna Maria Andrade

### Textos:

Anna Maria Andrade, Fabiana Miranda  
Gabriela Murua, Santiago Bernardes

### Revisão Técnica:

Athos Vieira, Anna Maria Andrade,  
Helena Tavares Gonçalves, Cristiano Lafetá,  
Rodrigo Pennutt da Cruz

### Mapas:

João Oswaldo Cruz

### Fotos:

Anna Maria Andrade, Eduardo di Napoli,  
Priscilla Azevedo, Raquel Albino Conceição,  
Tiê Passos, Luiza Saad

### Projeto Gráfico e Editoração de Imagens:

Eduardo di Napoli, Tiê Passos

### Diagramação:

Leticia B Dias, Tiê Passos

### Ilustrações e infográficos:

Tiê Passos, Leticia B Dias

### Transcrição de Entrevistas:

Rannyer Barboni, Anna Maria Andrade,  
Raquel Albino da Conceição

### Dados Secundários:

Patrícia Assad

## OTSS – EXPEDIENTE FIOCRUZ

### Coordenação Geral:

Edmundo Gallo (Fiocruz), Vagner do Nascimento  
(Forum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba)

### Coordenação de Gestão Territorializada:

Fabiana Miranda

### Colegiado de Coordenação Estratégica:

Edmundo Gallo, Vagner do Nascimento, Fabiana Miranda, Marcela Cananea, Julio Garcia Karai, Indira Alves França, Sidélia Silva, Leonardo Freitas, Ana Maria Correia, Mauro Gomes, Vinícius Carvalho.

### Coordenação de Campo | Povos:

Anna Maria Andrade, Cristiano Lafetá,  
Rodrigo Pennutt

### Pesquisadores de Campo (FCT) | Povos:

Ana Carolina Santana Barbosa, Fabiana Ramos, Gabriel Nogueira, Julio Garcia Karai, Ivanildes Kerexu Pereira, Jardson dos Santos, Luisa Vilas Boas Cardoso, Priscila Azevedo, Raquel Albino, Robson Fernandes e Santiago Bernardes

### Assessoria Jurídica:

Thatiana Lourival

### Validadores | Movimentos Nacionais:

Julio Garcia Karai,  
Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)  
Marcela Cananea, Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC)  
Neimar Lourenço Nascimento dos Santos  
Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)

ISBN nº 978-65-89501-54-1

Catálogo na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde  
Biblioteca de Saúde Pública

P964p Projeto Povos: Território, identidade e tradição. Territórios tradicionais da Baía de Paraty / Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina. Fórum de Comunidades Tradicionais. Fundação Oswaldo Cruz. — Rio de Janeiro: Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, 2023.  
248 p. : il; 21cm – (Coleção Povos, 7).

ISBN:

1. Povos Indígenas. 2. Quilombolas. 3. Caiçaras. 4. Saneamento. 5. Educação. 6. Licenciamento Ambiental. 7. Política Pública. 8. Segurança Alimentar. 9. Pré-Sal. 10. Petróleo. I. Título.

CDD – 23.ed. – 980.41

TERRITÓRIOS DA

# BAÍA DE PARATY

## ÍNDICE

<b>Projeto Povos</b> .....	08
Entendendo o Pré-Sal .....	10
Como estes mapas são feitos .....	14
Como usar esses mapas a favor da comunidade .....	16

<b>Territórios da Baía de Paraty</b> .....	18
Introdução .....	24
Ilha do Araújo.....	44
Ponta Grossa.....	94
Ilha do Algodão.....	146
Tekoa Arandu Mirim.....	204

## Mapas

Territórios Tradicionais no	
Microterritório da Baía de Paraty .....	20
Território Marinho da Baía de Paraty .....	22
Ilha do Araújo.....	92
Ponta Grossa.....	144
Ilha do Algodão.....	202
Tekoa Arandu Mirim.....	244
Rotas de trânsito e relações de trocas guarani-mbya.....	246

**Pela primeira vez,  
nós por nós mesmos.**

**Nós, os povos tradicionais  
de Angra dos Reis, Paraty  
e Ubatuba, dizendo  
quantos somos, como  
vivemos e o que buscamos  
para a plena realização  
dos nossos direitos.**



# Projeto Povos: Território, Identidade e Tradição

Conheça a mais abrangente iniciativa de cartografia social já realizada na Bocaina. Protagonizada pelas próprias comunidades, a caracterização envolve territórios indígenas, quilombolas e caiçaras de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP)

Qual é exatamente o território tradicionalmente ocupado pelos quilombolas? Quais são as condições de saneamento dos indígenas? E quais são os desafios dos caiçaras em relação ao acesso à educação? Estas são apenas algumas das informações que serão reveladas pelo Projeto Povos, iniciativa que vai colocar de vez, no mapa do Brasil, os territórios de 98 comunidades e localidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP).

Reivindicação histórica do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama, para a produção de petróleo e gás pela Petrobras na Bacia de Santos. Quem executa é o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), uma parceria entre o FCT e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Participam também a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Comissão Guarani Yvyrupá (CGY) e a Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC), que completam o conselho do projeto com a missão de garantir que todos os direitos das comunidades sejam respeitados.

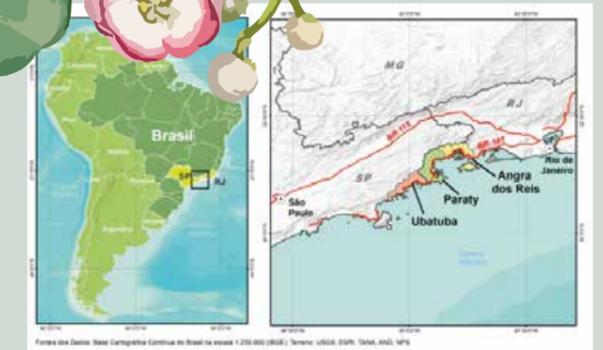
O Projeto Povos utiliza metodologias de cartografia social que permitem às comunidades desenhar, com ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Este tipo de mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais e é um instrumento utilizado para fazer valer os direitos desses grupos frente a grandes empreendimentos, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento de leis que dizem respeito à delimitação de terras indígenas, à titulação de territórios quilombolas e à regularização fundiária de territórios caiçaras, entre outros.

## Caracterização de 98 territórios tradicionais ocorre até 2023

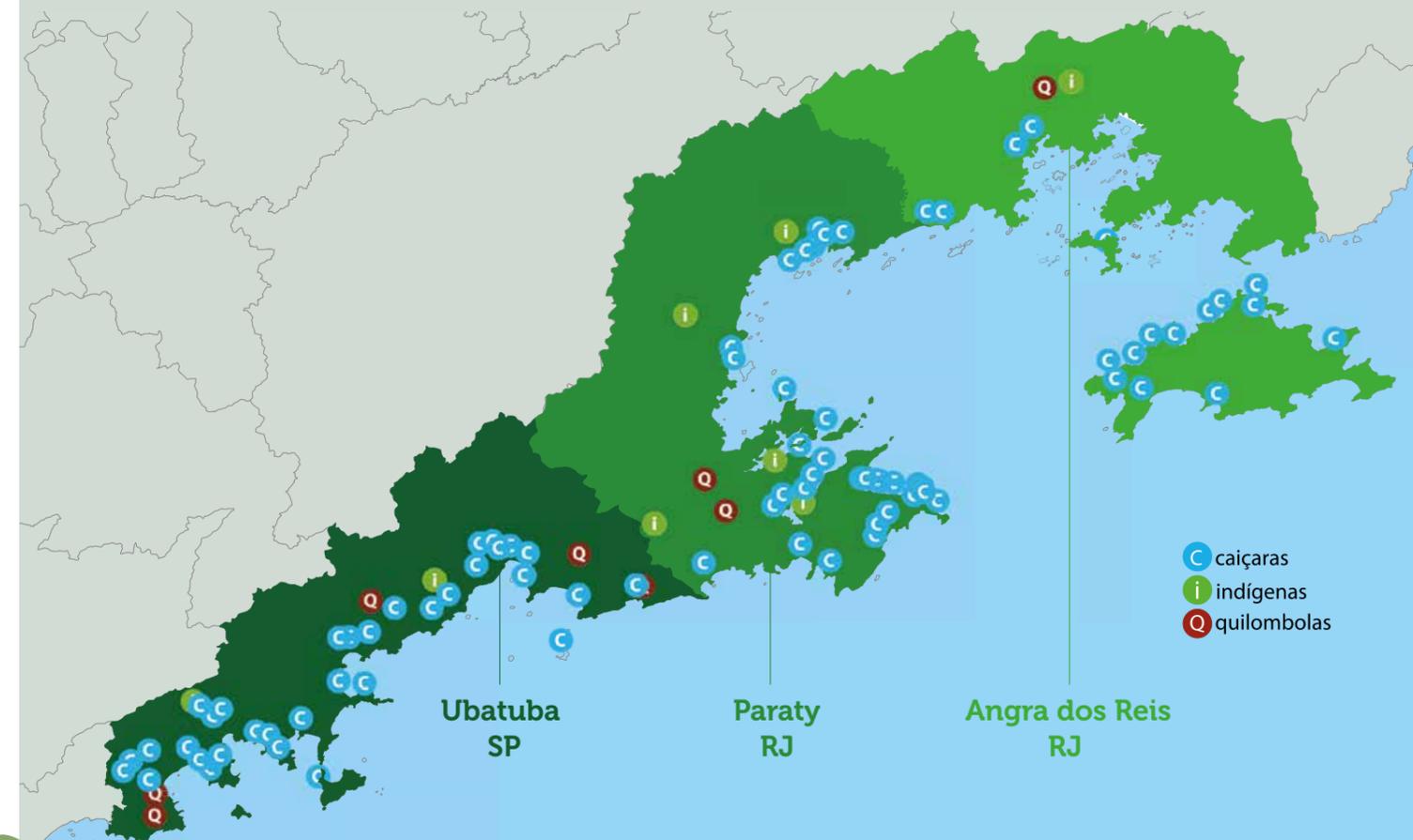
Além de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roças, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes. Aliás, são as comunidades que decidem o que querem caracterizar. No Projeto Povos, nenhuma informação é tornada pública sem a prévia autorização das comunidades envolvidas e das representações nacionais dos povos e comunidades tradicionais (Conaq, CGY e CNCTC).

## Onde o Projeto Povos ocorre?

O Projeto Povos ocorre nos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba. Para sua realização, foram definidos 10 agrupamentos de territórios que reúnem laços culturais, ambientais e territoriais comuns. É o caso, por exemplo, do agrupamento de territórios tradicionais do Carapitanga, que partilham a mesma Sub-Bacia Hidrográfica em Paraty (RJ).



Uma observação importante é que esta organização em agrupamentos de territórios – ou microterritórios – não quer dizer que as comunidades caracterizadas não tenham fortes e profundos laços com outras comunidades. Ou seja, essa divisão apenas ajuda a organizar os trabalhos de campo do projeto.



# Entendendo o Pré-Sal

O Projeto Povos é resultado de uma condicionante do licenciamento ambiental federal para a exploração de petróleo e gás na camada do Pré-Sal na Bacia de Santos. Mas você sabe o que isso tem a ver com as comunidades tradicionais?

Para que um grande empreendimento possa ser construído, ele precisa antes receber uma licença ambiental que é concedida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Para receber essa licença, quem constrói o empreendimento tem que cumprir também uma série de condições para mitigar ou compensar seus impactos sociais e ambientais.

O Projeto Povos é uma destas condições, e foi exigido da Petrobras pelo Ibama para que as comunidades tradicionais da Bacia de Santos possam entender e se manifestar sobre potenciais impactos da exploração de petróleo na Bacia de Santos sobre seus territórios. Outro objetivo é disponibilizar mais informações sobre as comunidades para que suas reivindicações possam ser levadas em conta pelo Ibama quando houver algum novo pedido de licença para grandes empreendimentos na região.

**O óleo do Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas ultraprofundas embaixo do mar**

## O que é o petróleo?

O petróleo é um recurso natural muito importante na produção de energia em todos os países do mundo. Além de ser combustível utilizado nos veículos de transporte – carro, ônibus, caminhão, avião – ele também está presente no plástico que compõe muitos dos equipamentos eletrônicos (como celulares, computadores) e eletrodomésticos, além de ser muito utilizado em embalagens. Tem petróleo também em cosméticos (como batons), pasta de dente e até em roupa.

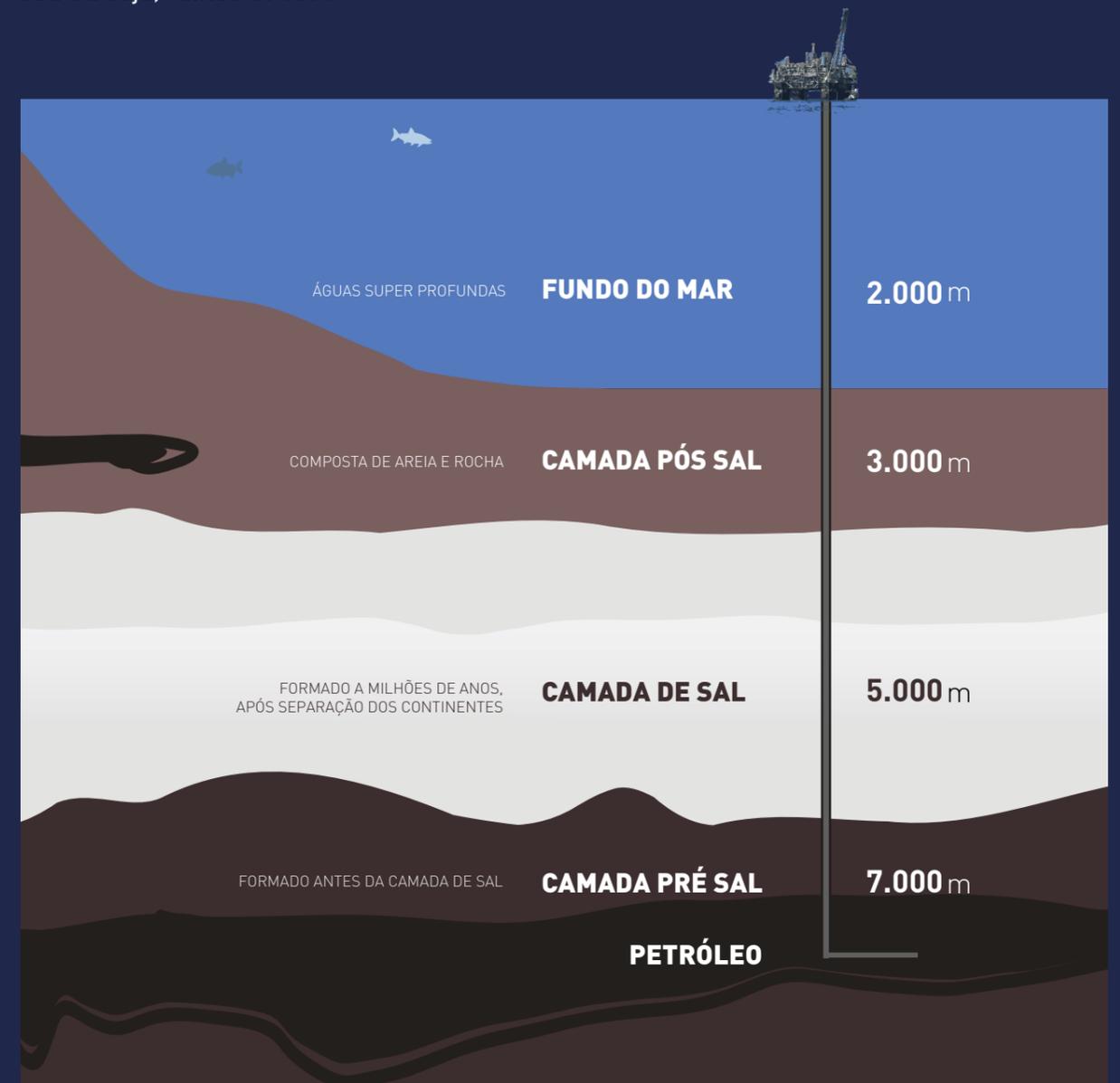
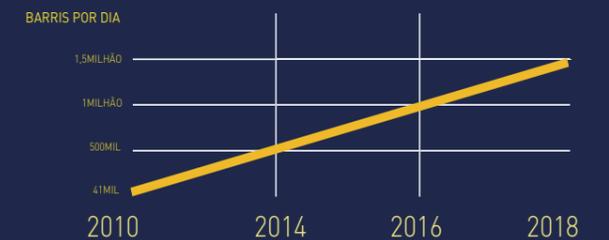
**1984**  
**PÓS-SAL**  
**4.108**  
**POÇOS**  
**500 MIL**  
BARRIS POR DIA

**2018**  
**PRÉ-SAL**  
**77** POÇOS  
**1,5 MILHÃO**  
BARRIS POR DIA

## O que é o Pré-sal?

O Brasil não era considerado um país importante na produção mundial de petróleo até a descoberta do Pré-sal, em 2007. Pré-sal é um tipo de subsolo marinho, em camadas profundas embaixo do mar, de onde é extraído o petróleo. Como se vê na ilustração abaixo, esse petróleo está localizado em um agrupamento de rochas localizadas em águas ultra profundas em baixo de uma camada de sal, por isso Pré-sal. Ou seja, “antes do sal”.

Produção média de petróleo no Pré Sal



# Onde fica o Pré-sal?

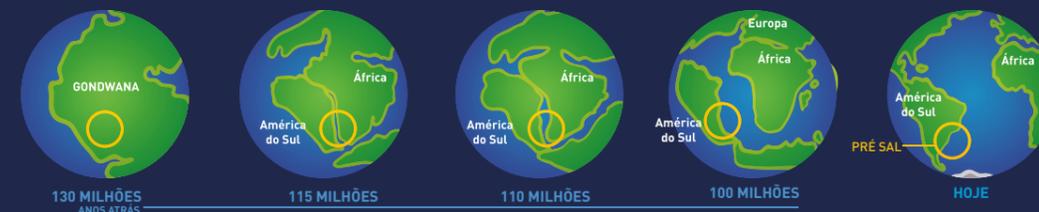


A área de influência do Pré-sal mede cerca de 800 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura e está entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, passando, também, por territórios tradicionais localizados no litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro.

O volume produzido por poço no Pré-sal da Bacia de Santos, onde estão essas populações, está muito acima da média da indústria de óleo e gás. Dos dez poços com maior produção no Brasil, nove estão localizados nessa área.

## O que tem no Pré-sal?

Para se ter uma noção do que significa a descoberta do Pré-sal, é possível que o Brasil duplique sua produção de petróleo em aproximadamente 10 anos. Entre 2006 e 2007, as reservas do país somavam cerca de 14 bilhões de barris de petróleo. Com essa descoberta, é possível que as reservas atinjam entre 50 a 80 bilhões de barris. Cada barril de petróleo tem o volume aproximado de 158,98 litros.

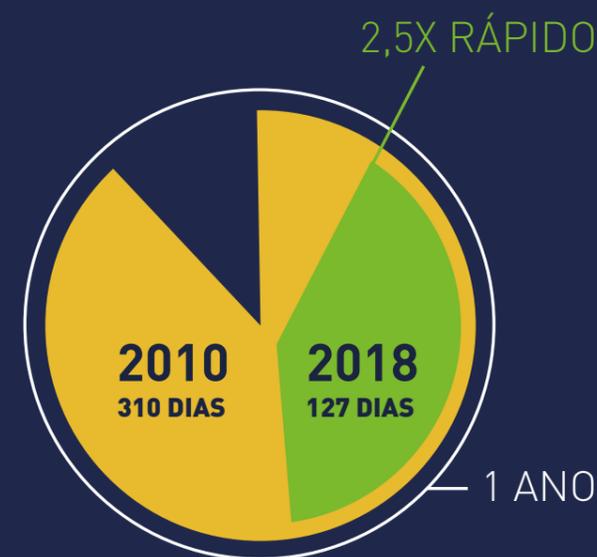


## O que isso significa para as comunidades?

É tão grande a estrutura necessária para a exploração do petróleo no mar que faz com que o Pré-sal seja definido como um Megaempreendimento, já que ele altera a dinâmica social, econômica, cultural e ambiental das cidades litorâneas onde ficam as reservas do Pré-sal.

Isso significa dizer que, além do risco de vazamentos, a estrutura do Pré-sal gera como consequências alterações no território marinho como, por exemplo, o aumento do número de grandes embarcações, mudanças no comportamento de cardumes e ampliação de portos para atender a demanda de transporte.

## Tempo médio de construção de poços marítimos



E, também, alterações terrestres tais como o aumento do número de pessoas vindas de fora, que chegam para trabalhar na exploração de petróleo sem que haja, por vezes, uma melhoria equivalente na infraestrutura local como mais hospitais e escolas.

## Como o licenciamento do Pré-sal funciona?

Megaempreendimentos como o Pré-sal precisam cumprir dois procedimentos legais para poderem se instalar em uma região. O primeiro é a Avaliação de Impactos Ambientais e o segundo é o Processo de Licenciamento Ambiental. A partir daí é feito o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que ajudam o Ibama a decidir se dá ou não a licença.

Depois, é necessário realizar audiências públicas para ouvir o que a população e o poder público têm a dizer sobre o empreendimento. No território da Bocaina, essas audiências aconteceram nas Etapas 1, 2 e 3 do Pré-sal. Sim, já estamos no processo da Etapa 4 desse empreendimento.

Esses procedimentos têm como objetivo avaliar os impactos causados pelo Pré-sal e propor condicionantes e compensações que amenizem ou compensem os impactos ambientais e sociais causados pela sua instalação.

# Como estes mapas são feitos?

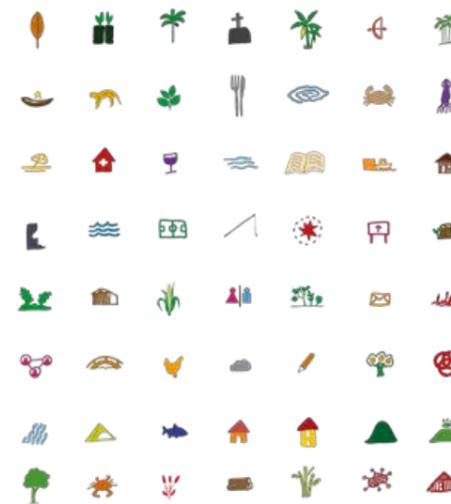
Com a participação de pesquisadores indígenas, caiçaras e quilombolas, o Projeto Povos mapeia só o que as comunidades querem caracterizar. Conheça, passo a passo, como se dá essa construção coletiva.

## 1) Chegança

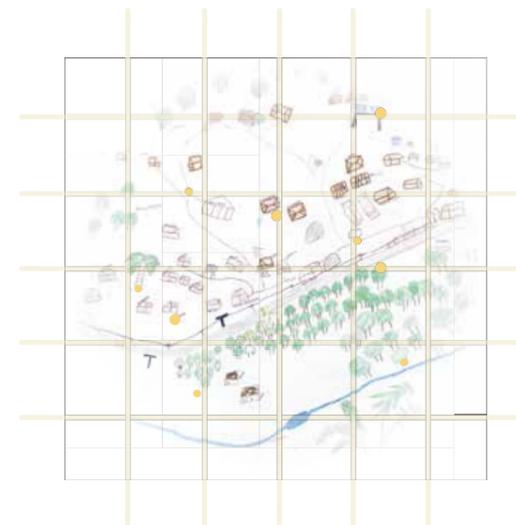
Realizada com a participação do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a “chegança” é o passo inicial da caracterização. Ela envolve lideranças e articuladores locais para esclarecer dúvidas sobre o projeto e para garantir que os mapas sejam construídos por muitas mãos.

## 2) Mapa Falado

Nessa atividade, a comunidade é convidada a fazer um desenho livre, em um papel em branco, representando seu território. Neste desenho, o território e seus elementos vão surgindo a partir do exercício da memória e da definição, pela própria comunidade, do que ela quer e acha importante que seja caracterizado.



Ícones dos mapas do Projeto POVOS



## 3) Localizando o território no mapa

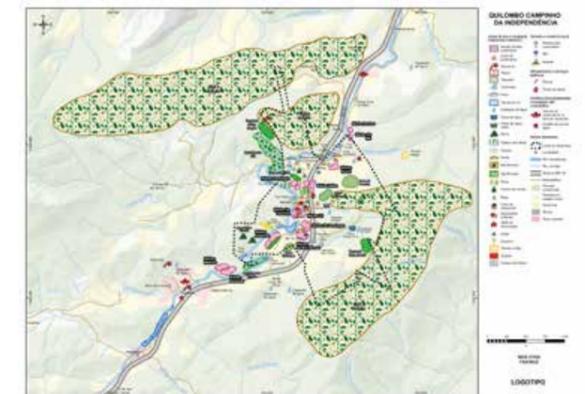
A etapa seguinte consiste na transposição do mapa falado para uma foto de satélite, localizando os elementos do desenho em uma base georeferenciada. Nesta etapa, o objetivo principal é garantir que os participantes consigam dimensionar seu território em um mapa e visualizar demais delimitações territoriais já estabelecidas por órgãos governamentais, como Unidades de Conservação e demarcações já realizadas.

## 4) Refletindo o Território

Depois, é hora de apresentar à comunidade a primeira versão do mapa final e validar com os participantes cada dado coletado. Um momento, também, para corrigir eventuais erros e acrescentar informações importantes que não tenham aparecido nas etapas anteriores.

## 5) Nosso mapa

A última etapa se divide em dois momentos. O primeiro consiste em revisitar o material produzido durante toda a caracterização e validar coletivamente o mapa final. Em sequência, a comunidade define quais informações quer que se tornem públicas e quais prefere que sejam de uso restrito da comunidade.



## 6) Ganhando o mundo

Percorrido esse caminho, o material segue para impressão e é devolvido para as comunidades. Também validadas pelas comunidades e suas representações nacionais, as publicações finais são distribuídas para bibliotecas e órgãos de governo e da sociedade civil cuja atribuição seja zelar pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais da Bocaina.



# Como usar estes mapas a favor das comunidades

Os mapas construídos pelas comunidades são instrumentos de promoção de direitos. Entenda algumas formas de como podem ser utilizados para a defesa dos territórios tradicionais

## Garantia de territórios:

O projeto não assegura que haverá titulação, demarcação ou regularização fundiária de territórios tradicionais. Mas irá contribuir para que as reivindicações das comunidades cheguem aos órgãos competentes responsáveis por fazer isso.

## Acesso a políticas públicas:

O projeto também não construirá infraestruturas nas comunidades, mas vai contribuir para levar ao conhecimento dos governos e órgãos públicos qual é a situação de cada comunidade em relação a serviços e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde, saneamento, trabalho e renda, entre outras decididas pelas próprias comunidades.

## Fortalecimento da educação diferenciada

Esta publicação e os mapas gerados pela cartografia social podem ser usados nas escolas pelos professores para aproximar os conteúdos curriculares à realidade vivida pelos estudantes em suas comunidades.

## Qualificação de licenciamento ambiental:

Outra conquista importante é que estes dados passarão a ser consultados pelo Ibama quando houver uma nova solicitação de licença ambiental para grandes empreendimentos que possam impactar as comunidades tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.

## Segurança alimentar e nutricional:

O projeto permitirá às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as espécies agrícolas manejadas por elas e também por suas comunidades vizinhas. Isso fortalece o conhecimento do território e facilita possíveis trocas de sementes e de técnicas de plantio.

## Práticas de saúde:

O projeto permitirá também às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as práticas de cuidado corporal e espiritual utilizadas por ela e por comunidades vizinhas. Isso também facilita possíveis trocas de sementes e de conhecimentos em relação a procedimentos de cura e prevenção a partir das plantas medicinais.

## Fortalecimento do FCT:

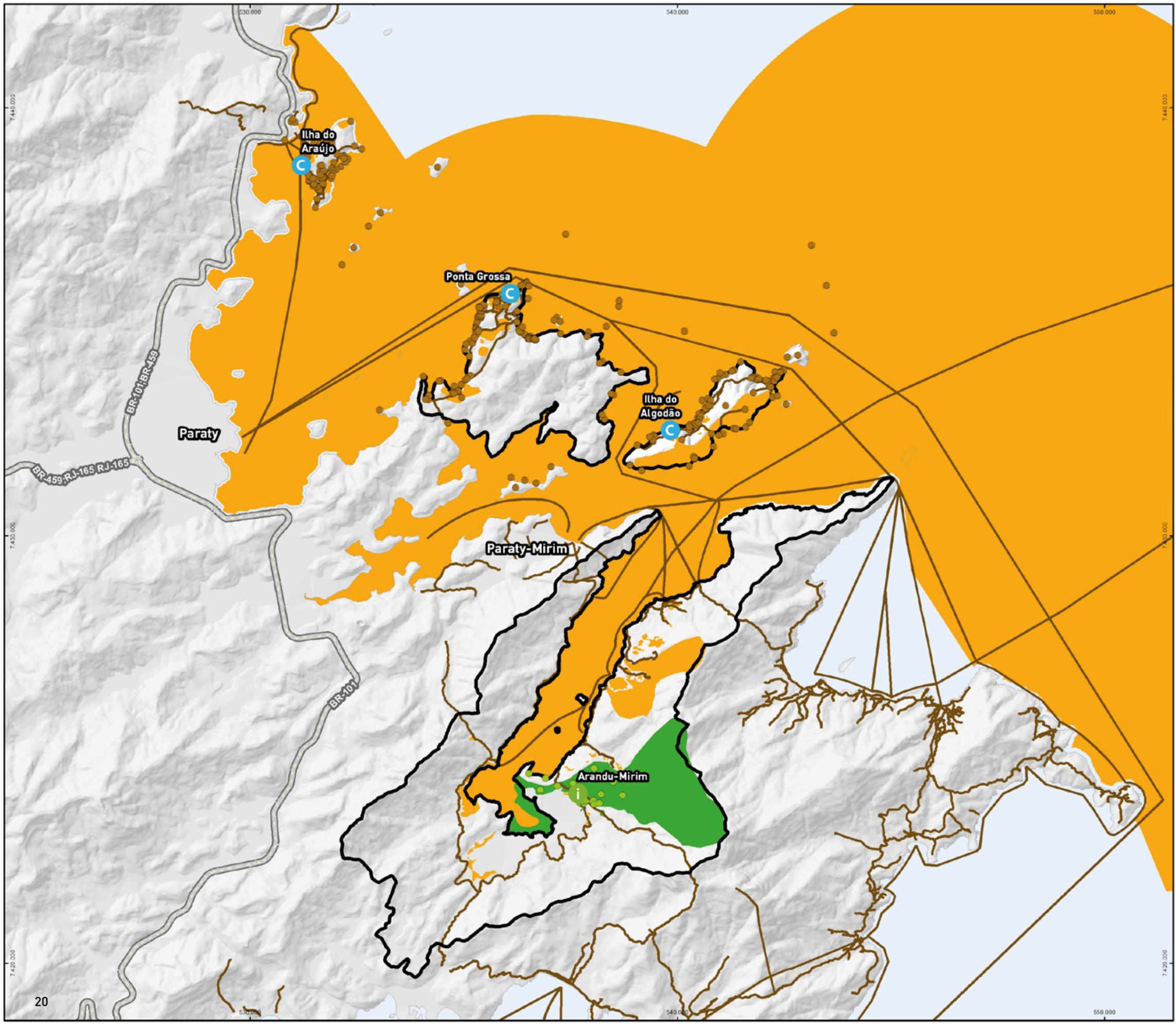
O mapa feito pela comunidade contribuirá também para fortalecer as bandeiras de luta do Fórum de Comunidades Tradicionais nas áreas de Turismo de Base Comunitária, Educação Diferenciada, Saneamento Ecológico, Economia Solidária e Agroecologia e a combater todas as formas de racismo e violência contra as comunidades.



BAÍA DE

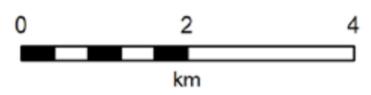
PARRA

RAY



# TERRITÓRIOS TRADICIONAIS NO MICROTERRITÓRIO BAÍA DE PARATY

-  Limite Microterritório Mamanguá-Baía de Paraty
- Locais de ocupação e uso tradicional**
-  Caiçara
-  Indígena
- Relações e fluxos intercomunitários, rotas de pesca e comércio**
-  Caiçara
-  Indígena
- Territórios e áreas de uso tradicional**
-  Caiçara
-  Indígena
-  Quilombola
-  Rodovia BR-101







# Baía de Paraty

Esta publicação apresenta os resultados da caracterização realizada com as comunidades tradicionais caiçaras e Guarani Mbya presentes nos seguintes territórios: Aldeia Arandu Mirim, Ilha do Algodão, Ponta Grossa e Ilha do Araújo.

Todos os territórios caracterizados nesta publicação são acessíveis de barco. Mesmo a Ponta Grossa - para onde existe trilha de acesso terrestre - é um território onde praticamente ninguém chega a pé, e os caminhos estão fechados em diversos pontos. A única exceção é a aldeia Arandu Mirim, para onde os Guarani da aldeia Itaxi frequentemente caminham, por duas rotas possíveis.





No fundo do Saco do Mamanguá há uma passagem mais estreita após a qual se abre um largo de água rasa e calma, com solo de lama cercado por uma das maiores áreas de manguezal e cachetal de Paraty. Nesse largo desaguam diversos cursos de água doce. Os dois maiores são o Rio Grande, onde se localizam a **aldeia Arandu Mirim** e diversas áreas de roças caiçaras, e o “Rio da Fazenda”, como é chamado o corpo d’água que passa dentro de uma extensa área - que vai desde os fundos do Saco do Mamanguá até a Praia do Sono – pretensamente pertencente ao finado Gibrail Tannus, um dos mais famosos grileiros de terra de Paraty envolvido em diversos escândalos de falsificação de escrituras e conflitos fundiários da região.

A Aldeia Arandu está situada aos pés do maciço do Cairuçu que mais tarde deu nome à unidade de conservação criada ali, a Área de Proteção Ambiental Cairuçu. O Pico do Cairuçu mede 1070 metros de altitude e está localizado na zona central da península da Juatinga, entre o Mamanguá, de um lado, e a Praia do Martim de Sá, do outro. Segundo os Guarani da **Arandu Mirim**, “Mamanguá” e “Cairuçu” são nomes indígenas. A hipótese é que Mamanguá seja uma palavra derivada da expressão guarani “ma mon guá” que significa uma pergunta: “de onde você tá vindo?”. E Cairuçu é, possivelmente, a fonética que os juruá (os brancos) fixaram para a palavra guarani “tatayruçu”, que significa “filhote de caça”.



A Ponta Grossa é um território caiçara em formato peninsular, também formado por diversas localidades e núcleos de ocupação. A Ponta Grossa separa a baía de Paraty (da cidade) da enseada do Paraty Mirim e do Fundão, localizadas à direita em direção ao sul do município.

Saindo do cais de Paraty, após virar a Ponta Grossa, já é possível avistar a Ilha do Algodão, a maior Ilha em extensão territorial de Paraty. A Ilha do Algodão é visível também a partir da Praia do Paraty Mirim. E logo depois de passar a Ilha do Algodão, se vê a entrada do Saco do Mamanguá.

A Ilha do Araújo é a Ilha que mais se distancia dessa zona, localizada já ao norte da baía de Paraty. Historicamente, as trocas e relações cotidianas dos moradores da Ilha do Araújo se davam com Praia Grande e outras localidades próximas do centro de Paraty.

Esse conjunto de comunidades possui diferentes graus de proximidade geográfica e social, e alguns fluxos de relações históricas e de parentesco foram identificados ao longo do trabalho.

## História, modo de vida e relações intercomunitárias

**Todos os territórios tratados nesta publicação são ocupados por comunidades caiçaras, com exceção da aldeia guarani nos fundos do Saco do Mamanguá. Esses territórios são formados por dezenas de localidades nomeadas e núcleos de ocupação que ora se identificam como comunidades independentes, ora se sentem pertencendo a um conjunto maior.**

**A reconstrução das histórias locais foi feita a partir da costura de memórias que surgem no relato das pessoas. Algumas informações apareceram nas entrevistas e outras em conversas informais que ocorrem quando a equipe de campo permanece por mais de um dia na comunidade. que tece a história do lugar.**



Essas memórias e relatos são sempre parciais, e não expressam uma verdade única sobre o passado. São lembranças que algumas pessoas mantêm, e que podem ser diferentes das memórias de outras pessoas. Cada lembrança e cada versão são importantes, e ajudam a compor esse conjunto de fios que tecem a história do lugar.

A formação das comunidades caiçaras no município de Paraty foi largamente pesquisada e existem muitos registros em livros e documentários. Os relatos orais de antigos moradores que participaram do projeto Povos confirmam muitas das informações presentes nesses materiais e trazem detalhes e particularidades das histórias de cada local.

De maneira geral, o povo caiçara de Paraty se formou ao longo da segunda metade do século XIX, fruto do encontro de colonizadores portugueses, povos indígenas originários da região e negros africanos trazidos do continente africano pelos colonizadores como mão-de-obra para construir o Brasil. Ao longo da primeira metade do século XX - período em que a importância econômica de Paraty havia se tornado insignificante no contexto nacional - as famílias caiçaras consolidaram sua permanência e seu modo de vida em vastos territórios que envolveram desde a zona costeira até o fundo dos vales e encostas da serra. Pode-se afirmar que o modo de vida tradicional descrito a seguir era vivenciado por praticamente todas as famílias caiçaras da região até meados do século XX.

A pesca, agricultura, extrativismo e manejo florestal e caça eram as principais

atividades produtivas às quais as famílias caiçaras se dedicavam. Nesse tempo, a floresta fornecia todos os recursos para construção das casas, dos móveis, das embarcações (canoas), dos remos e de diversos artefatos para processamento dos alimentos da roça, como os pilões, rodas de sevar mandioca, prensas, coxos, cestos, samburás, peneiras, apás e tantas outras peças que formam a cultura material tradicional. Também usavam materiais da mata para produzir petrechos de pesca como a fisga e o puçá. Até as cordas eram feitas com fibras da mata e serviam pra tudo.

Por meio dessas atividades de produção da vida, o povo caiçara criou, e vem atualizando, uma interação com os espaços de uso (o mar, a praia, a floresta, a roça) que associadas à percepção atenta do tempo e do ciclos naturais e rituais formam a base do seu modo de pensar e atuar no mundo. Nas Ilhas e outros locais aonde só se chega de barco, o planejamento da vida passa necessariamente pela observação atenta das condições do mar. Em cada estação do ano, os fenômenos climáticos específicos do período influenciam o ambiente. Por isso, a percepção dos sinais do ambiente e do clima faz parte da rotina dessas comunidades. Esses aspectos surgem nos relatos trazidos pelos moradores das comunidades participantes desta publicação.

Das atividades tradicionais mencionadas, a que resiste de maneira mais intensa até hoje é o sistema de atividades ligados a pesca, mas isso não significa que as outras deixaram de ocorrer. Os relatos sobre pesca são abundantes e as histórias são contadas com riqueza de detalhes e entusiasmo. Em todas



as comunidades caiçaras, a pesca é um assunto importante, que rende muitas falas tanto sobre o passado, como sobre o presente e o futuro. A diversidade de jeitos de pescar e a própria importância histórica e simbólica que aparecem nas falas e nas práticas das pessoas mostra que a pesca é tão importante para a identidade caiçara que não pode ser tratada apenas como uma atividade produtiva, mas como um dos principais elementos da cultura caiçara.

Uma outra dimensão do sistema cultural caiçara são as relações estabelecidas entre as pessoas, dentro dos núcleos familiares, entre os núcleos familiares de uma mesma comunidade e entre diferentes comunidades. Trocas comerciais, parentesco, celebrações, expressões de música e dança constroem elos importantes. No tempo em que as condições materiais das famílias era praticamente igual e a terra era livre para quem precisasse dela para garantir seu sustento, um dos valores primordiais presente na base da sociabilidade caiçara é a solidariedade. O trabalho cotidiano de produção da vida era realizado dentro da família, mas quando alguém precisava cumprir uma tarefa mais pesada, como a construção de uma nova casa, plantios ou colheitas de áreas grandes, organizava um mutirão (ou ajutório). Reunia parentes, compadres e comadres para ajudar na empreita e, em troca, oferecia refeição, festa, música, baile e, claro, a garantia da sua presença no mutirão da família que lhe ajudou. Muitos moradores entrevistados para construir essa publicação falaram que costumavam frequentar bailes e que antigamente havia mais cirandeiros e músicos participando dos grupos de folia de reis e do divino do que hoje em dia.

Por meio das histórias de vida e das genealogias coletadas nos territórios tradicionais que participaram da caracterização, foi possível identificar alguns indicadores da existência de relações de parentesco entre diferentes comunidades presentes no recorte considerado, por exemplo:

- Existem sobrenomes comuns, que se repetem em várias genealogias, como o sobrenome “Conceição”, presente em famílias do Mamanguá, Ponta Grossa, Ilha do Araújo, em localidades próximas como Praia do Sono e outras localidades da península da Juatinga.
- Há caiçaras nascidos na Ilha do Algodão que casaram e foram morar na Ponta Grossa e até hoje trabalham na Ilha do Algodão; e o inverso também foi relatado: pessoas nativas da Ponta Grossa que constituíram família na Ilha do Algodão e lá moram até hoje (relação Pontas Grossa / Ilha do Algodão)
- Há caiçaras nascidos e criados na Ponta Grossa que tem ascendentes nativos da Ilha do Araújo, portanto, se sentem de alguma forma pertencendo aos dois lugares (relação Ilha do Araújo / Ponta Grossa)
- E tem relatos de caiçaras nativos da Ilha do Algodão que foram morar na Ilha do Araújo; (relação Ilha do Algodão / Ilha do Araújo)



Barco enfeitado durante procissão marítima de São Pedro e São Paulo

As histórias de vida demonstram como as comunidades vão se entrelaçando por meio dos deslocamentos pelos territórios. A proximidade geográfica e o parentesco interferem em situações como as mencionadas abaixo:

- Antigamente, nas viagens para ir à cidade, as pessoas paravam em outras comunidades para descansar ou visitar. São rotas históricas que demonstram um profundo conhecimento geográfico do território. Os moradores do Sono, por exemplo, tinham uma rota para acessar a cidade que era por terra até os fundos do Saco do Mamanguá, de lá pegavam a canoa e remavam toda a extensão do Saco do Mamanguá e entravam no Funil; lá, eles paravam a canoa no Porto Grande e varavam a pé até o Jurumirim, do lado de lá da Ponta Grossa; de lá seguiam a pé ou navegando até a cidade;
  - Havia viagens para participar de celebrações, bailes, ocasiões em que vinham convidados de muitos lugares da região, como contou Mariana da Ponta Grossa que foi a um baile nos Meros e no Funil; ou o que contou Tuíco da Ponta Grossa sobre já ter participado muitas vezes da procissão marítima da Festa de São Pedro e São Paulo da Ilha do Araújo com seu barco todo enfeitado;
- Os deslocamentos para estudar eram e ainda são formadores de elos entre comunidades. Foi relatado o caso de Mariazinha (filha de Dona Mariana da Ponta Grossa), que ao longo da vida estudou na Ilha do Algodão, depois no Mamanguá e depois na Ponta Grossa. Quando de formou voltou para dar aula na escola do Paraty Mirim; até hoje as crianças da Ilha do Algodão estudam na Ponta Grossa e se deslocam de barco
- até lá diariamente;
- Deslocamentos para prestar algum serviço, assistência ou cuidado, como partos e práticas de cura. No relato sobre o feitiço de canoas na Ponta Grossa, por exemplo, foi mencionado que parte das madeiras saía da Ilha do Algodão.

Na tessitura da vida cotidiana, os territórios se conectam e as relações entre as pessoas se constroem de diversas maneiras. Ao longo do tempo, um dos efeitos desse processo parece ser um sentimento de território sem fronteiras no qual os parentes estão ocupando diversas localidades amplificando a ideia de terra livre e da possibilidade de mobilidade (de morar em vários lugares) que sempre fez parte da perspectiva de vida das famílias caixaras e guarani também em seu modo de vida tradicional.

Por fim, uma outra dimensão que aparece nas entrelinhas das narrativas históricas e das memórias é a dimensão dos “mistérios”. Eles estão presentes no mundo, no mar, no ar, na mata, nas encruzilhadas. Os mais velhos sabem que existem coisas que não são explicadas pela lógica da racionalidade científica: as aparições, entidades, mal assombros, ruídos, tudo isso existe, apesar de alguns não acreditarem. São fenômenos ou entidades sobrenaturais, coisas difíceis de explicar ou classificar: não são gente, nem animal e nem espírito.

O pensamento mágico, mítico ou místico acompanha a humanidade desde os primórdios e nas comunidades tradicionais de Paraty não é diferente. Nos capítulos a seguir serão mencionados alguns relatos sobre isso. Apesar de uma tendência mais ou menos geral de silenciar e desvalorizar esse tipo de narrativa, vale olhar para esse universo como um “modo de conhecer”, de transmitir valores e comportamentos morais e éticos. Elas trazem uma maneira peculiar e local de ver o mundo, são uma forma de pensar e por isso, são expressões da cultura tradicional local.

Entre os Guarani da Arandu Mirim, as narrativas de fundo mítico e mágico são misturadas às narrativas históricas e as duas são evocadas para explicar a ocupação recentes desse território nos fundos do Saco do Mamanguá. A tradição cultural indígena cultua a oralidade e preserva, como uma espécie de documento vivo, as narrativas que expressam a sua visão de mundo e que orientam a sua prática e seu modo de viver nele.

A abertura da rodovia BR-101, nos anos 70, representou um divisor de águas que alterou de maneira irreversível o território e os modos de vida tradicionais das comunidades da região.

O turismo chegou com força e aqueceu o mercado imobiliário; apareceram pessoas diferentes, com outros valores e costumes, ávidas por terra. Empreendimentos de grande porte como terminais portuários, estaleiros e usinas nucleares na Baía da Ilha Grande passaram a fazer parte da paisagem, expressões da lógica desenvolvimentista dominante. Unidades de conservação terrestres e marinhas foram implantadas, proibindo a continuidade dos usos costumeiros realizados ali.

As comunidades tradicionais foram ignoradas tanto pelos projetos de desenvolvimento como pela política ambiental, e o que a história vê como progresso foi para as comunidades dessa região um processo contínuo de expropriação e violação de direitos.



Colheita do cipó  
aldeia Arandu mirim

Incidem nesse microterritório 3 unidades de conservação, 2 federais, sob gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão ligado ao Ministério de Meio Ambiente e 1 estadual, sob gestão do INEA:

- **Área de Proteção Ambiental (APA) Cairuçu**, criada em 1985. Abrange 63 ilhas na porção paratiense da Baía da Ilha Grande e área continental que totalizam mais de 34 mil hectares. Está inteiramente sobreposta às ilhas do Araújo e do Algodão, além da porção terrestre do Saco do Mamanguá e da Ponta Grossa;
- **Estação Ecológica (ESEC) Tamoios**, criada em 1990. Envolve a proteção de 29 áreas emersas (entre ilhas, ilhotes, lajes e parcéis) e seus respectivos entornos marinhos em Paraty e Angra dos Reis, equivalente a 5,69% da Baía da Ilha Grande. Criada como compensação ambiental da construção da Usina Nuclear, abrange principalmente as ilhas do norte de Paraty e, no sul da Baía, está sobreposta à Ilha do Catimbau, Ilha dos Ganchos e entorno, que são áreas que integram o território marinho das comunidades tratadas nesta publicação;
- **A Reserva Ecológica da Juatinga (REJ)**, unidade estadual cujo órgão gestor é o Instituto Estadual do Ambiente (INEA), abrange a margem direita do Saco do Mamanguá, porção que integra a península da Juatinga.

Essas unidades de conservação possuem diferentes níveis de restrição para presença humana. A APA é uma unidade de conservação de Uso Sustentável e a revisão do Plano de Manejo foi concluída em 2018. No Plano foram estabelecidas zonas de manejo da biodiversidade, incluindo agricultura, reconhecendo o modo de vida tradicional das comunidades em seus territórios.

A REJ é uma unidade mais restritiva e há relatos de conflitos com as comunidades do Mamanguá. Desde 2011 estuda-se a recategorização da REJ visando adequá-la ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, mas esse processo ainda não foi concluído.

A ESEC por sua vez é a unidade mais restritiva, sendo proibido qualquer tipo de uso, inclusive atividade de visitação turística, coisa que, segundo os moradores da região, é constantemente desrespeitado por embarcações de turismo de Paraty.

As sobreposições geram conflitos entre as comunidades e os órgãos ambientais, em alguns casos gerando desgastes que prejudicam diálogos possíveis das comunidades com atores externos. Mas há também o reconhecimento, em algumas comunidades, de que a presença da Unidade de Conservação pode ajudar as comunidades a proteger seu território contra invasões e obras de terceiros que agridem a natureza.

E em 2019, a Unesco concedeu à região de Paraty e Ilha Grande o título de Patrimônio Mundial na categoria sítio misto, reconhecendo a importância da biodiversidade e do patrimônio cultural vivo desse território. O título foi possível graças a presença das comunidades tradicionais que constroem e conservam essa paisagem há gerações por meio dos seus saberes, práticas e interações em seus territórios ancestrais.



## Principais ameaças aos territórios e aos modos de vida tradicionais

A caracterização trouxe à tona diversas preocupações que as comunidades têm sobre a situação de seus territórios e a continuidade de sua cultura. Mas mostrou também a capacidade de resiliência, deu visibilidade às ações de resistência além de estimular as comunidades a refletir e criar propostas de soluções para dentro e para fora, e pensar demandas endereçadas ao Estado.

Uma das principais ameaças, mencionada por todas as comunidades participantes, é a redução da quantidade de peixe, camarão, polvo e outras espécies extraídas do mar. Foram identificados pelos entrevistados inúmeros vetores de pressão associados à causa dessa situação, tais como presença da pesca industrial nas áreas de pesca artesanal, contaminação das águas por esgoto, presença da usina nuclear, cadeia do petróleo e gás, presença de grandes embarcações de turismo nos pesqueiros tradicionais, resíduos das embarcações de turismo e dos navios, presença de empreendimentos de algicultura nas áreas tradicionais da pesca artesanal entre outros que podem ser visualizados nos capítulos a seguir.

A crise da atividade pesqueira artesanal é grave porque ela afeta a segurança alimentar e uma fonte de renda que por muito tempo foi considerada segura. Quando a pesca deixa de ser uma atividade capaz de absorver as novas gerações que cresceram vendo bisavós,

avós e pais vivendo dela, ou seja, quando ela deixa de ser uma perspectiva de futuro, há uma ruptura que traz efeitos em vários níveis dentro das comunidades, principalmente entre os caiçaras. A crise pesqueira abala um dos pilares do sistema cultural e identidade caiçara, e fere uma das conexões mais importante da relação com seu território.

Outros problemas mencionados que impactam a vida das comunidades foram a questão do turismo de massa promovido por grandes escunas de Paraty que acessam praias calmas e costeiras com centenas de banhistas e causam distúrbios ambientais, além de atrapalhar a atividade turística da própria comunidade. Essa questão foi mencionada pelos moradores da Ilha do Araújo, da Ponta Grossa e da Ilha do Algodão.

O crescimento acelerado de empreendimentos de algicultura representam um processo de privatização de áreas de mar nos espelhos d'água e pesqueiros caiçaras. Essa questão também foi levantada principalmente pela comunidade da Ilha do Algodão, onde boa parte de sua costa já tem, ou está sendo requerida, para implantação de algas sobrepondo às áreas de pesca artesanal realizadas nas zonas costeiras, como a pesca de lula, de linha, de cerco fixo flutuante e de rede de malha.

A identificação dos problemas associados à sobreposição de usos nos espaços costeiro-marinhos indica a necessidade urgente de criar propostas de ordenamento do uso e gestão desses espaços levando em conta os direitos territoriais das comunidades tradicionais em terra e no mar. A ideia de território marinho ou marítimo vem sendo cada vez mais apropriada pelas comunidades para criar mecanismos de proteção de seus territórios e modos de vida.

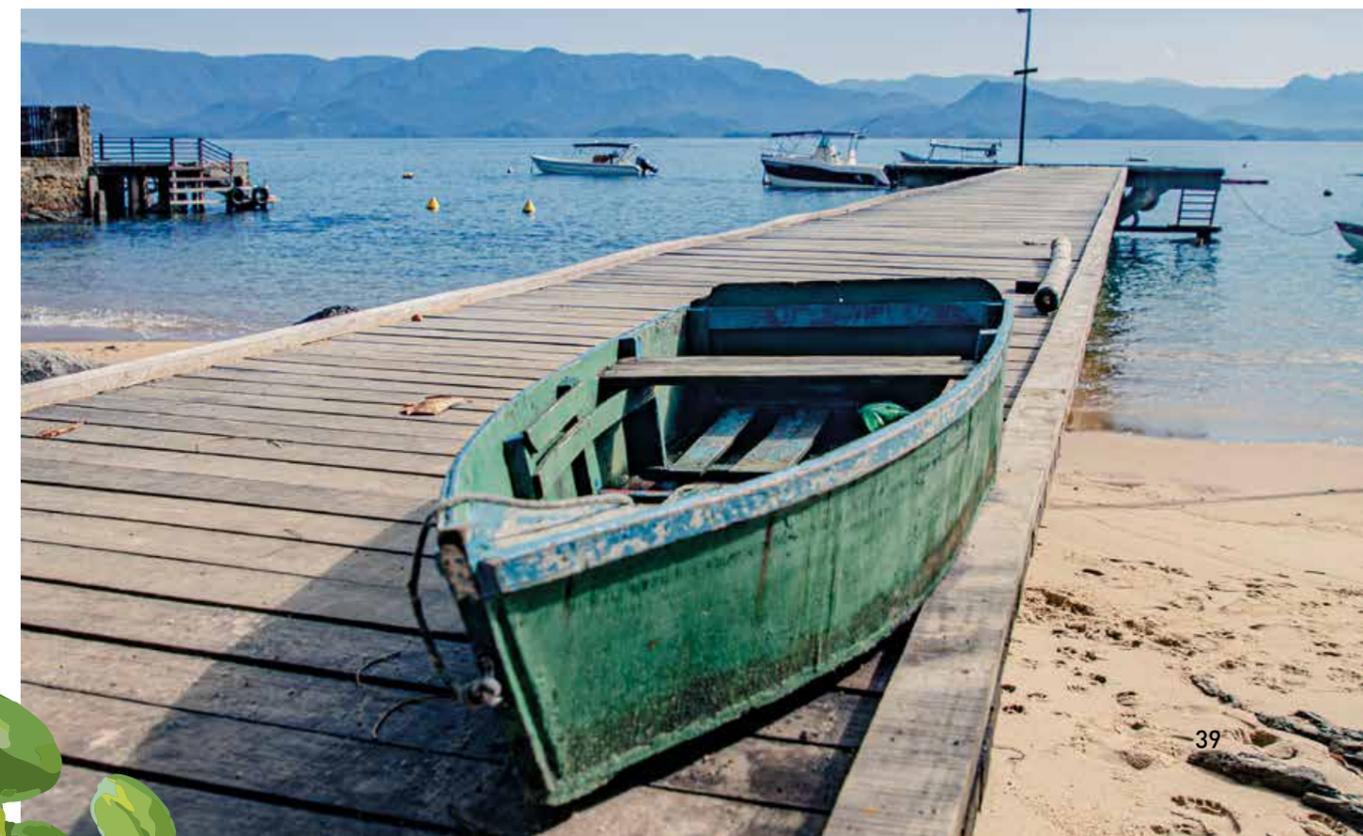
As entrevistas apontam que esses fatores somados criam uma situação de insegurança com relação ao futuro e podem promover o abandono de práticas tradicionais que são a base do modo de vida caiçara em Paraty, ameaçando a continuidade de um sistema formado de conhecimentos, práticas, identidades e memórias coletivas que constituem um patrimônio cultural a ser protegido.

A caracterização apresentada aqui busca ser uma resposta a essas preocupações e desafios, no sentido de produzir uma visão positiva sobre a força e resiliência das comunidades e ao mesmo tempo denunciar violação de direitos, servindo como uma ferramenta de luta para buscar soluções e pela justiça socioambiental.

Nota: Como os territórios tradicionais tratados nessa publicação são ocupados por comunidades que habitam diferentes localidades, para evitar confusão esclarecemos que o termo “comunidade” aqui é utilizado para se referir a um conjunto de pessoas que possui entre si vínculos sociais de diversas naturezas, como parentesco, vizinhança, trocas, memória social compartilhada, que convivem e têm em comum o sentimento de pertencimento um determinado lugar.

“Localidade” é um espaço nomeado e ocupado, atual ou historicamente, por membros das comunidades. Uma comunidade pode ocupar apenas uma localidade (e geralmente nesse caso a comunidade recebe o mesmo nome dessa localidade) ou mais de uma localidade.

“Território” é o espaço/tempo social, cultural, político, econômico e de afetos; é resultado da relação entre as comunidades e as localidades que habitam, entendido em sua dimensão física e também sua existência imaterial e simbólica. O território abrange as localidades ocupadas pela comunidade e é base da reprodução dos modos de vida tradicionais em seus múltiplos aspectos.



## Resumo das ações do Projeto POVOS nos territórios do Territórios tradicionais da baía de paraty

+de **70** comunitários  
envolvidos

**497** elementos mapeados  
na cartografia social

**20** entrevistas realizadas

**17** oficinas  
de caracterização

**4** mapas falados

**9** mapas finais  
produzidos no MT6

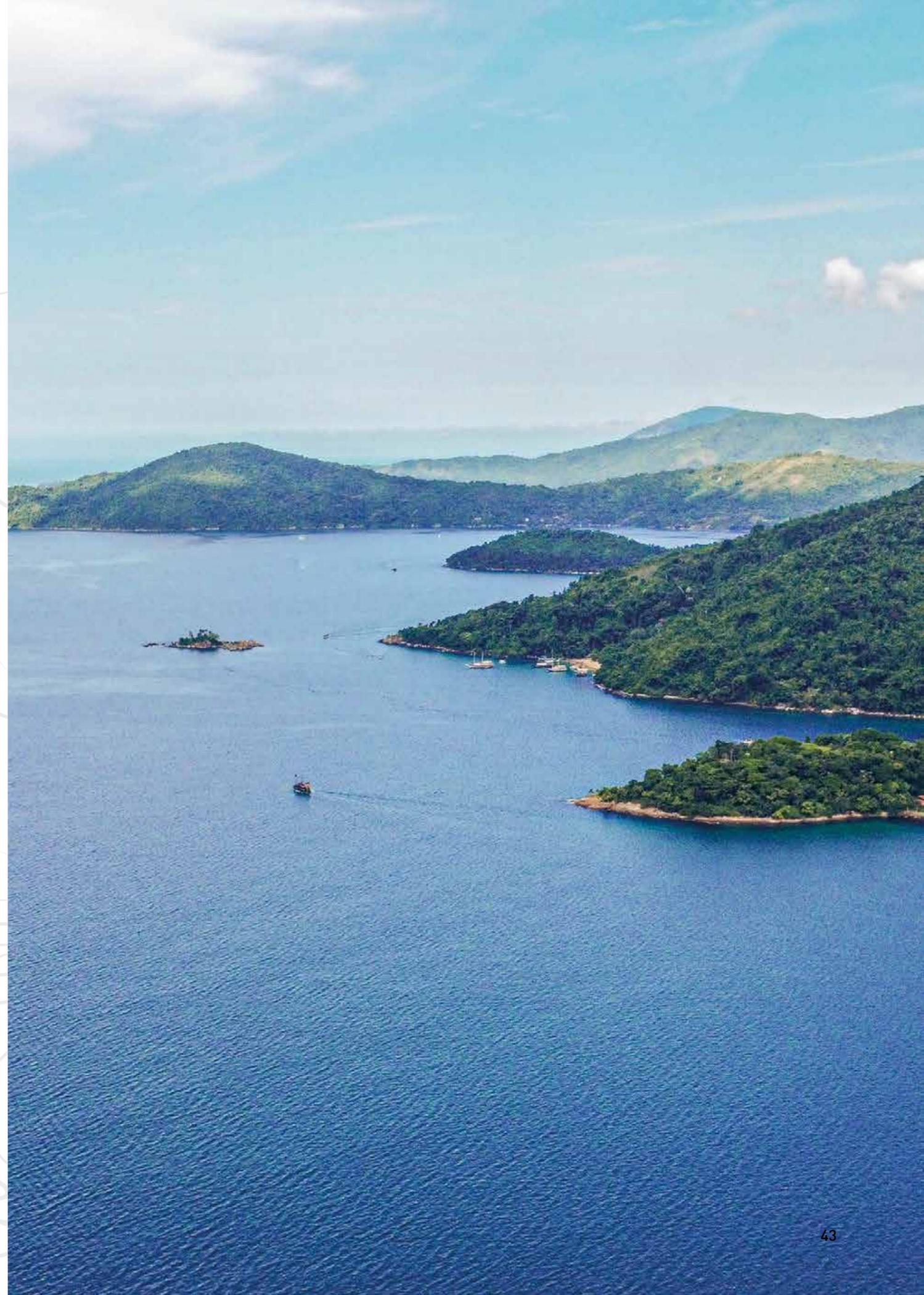
**7** atividades de  
mobilização e campo



TERRITÓRIOS DA

**BAÍA DE  
PARATY**

Resultados  
por território  
tradicional





# ILHA DO ARAÚJO

**A Ilha do Araújo está localizada na baía de Paraty, a 10 km do centro pela BR 101 em direção ao norte do município. É a ilha mais populosa de Paraty e a segunda maior em extensão territorial.**

**Situa-se em frente às localidades Praia Grande, Saco Grande e Ponta do Santo Antonio. Em linha reta, a menor distância entre a Ilha e o continente mede 290 metros.**

“ Era difícil, mas era a profissão deles naquela época. Era dali que tirava o sustento, do fruto do mar e da terra”

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos, Ilha do Araujo, 2022

Na Ilha do Araújo existem diversas localidades habitadas nomeadas: na parte voltada para o continente estão os núcleos mais adensados, como a Praia de Dentro, a mais extensa da Ilha, com 75% dos moradores da Ilha, e a Praia do Pontal. Essas localidades são habitadas, em sua maioria, por famílias caiçaras. Ainda na vertente voltada ao continente se situam as Praias da Tapera, Taperinha e Quiriri, onde predominam edificações de pessoas de fora. Na parte de fora da Ilha, as duas principais localidades são as praias Salvador Moreira e a Praia Brava, em ambas predominam a ocupação não-caiçara.

O acesso dos moradores e visitantes à Ilha se dá em embarcações particulares, a partir do cais da Praia Grande e também a partir de Paraty, em botes (percurso com duração de uns 15 minutos) ou traineiras (45 minutos). Há também um barco da Associação de Moradores e Pescadores da Ilha do Araújo (AMPIA), que faz o trajeto a partir do Porto do Emílio, localizado na costeira entre a Praia Grande e o Saco Grande. A travessia feita pelo barco da Associação acessa as localidades do Pontal e da Praia de Dentro e custa R\$ 5,00 (sete reais), e sua duração é de 10 a 15 minutos.

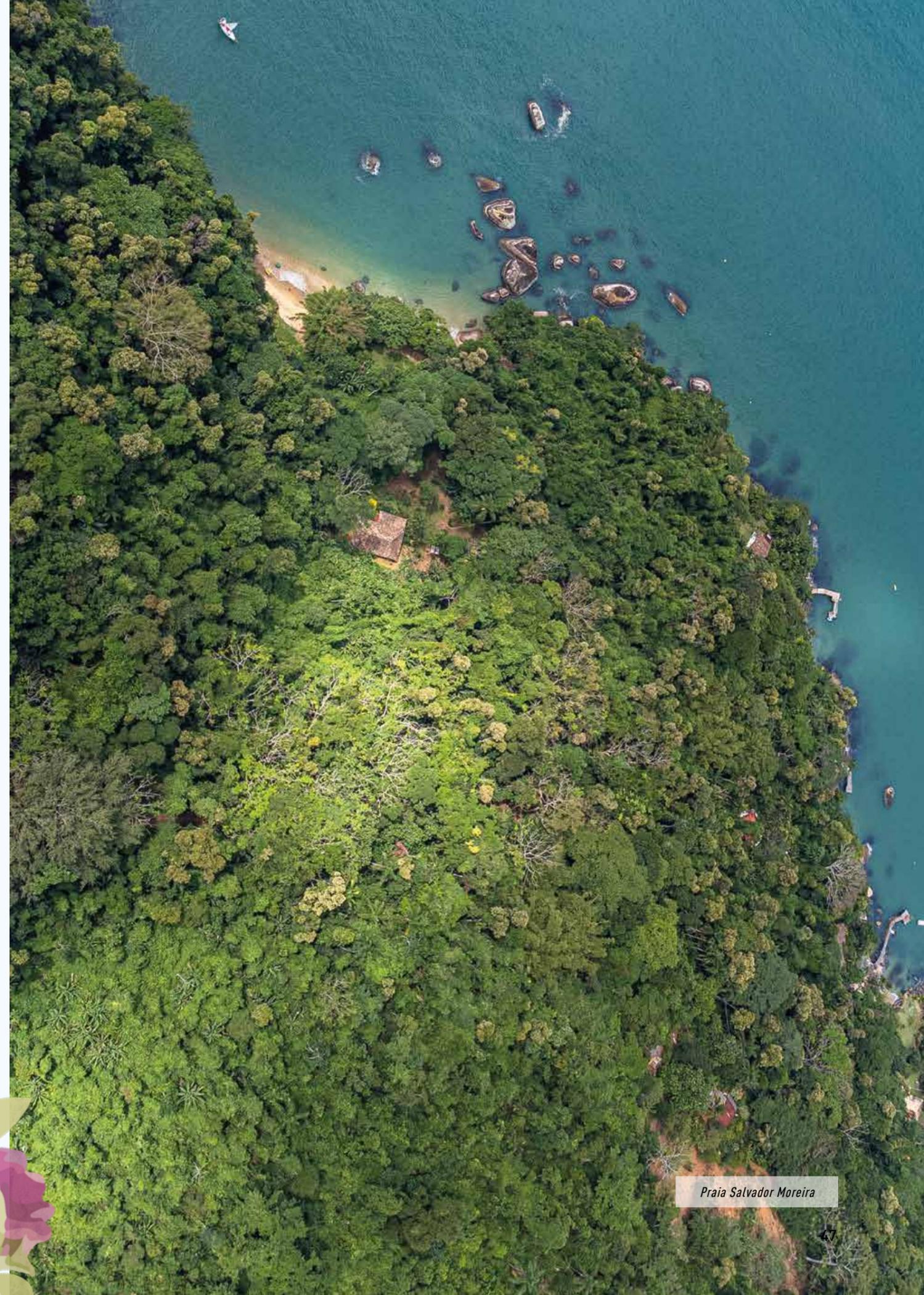
Para acessar as localidades ao longo da Ilha existe um caminho histórico que dá a volta. Houve, por parte de proprietários não caiçaras, 2 tentativas de fechar alguns pontos desse caminho: no condomínio da Praia da Tapera e no condomínio da Praia Brava. Mas a comunidade se organizou e não permitiu. Um desafio que a comunidade ainda enfrenta é que a construção de algumas casas invade os encima, privatizando áreas coletivas.

Importante mencionar a relação da Ilha do Araújo com a Praia Grande, localidade mais próxima no continente. A Praia Grande é o local de referência para a travessia e é o local onde os moradores costumam deixar o carro estacionado e as lanchas e barcos amarrados.

## POPULAÇÃO

Em 2013, segundo o Relatório Comunidades pesqueiras de Paraty - sugestões para manejo (BEGOSSO e LOPES 2014) havia na Ilha do Araújo 110 famílias. Levantamentos mais recentes repassados pela AMPIA indicam que atualmente são cerca de 175 famílias e cerca de 750 pessoas morando.

Em 2015, havia 292 edificações na Ilha, segundo a AMPIA, incluindo moradias permanentes, casas de veraneio e estabelecimentos comerciais como restaurantes, pousadas e mercado.



Praia Salvador Moreira



# HISTÓRIA DA LOCALIDADE

A história do nome da Ilha do Araújo aparece no relato de Almir Tã, caiçara nascido e criado na ilha, presente em um documentário produzido pela Casa de Cultura de Paraty. Segundo Almir Tã, a ilha era habitada desde os anos 1700, mas foi somente nos idos do século XIX que ela recebeu o nome pelo qual é conhecida hoje. Um mercador português, de nome João Araújo, mascateava na região em uma embarcação a vela. Um dia, ancorou na Praia da Tapera para se abrigar de uma tormenta. Foi daí que ele conheceu os moradores da Ilha do Araújo, que pescavam. Os pescadores encontraram um filhote de baleia encalhado na Ponta da Baleia e, segundo o relato, precisavam salgar e conservar a carne. Foi assim que o mascate entregou aos pescadores 1 alqueire de sal e em troca tomou posse da Ilha. Até os anos 1960-70, a Ilha era conhecida como Ilha João de Araújo, depois passou a se chamar simplesmente Ilha do Araújo.

No início da ocupação da Ilha do Araújo havia cerca de 6 famílias, segundo Almir Tã. As famílias caiçaras que moram na Ilha atualmente, mais de cerca de 170, não descendem do mascate português, de modo que o sobrenome não se encontra entre os moradores tradicionais atuais.

A comunidade caiçara na Ilha do Araújo foi se constituindo ao longo do século XIX, fruto da mistura de colonizadores portugueses, indígenas e negros. De lá pra cá, segundo informações genealógicas repassadas pelos moradores, houve casamentos com pessoas de outras comunidades. Almir Tã se reconhece como descendente de indígenas

guaianazes que circulavam principalmente pelo planalto paulista e vale do Paraíba, mas às vezes desciam a serra. A teia formada pelos laços de parentesco conecta diferentes territórios tradicionais caiçaras de Paraty.

Alguns exemplos ajudam a visualizar esse processo: Eder e sua tia Carmem contaram que possuem ascendentes que vieram de algumas localidades da península da Juatinga, como Ponta Negra, Praia do Sono e Mamanguá, e também da Trindade. Na história dos parentes mais antigos, há relatos de mulheres, principalmente de origem indígena, que fugiram de casamentos forçados.

Nem sempre é possível precisar a origem desses ascendentes, porque no passado era comum as famílias mudarem de lugar de moradia ao longo do tempo, e o lugar de nascimento não coincide com o lugar onde se mora depois.

Almir Tã conta que na origem da formação da comunidade caiçara da Ilha do Araujo havia 3 irmãos: Antonio Virgulino Pacheco, que morava no Pontal; Pedro Virgulino Pacheco, no cascalho; e Julio Virgulino Pacheco, também no Cascalho. Esses três irmãos nasceram na Ilha do Araujo. O Hélio Virgulino dos remédios, que é pai de Almir Tã, Carmem, e mais 5 irmãos, é neto de Antonio Virgulino pela via materna: Maria Cecília Pacheco, sua mãe, nasceu na Ilha do Araujo por volta de 1917. Percorrendo a genealogia de Antonio Virgulino, é possível remontar uma genealogia de 6 gerações com nome e sobrenome de parentes vivendo na Ilha do Araujo. Mas a ocupação é possivelmente bem mais antiga, porque Almir Tã mencionou que no início do século XIX (por volta de 1820) já havia umas 20 famílias morando na Ilha.

Pela via paterna do Eder, seu avô, Hélio Virgulino dos Remédios, possui parentesco com famílias da Ponta Negra. O sobrenome Remédios é encontrado em alguns núcleos familiares da Ilha do Araújo e também entre caiçaras do Cairuçu, Saco das Anchovas e Martim de Sá, segundo levantamento genealógico realizado pelo projeto Povos na Península da Juatinga.

Pela via materna, a sua bisavó, Natalina Pacheco, mãe de Cantídio dos Santos, veio do Mamanguá.

Em uma conversa com Lindalva Maria dos Remédios, de 63 anos, ela falou de uma das ancestrais mais antigas que se tem memória na Ilha do Araújo: a Mariquinha, mãe de Clementino, que morreu com cento e poucos anos, e que tem parentes vivos até hoje na ilha, como a própria Lindalva. A avô materna de Lindalva, Brasilíssima dos Remédios, chegou a morar na Ilha do Araújo, mas não foi possível precisar se ela nasceu ali ou não. Considerando que Lindalva já é bisavó, somam-se 6 gerações na ilha do Araújo, desde sua avó até seus bisnetos.





Quando evocam o passado, os moradores falam da onde vinham os alimentos consumidos pelas famílias e da importância da agricultura. As pessoas viviam da roça, pesca e criação. Quase todas famílias plantavam mandioca e faziam farinha, produziam feijão, cana e banana; pescavam peixes e camarão no puçá – um petrecho artesanal de pesca feito de nylon fininho preso em duas varas de bambu, muito usado nos baixios que são comuns na Baía de Paraty e redondezas da Ilha; e tinham criação de galinha. O sustento das famílias vinha do trabalho diário nessas atividades. A criminalização da atividade agrícola e o aparecimento de condomínios com casas de veraneio mudaram a lógica de uso da terra.

“ Minha mãe e meu pai trabalhavam direto na roça. Tinha cana, mandioca, café, isso aqui era tudo café na época dos meus pais. Vivia vendendo banana. Era tudo bananal aí pra cima, aqui embaixo era café e roça de mandioca lá pra cima.

Quando começou a proibir de fazer roça, todo mundo parou de fazer roça, não podia roçar, não podia queimar, como ia fazer roça? Aí o povo desistiu, foi trabalhar de doméstica. A maioria foi todo mundo trabalhar de doméstica nos condomínios que tem na Ilha do Araújo, e pararam de construir as roças.

Carmem dos Remédios, 61 anos,  
Ilha do Araújo, 2023



Na Ilha do Araújo resta uma casa de farinha, de Dona Lindalva, que mantém uma plantação de mandioca. Na comunidade, as pessoas têm quintais de frutíferas, plantas medicinais, temperos e flores.

Antes do acesso rodoviário, os moradores da Ilha do Araújo iam de canoa a remo pra cidade, trajeto de mais ou menos 1 hora remando, ou atravessavam para o continente e iam a pé. Os mortos também eram levados nas canoas até Paraty para serem enterrados na cidade.

Com a abertura da rodovia BR-101, as coisas mudaram: o turismo chegou em Paraty, a cidade cresceu e diversos fatores passaram a alterar a forma de ocupação do território. Com a chegada de turistas surgiram novas oportunidades de trabalho e negócio, os quais foram aproveitados pelos moradores locais assim como por pessoas de fora do território. Caiçaras da Ilha do Araújo se tornaram caseiros, mas ainda mantinham áreas agrícolas e pesca. Dona Lindalva conta que quando casou, saiu da Ilha do Araújo para ser caseira na Praia do Rosa, mas que era complicado contar com o salário, porque muitas vezes atrasava.

**“ Batia no canal andando pra cidade pra receber um dinheiro, chegava lá, cadê o dinheiro? (Faltava cair no banco) Voltava de novo com essas crianças na canoa, criança chorando, com fome, ventando no canal, batia aquelas marolas, pra você ver a dificuldade”**

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos,  
Ilha do Araujo, 2022

Carmem, por outro lado, lembra que a Ilha do Araújo foi uma das primeiras localidades na Baía de Paraty a abrir um restaurante desses que se chega de barco, ainda em 1978, há 45 anos atrás. Na Praia Vermelha da Ponta Grossa, localidade também considerada uma das pioneiras nesse ramo, o restaurante foi aberto depois da Ilha do Araújo.

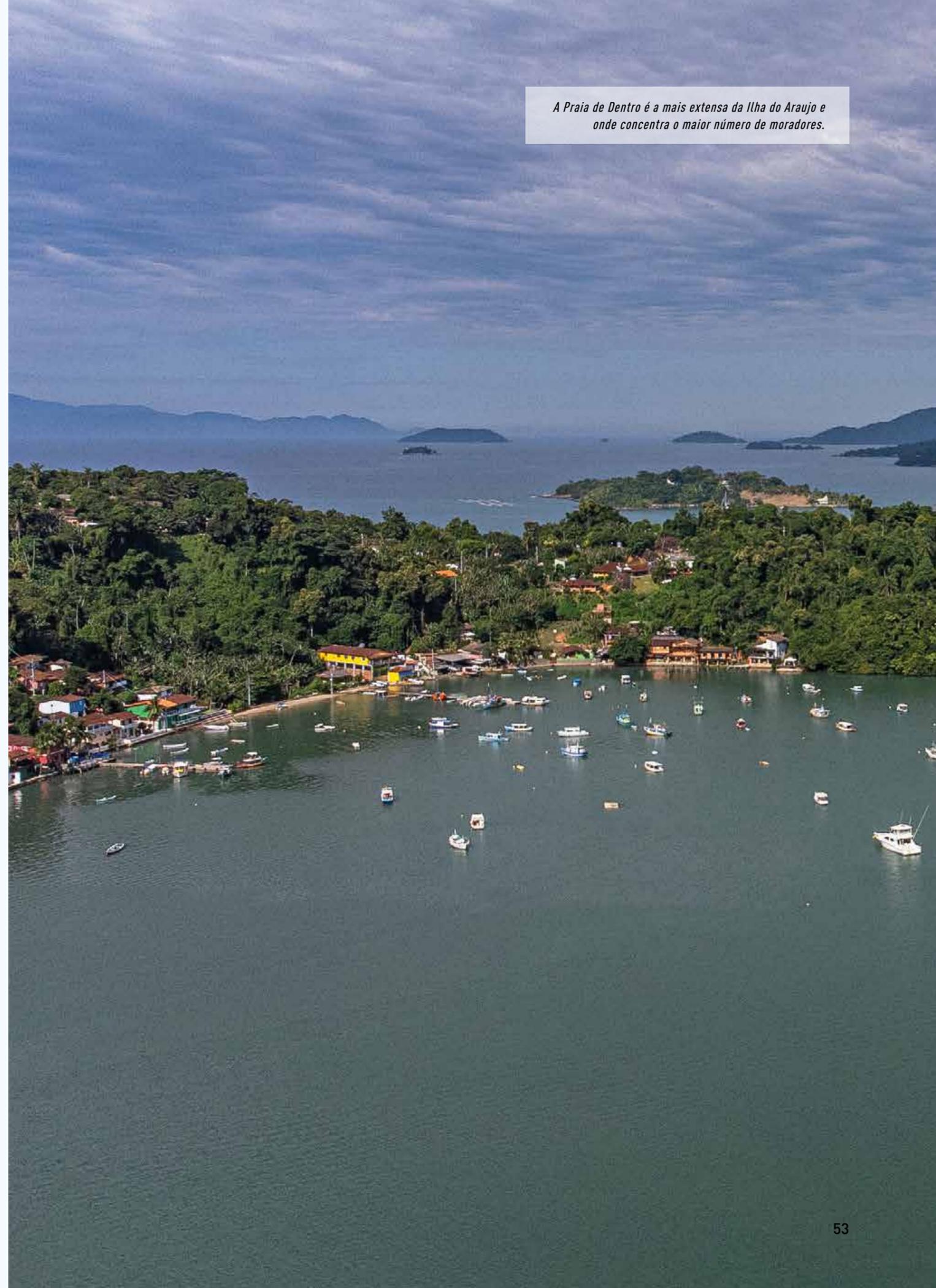
**“ O primeiro restaurante da Ilha do Araujo foi o nosso, aqui no Pontal. Meus pais fizeram. Eu cozinho com eles desde os 15 anos. Na época tinha 3 escunas em Paraty e eles traziam turistas pra cá.”**

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos,  
Ilha do Araujo, 2022

Apesar das transformações, as atividades tradicionais permanecem na Ilha do Araújo, principalmente a pesca e o plantio, cultivado em pequenas áreas próximas das casas. Aspecto importante no processo de manutenção do modo de vida caiçara, o festejo de São Pedro, tradicional da Ilha passou a ser um evento turístico do calendário da cidade atraindo visitantes e fomentando a economia local.



Cais e canoas na Praia do Pontal



A Praia de Dentro é a mais extensa da Ilha do Araujo e onde concentra o maior número de moradores.

# MODOS DE FAZER

## PESCA

“ Eu só trabalho com camarão. Eu tinha rede de matar peixe, mas vendi tudo. Não tem peixe mais, não. No começo, a gente pescava de cerco. Quando meu pai veio pra cá, eu tinha sete anos, meu pai comprou um cerco e ele pescava de cerco na Ilha da Rapada. De barco até a Ilha da Rapada dá mais ou menos 20 minutos sentido Ilha Grande. E visitava duas ou três vezes no dia. Eu comecei assim. Matamos muito peixe de cerco, minha nossa senhora, eu era pequenininho. Eu não estudei, não estudei pra poder ajudar meu pai.

Para tirar o peixe bom, que vinha muita cavala, sororoca, parú, eu desamarrava a copiada do cerco, eles iam mexendo na rede e as espadas ia saindo e eu bem ali segurando.

Depois meu pai vendeu o cerco porque não tinha ninguém pra ele trabalhar na época. As pessoas queriam trabalhar, mas a maioria do povo trabalhava na roça e o cerco geralmente tem que tá três vezes no dia. Tinha que ir de manhã, ir meio-dia e ir à tarde. Aí as pessoas começaram a deixar de ir, eu ia com meu pai, mas depois me deu preguiça também... Era “pelada” aqui na praia, meu pai chegava, “não, não vou”, “não, vou não”. Ele se aborreceu e vendeu. Aí fui pescar, matar cavala de rede e trabalhava na roça ainda, ele não parou

de trabalhar na roça e aí a gente seguiu. O meu cunhado trouxe uma baleeira da Ilha Grande, aí a gente foi matar cação, matei muito cação de rede, minha nossa senhora, cada cação que a gente matava.

A gente ia até Ilha Grande, rodava por aquilo tudo. De primeira passava por aquilo tudo. Ontem eu tava conversando com o Carlos Alberto, que foi um dos primeiros caras que a gente descarregava pra ele. Ele falou “Bebé, ó: acabou o peixe. Só nós dois sabemos como dava peixe aqui, quantas noites vocês me acordaram pra ir aí descarregar cação”. Ele chegou lá no mercado não tinha nada. ‘Bebé acabou o peixe né?’”

Alonço da Conceição Araujo, “Bebé”, 71 anos, 2022

A pesca na Ilha do Araújo segue sendo uma atividade fundamental para garantir alimentação das famílias e gerar renda. Embora a disponibilidade de peixe dentro da Baía de Paraty esteja em declínio, a pesca do camarão 7 barbas e branco ainda rende algum resultado.

A pesca é uma atividade tradicional, então as conversas sobre esse ofício sempre despertam memórias sobre o passado, sobre aprendizados que vêm desde a infância com os mais velhos, e detalhes sobre as técnicas.

“Bebé”, nasceu no Saco da Sardinha, localidade na Península da Juatinga, ao sul de Paraty, mas foi criado na Ilha do Araújo desde os 7 anos. Ele conta que sua iniciação na pesca foi com seu pai, mas logo saiu para trabalhar na pesca embarcada. Desde a década de 1970 trabalha na pesca de arrasto de camarão.

Rede de pesca de robalo



## “ Pesco desde quando nasci.

Não fiz outra coisa na vida. Aprendi com meu pai, ia de canoa com ele. Depois com quatorze anos saí pra pescar de arrasto em barco e não parei mais. Daí trabalhei morando aqui (na Ilha do Araújo), depois saí do barco daqui e fui pra Cabo Frio, trabalhar em Cabo Frio. De Cabo Frio fui parar lá em Vitória, e vim embora pra cá. Eu trabalho até hoje embarcado, mas pra lá eu trabalhei quatro anos.

*Alonço da Conceição Araujo, "Bebé", 71 anos, 2022*

Na Ilha do Araújo são cerca de 60 pescadores que se dedicam à pesca do camarão. A maior parte deles, cerca de 40 pescadores estão envolvidos com a pesca de arrasto de camarão sete-barbas, mora na praia de Dentro. Os demais residem em outras localidades da Ilha do Araújo como na Tapera e no Pontal. Há apenas 1 barco de arrasto de camarão rosa na Ilha do Araújo. Em relação às regiões de pesca, a zona de pesca do camarão sete-barbas e do camarão branco é dentro da Baía da Ilha Grande enquanto que a zona de pesca do camarão rosa é mais longe, sendo indicado fazer o arrasto durante a noite.

Alguns pescam camarão VG (Variações Grandes ou Verdadeiramente Grandes) com a técnica artesanal: vão de canoa com rede de malha 25 a 27 nos meses de junho e julho enquanto que entre outubro e dezembro usam rede de malha 30. O puçá também era utilizado antigamente.

Os materiais usados para pesca de camarão foram mencionados na entrevista realizada com Bebé. Bebé avalia que em 2023 deu menos camarão branco de rede. O defeso mudou de período, antes era março, abril e maio. Agora é de fevereiro a abril. Em fevereiro, segundo ele, os camarões ainda estão muito pequenos.

“ [Na pesca do camarão usa] a rede, as portas que são duas pranchas, e o cabo.

A rede eu mando fazer. Pra matar o sete-barbas e o camarão branco, até o rosa mesmo aqui por terra, a gente usa o fio 50 com a malha 20 e o sacador com a malha 20. Pra matar camarão rosa, tem que ser uma rede com a barriga forrada de polietileno, se botar plástico puro, não mata o rosa. É um segredo que ninguém sabe explicar, mas não mata. Aí é o polietileno, o fio 6 com a malha 20 também, só a barriga da rede, pra debaixo da rede. A parte de cima é plástico do mesmo jeito. O chumbo é tudo contado, de sete em sete, desse tamanho assim o chumbinho. De sete em sete arcala. Arcala é o que entalha a rede. O cabo, se ficar esticado de um lado maior do que o outro, já dá diferença na rede e na pescaria. É uma coisa que tem que ser tudo certinho ali.

O senhor Irineu, um senhor catarinenense, já de idade, que viveu em Santos, já morreu há muito tempo, ele era redero. Ele fazia rede, tinha barco, e fazia arrastão também. Ele falava que quem inventou o arrastão era maluco, porque você não via a rede pescar. É no fundo, você não vê. É só pela prática que você percebe se tá pescando ou não. É a mesma coisa de você andar num caminho escuro que você não conhece, você não sabe onde pisa, já quem conhece o caminho anda normal no escuro. Então arrastão é assim, é uma coisa muito minuciosa, não é qualquer pessoa que pega o arrastão, vai pescar acerta com ele.”

*Alonço da Conceição Araujo, "Bebé", 71 anos, 2022*



*Alonço, conhecido como "Bebé"*



*Rancho de pesca entre o Pontal e a Praia de Dentro*

A rotina do pescador é sair pra pescar todo dia, a não ser que o tempo esteja ruim. Às vezes os pescadores saem de madrugada e isso depende da hora que “tá dando” mais camarão. Em um dia normal, os pescadores chegam a passar de 6 a 8 horas no mar e fazem 3 lances. Cada lance é uma arrastada de rede que dura 2 a 3 horas, com o barco em movimento. A virada de lance envolve puxar a rede pra cima (ela fica presa nas portas laterais do barco), e antes de voltar para o mar, todo o pescado deve ser retirado da rede. Esse processo demora de 10 a 30 minutos, depende se veio muita “sujeira” na rede. Segundo Bebê, a área de pesca do camarão sete-barbas vai até 10 milhas náuticas, até o parcel, mas não saem da Baía da Ilha Grande. Os ventos influenciam diretamente o resultado da pesca. A partir do mês de setembro, por exemplo, a lestada (vento leste) bate entre 11 e 12 horas da manhã, mas quando bate o vento nordeste, esse que “limpa o fundo”, esfria a água e não dá camarão.

Além da pesca de camarão, foram mencionadas técnicas de pesca de diversos peixes. Os pescadores informaram que na Baía de Paraty capturam robalo e a pescadinha, peixes com valor comercial. A pesca do robalo pode ser uma alternativa para os meses de defeso de camarão (de março a maio), embora o resultado seja inferior à pesca de camarão. Para a pesca do robalo, umas das técnicas utilizadas é a “pesca de toco”, que funciona em locais mais rasos.

A pesca de toco, muito praticada nos baixios da Baía de Paraty é uma técnica de pesca em que objetos ou pedaços de madeira são jogados no mar, e ali se criam pesqueiros. Para saber a posição do pesqueiro, os pescadores marcam pela triangulação com referências geográficas, como pontas, ilhas etc. Os robalos gostam de habitar essas tocas, e grandes cardumes podem ser capturados dessa forma. Para o arrasto de camarão essa técnica não é muito boa, pois as redes rasgam no fundo.

Tradicionalmente, na temporada da tainha, os pescadores do Araújo também se dedicam a captura desses peixes fazendo uso de uma rede específica e de uma técnica própria pra cercar porque as tainhas têm um comportamento singular. Derli, Eliel, Renato e Almir Tã são pescadores que dominam essa técnica de pesca na Ilha do Araújo.

Fora da baía da Ilha Grande, uma das pescarias mais importantes era do cação, mas com a inclusão de diversas espécies, incluindo o cação, na lista dos peixes proibidos, os pescadores perderam essa fonte de renda.

A pesca cotidiana de peixes menores, que as famílias capturam para o consumo familiar, podem ocorrer nas águas calmas da baía de Paraty com a utilização de tarrafas. O puçá também era muito utilizado para capturar camarão e peixes em zonas de águas rasas, mas atualmente o resultado dessa pescaria não compensa mais. Pesca de linha, além do uso de redes e mergulho, são outras técnicas utilizadas.

Também foi mencionada a importância do marisco de siri, abundante no ecossistema de manguezal que predomina nos fundos da baía de Paraty.

“ Aqui [no quiosque] quem trabalha é minha irmã, ela com a minha outra irmã. Eu trabalho por conta própria, faço meus doces, salgados e sempre vivi assim. Pesco siri e vendo carne de siri. A mulherada antigamente era assim.

Hoje em dia não, elas já pararam de pegar siri e já estão trabalhando mais nos condomínios, é um dinheiro mais fácil, menos trabalhoso.

A primeira pessoa que começou a vender carne de siri aqui pra fazer pastel fui eu, eu tinha vinte e poucos anos. Começou a fechar a pesca do camarão, daí não tinha, então tinha siri.

Pra pegar siri pode usar covão ou puçá de espera, mas eu uso também o puçá com cabo, o jereré. O siri pega na praia mesmo, joga uma corda com isac de peixe, quando ele pega, captura com o puçá. Se a maré vira, dá maresia, não tem como pegar.

Pra tirar 1 quilo de carne de siri precisa de uns 60 siris grandes. Dá trabalho!

Carmem dos Remédios, 61 anos, Ilha do Araújo, 2022



A questão da venda do pescado é um gargalo para muitos pescadores que dependem de peixarias e outros intermediários. O preço praticado não é vantajoso para os pescadores. Seu Bebê conta que a vida toda vendeu sua produção de camarão para a peixaria da Praia Grande, mas que, no período da pandemia, o preço do camarão foi a 6 reais o quilo. Bebê foi buscar outros compradores no cais e foi assim que criou uma freguesia mais diversificada, com compradores de Ubatuba, do Rio de Janeiro e de Guaratinguetá. Enquanto os donos de peixaria de Paraty compram o camarão sete-barbas a 8 ou 9 reais o quilo para revender por 15 ou 18 reais, Bebê vende direto por 12. Ele tem os dias certos de descarregar e toda semana consegue vender. Segundo Bebê, é necessário cultivar a freguesia para mantê-la. Ligar e avisar caso o carregamento não for feito no dia e entregar o pescado com um “chorinho”, uma pequena quantidade além do negociado.

Um dos desafios enfrentados pelos pescadores da Ilha do Araújo é a ESEC Tamoios que reduziu o território pesqueiro dos pescadores da Ilha do Araújo. Causa um sentimento de injustiça nos pescadores o fato de que, apesar da pesca ser proibida no local, saveiros grandes de turismo de Paraty são vistos atracando no local com centenas de banhistas.

Quando fala que o pescado está acabando, Seu Bebê evoca as lembranças da fartura que tinha de camarão na década de 1980

“ Eu já vi muito camarão. Teve um dia, eu morava em Paraty, saí do cais lá cinco horas da manhã, eu e meu irmão, falecido. Ele pescava comigo. Fomos lá pro Cedro, demos três lances, dois lances de uma hora e um lance de quarenta e cinco minutos. Matei 497 quilos de sete barbas nesses três lances, levei camarão até no cobertor, olha era tanto camarão que não tinha como pegar na rede de tanto camarão que vinha. Camarão caia dentro d'água, meu irmão falava 'tá caindo, deixa cair mano, tem muita coisa aí'. Era muita coisa. Isso aí tem muitos anos, eu ainda morava na cidade ainda, foi mais ou menos pros anos 80, 85, por aí. Hoje eu trabalho a semana inteira pra matar 80 quilos, 120, e a pessoa ainda fala 'tá grosso...'”

Alonço da Conceição Araujo, "Bebê", 71 anos, 2022



O Puçá é usado para captura de peixes e siris nos bastios, praias e costeiras.

## ROÇA E PRÁTICAS DE CUIDADO

Dona Lindalva foi criada aprendendo como produzir, processar e preparar os alimentos da roça. É das poucas pessoas da Ilha do Araújo que mantém uma rotina ligada à produção agrícola até hoje. Sua casa fica mais afastada dos núcleos mais adensados da Ilha do Araújo, o que lhe permitiu conservar uma área para continuar plantando.

“ Meu pai e minha mãe plantavam, eles tinham muita roça aqui, minha filha. A roça do meu pai não, já era lá na Praia do Rosa, que nós morava lá. Era mandioca pra fazer farinha, era cana, banana, era algum aipim, café, batata, inhame, esses negócios assim de roça. Por prova, está até o engenhozinho ali que era dele. Engenho pra moer cana. Moer cana ainda pra coar meu café no fogão à lenha. É que o gás tá caro, eu pego nesses matos aí com minha filha, ela me ajuda, eu pego lenha no meio desses matos aí. Milho? Tenho, tá ali”

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos, Ilha do Araújo, 2022

A casa de farinha de Dona Lindalva é a única que restou na Ilha do Araújo. É uma casa de farinha ativa desde o tempo de seus pais que ela manteve em funcionamento. De vez em quando ela e a filha torram farinha para consumo próprio.



Dona Lindalva no quintal

“ Farinha não faço pra vender, só pro gasto mesmo. Eu e minha filha, eu arranco com ela. Pra fazer farinha é mandioca brava, já aipim é pra cozinhar, mais molinha, cozinha ela pra tomar café, é uma beleza. Ali onde que vocês passaram ali não tem umas pilastras em pé? Se olhar pra cima perto do bambu, ali tinha uma do meu padrinho. Meu padrinho, o Arcindino.”

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos,  
Ilha do Araujo, 2022

Lindalva conta que às vezes desanima de plantar, porque algumas pessoas passam pela sua roça, arrancam suas plantas e levam embora, sem falar que, com a idade, a vitalidade para o cuidado das plantas também começa a diminuir. Além das plantas usadas na alimentação, Dona Lindalva tem algumas que servem de remédio e que mantém em seu quintal:

“ Eu tenho a cidreira, eu tenho elixir paregórico assim pra cólica né, é bom. Eu planto alguma coisa. Tem cacau, tem fruta pão, banana, amora, coqueiro. Tem muita coisa, mas tem hora, minha filha, que eu tenho vontade de vender e sair porque é longe pra mim, tô ficando de idade já, é longe.

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos,  
Ilha do Araujo, 2022

Uma das parteiras que atuava na assistência das mulheres da Ilha do Araujo era Maria, mãe de Dona Lindalva:

“ Minha mãe era parteira. Era Maria [o nome dela]. Ela fazia parto de todas as mulheres, fazia parto em todo lugar. Não ganhava um tostão. Usava aquelas saias, aquelas saias compridas que tem aquele bolso, botava o cachimbo dela ali, botava o fumo ali. Tchau, vai com Deus”

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos,  
Ilha do Araujo, 2022

## TURISMO

O turismo náutico também é um trabalho ao qual algumas pessoas da comunidade da Ilha do Araujo se dedicam. Algumas embarcações são botes com capacidade para até 9 passageiros, e são usadas também baleeiras e barcos de pesca maiores que são adaptados para transporte de turistas com capacidade de até umas 20 pessoas.

Além das praias na parte de fora da Ilha do Araujo, há dezenas de outros destinos para serem visitados dentro da Baía de Paraty. Os mais procurados são: Praia Vermelha (Ponta Grossa), Praia da Lula, Lagoa Azul (novo nome dado por agências de turismo de Paraty), Ilha dos Cocos, Saco da Velha, Ilha da Cotia, Saco do Mamanguá.

Os festejos que ocorrem na Ilha do Araujo (ver detalhes adiante) também são importantes atrativos turísticos. Muitas pessoas de diversos pontos de Paraty, além de turistas de fora, chegam para participar.

Há quiosques, restaurantes, pousadas e casas de aluguel na Ilha do Araujo, e na temporada, a agitação toma conta da Ilha. Há muitos visitantes e muito trabalho pros moradores que se organizam para recebê-los. Boa parte dos não-caiçaras que tem propriedades na Ilha também exploram turisticamente a Ilha, alguns com empreendimentos de luxo.

O artesanato também é um componente da vida cultural da Ilha que contribui para o turismo.

## ARTESANATO E CULTURA MATERIAL TRADICIONAL

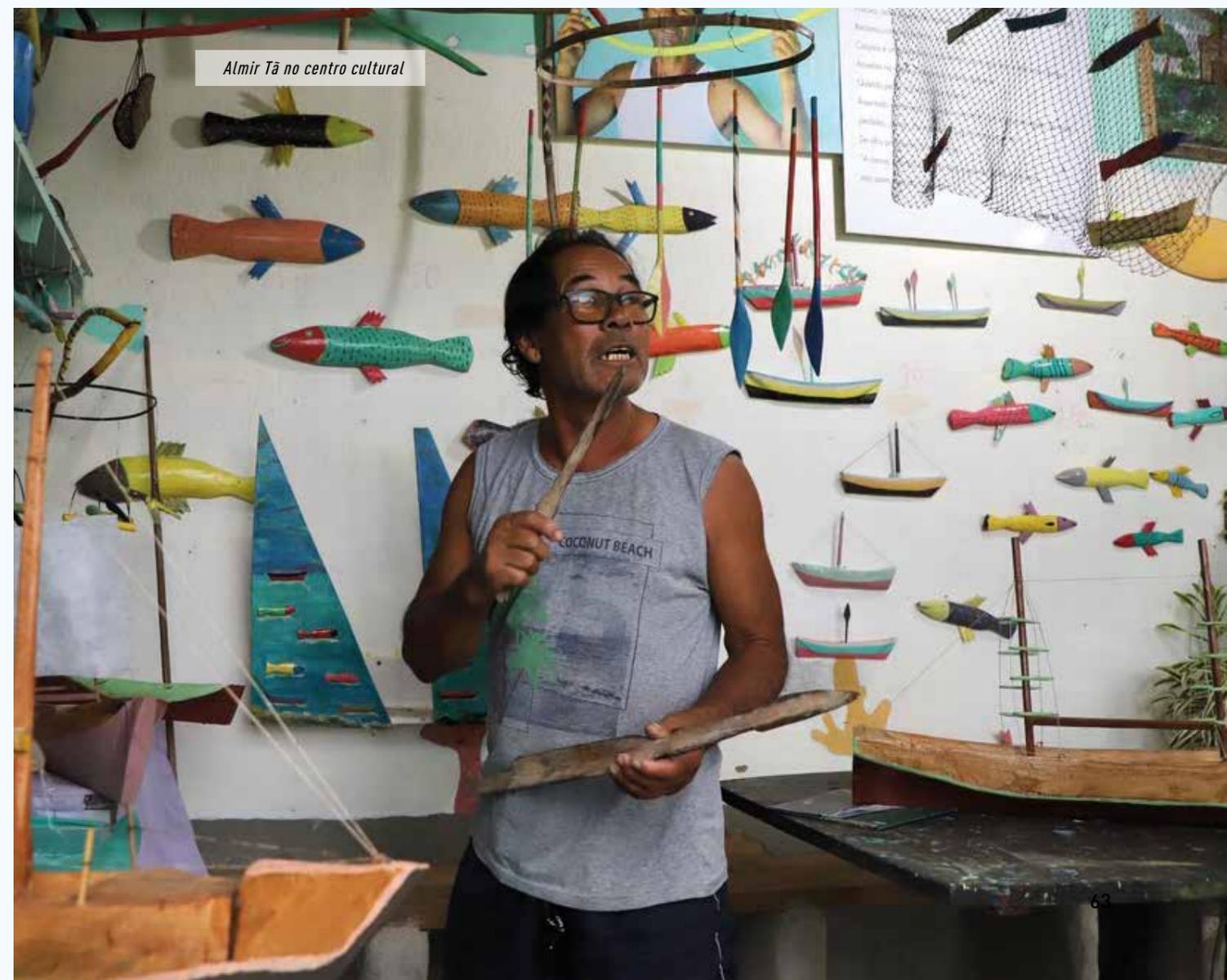
Na Ilha do Araujo há artesãos que produzem diferentes peças artesanais. No Pontal, Almir Tã mantém uma lojinha com seus peixes de madeira coloridos para colocar na parede, além de outras peças decorativas ligadas aos território e cultura caiçara.

Há mulheres que fazem bordados e crochê. Carmem Lucia borda tecidos em ponto cruz e margarete e Ademilde vendem peças de crochê como caminhos de mesa, tapetinhos e capas de almofada.

Peças essenciais para uso nas atividades domésticas e pesqueiras, tais como o covo, tipiti e balaio eram produzidas na Ilha pelo Seu Joaozinho, mas ele faleceu e não tem quem faça atualmente.

O Seu Clovis sabe fazer canoa, mas está com quase 80 anos. A Aranildo também sabia fazer canoa, mas ele faleceu.

Muitos dos pescadores da Ilha do Araujo compram seus remos no Mamanguá.



# PAINEL DE BENS CULTURAIS

CELEBRAÇÕES	FORMAS DE EXPRESSÃO	MODOS DE FAZER	LUGARES	EDIFICAÇÕES
Folia de Reis (M)	Bailes: roda viola, bebida, comida típica, janta, café da manhã, melado, farinha	Modo de fazer canoa, remo e puçá	Pontal	Igreja Assembleia de Deus
Bandeira do Divino João Paulo - violão João - viola Edinho - coordenação da igreja Segunda voz - Mulheres, Cláudio Aquino	Linguagem: termos e expressões caiçaras: serãozinho, cisqueiro, tresantonte, terralão	Modo de fazer rede: tarrafa (antes fazia todas as peças das redes: chumbo, cortiça, corda de embira);	Monte (topo da ilha/mirante, lugar de oração)	Igreja de São Pedro/São Paulo (+ -- 60 anos)
Festa de São Pedro e São Paulo com procissão marítima	Lendas	Culinária	Praia Salvador Moreira	Biblioteca;
Festival do Camarão	Cavaçada: escorregar na totoa da palmeira;	Modo de fazer balaio/covo	Toca dos Ossos	Escola

CELEBRAÇÕES	FORMAS DE EXPRESSÃO	MODOS DE FAZER	LUGARES	EDIFICAÇÕES
Aniversário da Igreja Evangélica (Set)	Corrida de canoa caiçara	- Modo de curar e prevenir doenças (benzedeira)	Sítio Sambaqui	2 casas de farinha
Festa do Papai Noel (M)		- Parteira, Maria (avó do Fernando) (M)	Vulcão (Platô)	3 Cais comunitário (pontal e Praia de Dentro)
Nossa Senhora da Conceição (8 dez) (M) Helio Virgulino tinha feito promessa. Fazia 3 dias de novena e leilão. Depois que morreu continuaram por mais 3 anos e depois acabou.		Modos de fazer artesanato (de madeira, escamas, bordados, crochês)	Pau d'alho (mula sem cabeça)	Ranchos de pesca
		Modo de trabalho em mutirão	Praia da Tapera/ cemitério	
		Modo de plantar	Nascentes de água	
		Modo de fazer farinha	Pedra da ponta da baleia / arpoador	
		Modo de pescar		



*Canal que separa o continente da Ilha do Araujo. Na foto é possível avistar a Praia de Dentro, o Pontal e o Cascalho, e no continente: o Saco Grande, a Praia do Rosa, Corumbê, Praia do Jabaquara, parte da Baía de Paraty e ao fundo os morros da Forquilha e Cuscuzeiro, na divisa de estado Rio de Janeiro-São Paulo*

# FESTA DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO FESTIVAL DO CAMARÃO

O festejo de São Pedro, que depois incorporou São Paulo, é a celebração mais importante da Ilha do Araújo. O festejo realizado em louvor aos dois santos possui diversos momentos: novena, missa, procissão, baile, e acontecem tanto na ilha quanto na cidade de Paraty. Na ilha, os festejos se concentram na igreja de São Pedro, localizada na Praia do Pontal. Na cidade de Paraty os louvores e ritos ocorrem na Igreja Matriz, onde as imagens de São Pedro e São Paulo ficam por sete dias até saírem em andores,

**“A festa de São Pedro, a festa de São Paulo é muito linda”**

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos, Ilha do Araujo, 2022



conduzidas pelas ruas do Centro Histórico em direção ao cais de turismo. De lá, a procissão segue por via marítima acompanhada de dezenas de embarcações enfeitadas até a Ilha do Araújo. Os donos dos barcos mais enfeitados são premiados.

O mastro é erguido na frente da igreja do Pontal uma semana antes da procissão. A comunidade católica da Ilha do Araújo realiza a novena, que são 9 dias consecutivos de orações em devoção aos santos. Os responsáveis pela organização do mastro e outros detalhes do festejo são os festeiros, que mudam a cada ano.

Quando a imagem chega à Ilha do Araújo, é recebida com fogos e então o padre celebra uma missa na Igreja de São Pedro. Toda a Praia do Pontal e a igreja são enfeitadas com bandeirinhas, redes de pesca e peixes.

Na ilha, a festa de São Pedro e São Paulo costuma durar 3 dias, começando na sexta-feira mais próxima do dia 29 de junho e indo até o domingo, quando as imagens dos santos chegam de volta à comunidade. Ao longo desses dias, uma programação cultural com apresentações musicais, dentre as quais os grupos de ciranda caiçara, animam os bailes. Corridas de canoa também são organizadas durante o festejo, resgatando uma antiga tradição de utilizar essa embarcação tradicional, tão simbólica da cultura caiçara, em atividades lúdicas e esportivas.

*Embarcações enfeitadas em procissão marítima acompanhando as imagens de São Pedro e São Paulo da Igreja matriz de Paraty até a Igreja de São Pedro na Ilha do Araujo.*



*Imagens de São Pedro e São Paulo saem da Igreja matriz e são levadas no andor até o cais de turismo, onde embarcam para e início da procissão marítima.*



As comidas vendidas na Festa de São Pedro e São Paulo são variadas receitas com camarão, já que, com a reabertura da pesca, após 3 meses de defeso, há fartura nas embarcações dos pescadores. Camarão recheado com farofa, casadinho, bobó de camarão, estrogonofe, porção de camarão frito e pastel de camarão são algumas das opções. Há também pratos com peixe frito. O camarão com mamão verde também é uma receita típica da Ilha do Araujo, mas esse prato fica restrito aos lares caiçaras, não é servido nos festejos. Algumas semanas antes da Festa de São Pedro e São Paulo, a comunidade da Ilha do Araujo promove, junto com a comunidade caiçara da Praia Grande, o Festival do Camarão. Essa festa gera renda para os pescadores caiçaras e dá visibilidade a esse produto tão importante na economia local. Parte da renda gerada no festival é reinvestida na produção do festejo dos santos.

A prefeitura municipal de Paraty contribui com estruturas de palco, som e luz, e incluindo a Festa de São Pedro e São Paulo da Ilha do Araujo no calendário cultural e turístico da cidade.

Além da comunidade católica da Ilha do Araujo, anfitriã da festa, muitas pessoas de outras comunidades caiçaras da região, que partilham da devoção a São Pedro, comparecem no festejo, além de veranistas e turistas. Na Ponta Grossa, por exemplo, durante uma entrevista sobre a história da localidade do Guerra, Seu Tuíco contou que sempre participava das procissões marítimas de São Pedro e das festas na Ilha do Araujo.

Os relatos trouxeram a importância crucial de José Virgulino Pacheco, o Zezinho, para a construção da igreja e a consolidação da Festa de São Pedro e São Paulo. Zezinho era uma importante liderança comunitária da Ilha do Araujo, além de ser responsável pela catequese. Ele faleceu há cerca de 5 anos, com uns 60 anos de idade.



*Igreja de São Pedro no Pontal foi construída entre a década de 1960 e 1970, resultado da articulação e liderança de Zezinho. Na foto aparece enfeitada para a Festa de São Pedro e São Paulo.*

# EDUCAÇÃO E SAÚDE

A educação diferenciada caiçara é uma bandeira de luta que a comunidade da Ilha do Araújo vem se engajando com mais força ultimamente. O coletivo de apoio à educação diferenciada do FCT em Paraty vem fortalecendo o movimento puxado pela comunidade.

As questões que motivam esta discussão são as transformações percebidas pelos mais velhos e alguns jovens que ameaçam a continuidade da cultura caiçara. O diálogo abaixo entre Eder e sua tia Carmem mencionam alguns pontos de reflexão: como as crianças vem sendo criadas em casa pelos pais e, de forma geral, pela comunidade? Qual o papel dos pais em estimular que as crianças se aproximem das práticas e conhecimentos ligados ao mundo da tradição caiçara?

**“** E: Se a gente for ver, é em casa, é a educação parental que não tem. Se a cognição dos pais não for atizada, então você vê produto. Mudar isso aí é bem complicado. Como que é? ‘É preciso uma aldeia para poder educar uma criança’. Eu fui criado por todo mundo né, tia? Saía comendo na casa de todo mundo, almoçava duas vezes, tomava café três. Tem uma avó aqui e uma avó do outro lado, vinha aqui almoçava, tomava café. Aí um fala que você era ensinado a respeitar, se era mais velho, qualquer um, não importa se fosse da família, mais velho falava, você respeitava.

Hoje também as crianças não têm a necessidade de pegar a canoa e atravessar, tem o barco da associação, todo mundo atravessa ali, as crianças atravessam ali, as crianças pegam mais caiaque pra andar, não pegam canoinha. A necessidade também é um fator forte, mas tem a brincadeira, acho que a criança descobre o mundo brincando, pegar uma canoa, brincar.

**C:** Mas os pais não deixam, tem medo. Nem criança ir ali na água brincar os pais deixam, imagina pegar uma canoa e atravessar igual a gente atravessava pra ir para Paraty, trabalhar de canoa pra lá e pra cá, não tem como, a criação já é diferente”

*Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, e Carmem dos Remédios, 61 anos, Ilha do Araujo, 2022*

A educação escolar diferenciada pode ser uma forma de estimular as crianças a vivenciar de forma mais intensa a cultura e conhecer a sua história. Na Ilha do Araújo há uma demanda explícita pela introdução de conteúdos curriculares diferenciados na escola.

**“** Aqui a gente não recebeu a educação diferenciada, não sei por quê, talvez por desmobilização da comunidade na hora de cobrar isso. Mas seria muito necessário, a gente tem muita evasão escolar aqui também. A gente tem um modo de vida aqui, e quando vai pra Barra Grande (que é cidade grande já pra gente) quando vai pra Pequenina [escola no centro de Paraty], quem acompanha a educação diferenciada sabe: o pessoal tem medo de deixar os filhos irem, os netos irem.

Quando chega na Barra Grande, sai da escola não tem mais ninguém se responsabilizado por você. É tenso.

*Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022*

As páginas deste e outros volumes do POVOS trazem algumas informações sobre o passado da comunidade caiçara da Ilha do Araújo e de outras comunidades tradicionais de Paraty, Ubatuba e Angra dos Reis por meio dos relatos de tantas pessoas que participaram desse processo. A história local, os conhecimentos e práticas tradicionais registrados podem ser trabalhados em sala de aula dentro da perspectiva da educação diferenciada nesses territórios.

A escola da Ilha do Araújo, E.M Professora Rita de Cássia Gonçalves atende crianças da pré-escola até o 5º ano. São 42 alunos (em 2022). Após o 5º ano, os estudantes vão para a escola da Praia Grande (E.M Monsenhor Hélio Pires). Mas os alunos da Praia Grande foram transferidos para a E.M Cilencina Rubem de Oliveira Mello (Barra Grande): uma estudante do 5º ano; dois estudantes do 6º ano; 3 estudantes do 7º ano; 4 estudantes do 8º ano e 3 estudantes do 9º ano .

Com relação a saúde a Ilha do Araújo possui um sub posto ligado ao posto de referência de Barra Grande. É realizado atendimento diário à comunidade, porém raramente com a presença de médico.





# AMEAÇAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO

A identificação de ameaças ao território e à comunidade caiçara da Ilha do Araújo apareceu na fala dos moradores durante a caracterização, e a visualização das soluções para os problemas trouxe luz também para os desafios colocados na conjuntura atual. São questões diversas que remetem a ausência ou má aplicação das políticas públicas de responsabilidade do Estado (como saúde, saneamento e justiça socioambiental em geral) que são agravadas pelas forças desordenadas do mercado imobiliário, turístico e da pesca industrial por um lado, e de uma legislação ambiental que criminaliza práticas tradicionais por outro.

As entrevistas apontam que esses fatores somados criam uma situação de insegurança com relação ao futuro e podem promover o abandono de práticas tradicionais que são a base do modo de vida caiçara em Paraty, ameaçando a continuidade de um sistema formado de conhecimentos, práticas, identidades e memórias coletivas que constituem um patrimônio cultural a ser protegido.

Algumas questões são gerais e valem para a maior parte das comunidades tradicionais de Paraty. Outras são específicas da Ilha do Araújo.

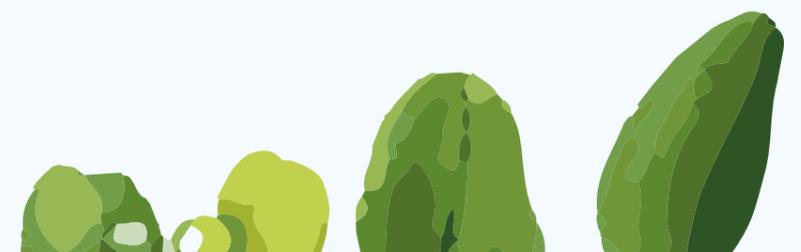
## FATORES GERADORES DE IMPACTO NO TERRITÓRIO E NA PESCA

Diversos fatores foram apontados pelos moradores da Ilha do Araújo como responsáveis por deteriorar a qualidade ambiental da baía de Paraty, e com isso afetar a pesca e o território caiçara de maneira geral.

Os principais fatores são o lançamento de produtos tóxicos, esgoto, lixo e radiação no mar; e a sobreposição de usos que ocorre no espaço costeiro-marinho caiçara, com a presença de grandes empreendimentos, navios carregados de petróleo, e embarcações de turismo nas áreas pesqueiras e/ou de turismo comunitário. Na tabela a seguir foram reunidos todos os fatores que geram impacto nos territórios e, consequentemente no modo de vida caiçara.

### FATORES DE CONTAMINAÇÃO DO MAR E SOBREPOSIÇÕES DE USO COSTEIRO-MARINHO COM POTENCIAL IMPACTO NA PESCA E NA SEGURANÇA TERRITORIAL

1	Lançamento de resíduos tóxicos provenientes da limpeza de cascos das embarcações pelas marinas
2	Lançamento de resíduos (de sanitários e de alimentos) das embarcações de turismo
3	Lançamento de esgoto urbano
4	Ausência de coleta adequada de resíduos
5	Trânsito de embarcações de turismo que emitem barulho, geram perturbação na água e não respeitam as boias de rede dos pescadores;
6	Atividade da pesca industrial (presença de traineiras e atuneiros) dentro da baía da Ilha Grande
7	Trânsito e fundeio de navios que geram barulho, iluminação, perturbação na água, introdução de espécies invasoras, além de riscos de vazamentos de petróleo;
8	Barcos de arrasto de camarão dentro de áreas sensíveis de reprodução de peixes e camarões;
9	Presença de grandes empreendimentos: cadeia do petróleo e gás, usina nuclear e portos
10	Inchaço populacional na cidade de Paraty e pressão imobiliária no território
11	Criminalização dos pescadores
12	Desvalorização da cadeia produtiva da pesca artesanal / preço baixos e más condições de trabalho



Com relação ao último ponto da tabela, na Ilha do Araújo existe um coletivo de pessoas, principalmente de mulheres, que trabalha fazendo a limpeza do camarão sete-barbas para fornecer à peixaria da Praia Grande. Esse serviço, entretanto, é mal remunerado e realizado em condições insalubres. Além disso, o preço é controlado pelo dono da peixaria. Se os pescadores acharem ruim, ficam sem vender o pescado, não há nenhuma garantia de que vão vender e nem de qual será o preço.

“ A cooperativa das mulheres ali, das pessoas que descascam o camarão, que vai criança, idoso, paga uma mixaria. Você não tem uma remuneração direito, ali é bem desumano: não tem condição pra trabalhar, não tem luva, bota, não tem um banheiro, não tem um lugar pra você esquentar sua comida... Mas é ruim você mexer nisso porque, de certa forma, dá um dinheiro pro pessoal né? Aí vai você entrando em várias questões, mas ali é uma parada bem delicada. O pessoal pesca o camarão, aí abre a pesca, o camarão vai lá pra baixo, ele [dono da peixaria] compra muito barato ou simplesmente para de comprar, o pescador fica na mão.”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos,  
Ilha do Araujo, 2022

Dona Lindalva é uma dessas mulheres que se dedica a atividade de limpeza do camarão sete-barbas, e confirma a situação relatada anteriormente. O sulfito, substância colocada nos camarões para conservar, machuca a pele se em contato prolongado.

“ Eu limpo camarão pro Sinésio lá da peixaria da Praia Grande. A minha mão é toda furada, minha filha, de camarão, tudo acabado aí. Por dia acho que dá uns dez quilos, onze quilos. Quando a gente traz pra cá num balde, de lá do Pontal nós traz o camarão aqui nas costas... Se não terminar traz pra casa, limpo em casa pra no outro dia levar de novo pra apresentar o tabuleiro que foi tirado dali. Não pode deixar um sem limpar não minha filha, depois vão dizer que a gente tá comendo camarão. É contadinho os tabuleiros, já vem pesado o tabuleiro quanto que deu lá e manda pra gente, a gente limpa, não pode faltar nenhum ali, tudo contadinho, cinco real o quilo. O que é cinco real hoje em dia? Quando você sopra você pensa que tem um quilo. E todos os dias nós estamos ali, de segunda á sábado. Que limpa ali tem quase dez mulheres. Trabalhei muito nessa minha vida minha filha”

Lindalva Maria dos Remédios, 63 anos,  
Ilha do Araujo, 2022



A criação de algas da espécie *Kappaphycus alvarezii* tem crescido nos mares de Paraty. Na foto, o empreendimento é de um morador nativo da Ilha do Araujo.



O preço praticado também é baixo, muito em função da presença de atravessadores.

“ A gente vê essa coisa do preço dos atravessadores, é uma coisa que pesa, porque com a inflação o quilo do camarão tá mais barato que o litro de óleo de cozinha e do óleo diesel também. Pra você trabalhar tradicionalmente agora não compensa, é uma vida difícil, quem faz isso é porque gosta ou não se identifica com outro tipo de pesca e vive uma vida mais simples, aí vive, tranquilo, ou a esposa ou outra parte da família tem outro emprego para agregar mais uma renda”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

Com relação à criminalização de pescadores, houve uma mortandade de golfinhos a algum tempo atrás e os pescadores foram responsabilizados pelas ocorrências. Redes de pesca foram apreendidas e incineradas e os pescadores foram perseguidos. Pesquisadores que investigaram a causa da morte dos golfinhos identificaram a existência de um patógeno no sangue dos golfinhos e atribuíram a isso a morte dos mesmos.

“ Teve aquela questão dos golfinhos. Começaram a aparecer mortos. Aí tinham que culpar alguém, como sempre o Estado culpou o mais fraco, os pescadores. Aprenderam todas as redes de robalo, independente de seda ou de plástico, que eles falaram que de seda mata o golfinho, levaram apreendido. Meu tio, acho que tinha trinta e poucos mil [de rede]. E era uma rede antiga, entalhada por ele mesmo, tem tudo isso, mas levaram, incineraram e até hoje nada. Quando aconteceu isso aí, e no final das contas viram que foi uma variante do sarampo que tava matando os golfinhos, que foi a Fiocruz ou a UERJ, uma coisa assim, que fez um estudo lá que descobriu no sangue”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

A presença da ESEC Tamoios no entorno de algumas Ilhas da Baía de Paraty é um ponto de questionamento dos pescadores. Porque enquanto a pesca é vedada nesses espaços e são constantemente fiscalizados e multados, grandes embarcações de turismo entram na área, fundeiam e centenas de banhistas fazem turismo ali, atividade que também é proibida pela Unidade de Conservação.

“ Eu não posso ancorar pra pescar lá na Ilha Comprida, que é encostadinho no Catimbau, é área da ESEC. Mas o ponto turístico de todo saveiro é lá. Eu fui lá perguntar pra ela [da ESEC] o que que prejudicava mais, a minha âncora ou aquilo tudo lá de turista dentro d'água cagando no mar, falei mesmo, e se vai pra dentro do barco vai dar descarga, aquilo lá não prejudica? Dentro da área do ESEC. Minha âncora é sete quilos, do saveiro, aquela do saveiro é cem quilos. É doze, treze âncoras do meu barco pra uma do saveiro”

Alonço da Conceição Araujo, "Bebé", 71 anos, 2022

Ao mesmo tempo, é preciso que os pescadores façam a sua parte no cuidado da qualidade ambiental da costa e do mar para não pressionar os estoques pesqueiros. Nesse sentido, foi mencionada a necessidade de ordenar os locais de pesca de arrasto e não permitir pesca em locais de reprodução de peixes e camarões.

“ A arrasto ele acaba matando todas as espécies pequenas né, essa questão do arrasto em Paraty. A malha é muito pequena, arrasta aqui dentro. Querem aumentar a apá marinha, mas não fazem o mínimo. Arrastam na Graúna, que é berçário, arrasta ali dentro da baía na frente de todo mundo, então é tenso porque arrasta no berçário”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

A questão do saneamento na Ilha do Araujo é algo que preocupa os moradores. A prefeitura não se responsabiliza por uma coleta seletiva dos resíduos sólidos. Há um barco da prefeitura que passa recolhendo os resíduos misturados, mas não existem funcionários para fazerem a limpeza de praias e dos caminhos, e nem para organizar os resíduos que os moradores deixam nos locais onde será feita a coleta.



“ Não tem coleta seletiva aqui. Coleta de lixo tem o barco que vem buscar, mas não tem o gari limpando, não tem latão de lixo pelo bairro. Estavam falhando em buscar, não estão buscando na Mena, na Tapera, vem vez ou outra no Pontal. Mas não avisam, às vezes vem, às vezes não vem, vem sem avisar, a pessoa não retira o lixo e bota no lugar para recolher. As lixeiras também, lá em frente a padaria fica a céu aberto. A gente fala que é uma ilha, mas esquece que é um bairro populoso, na alta temporada passa de mil. Pra se desfazer de um fogão, de um sofá, pessoal joga no mato ou no mar porque eles não retiram. Tem o impacto do lixo. A limpeza dos caminhos também faz parte desta coleta, mas não tem. A manutenção das trilhas a gente não tem, chega na festa de São Pedro e Festival do Camarão essa parte aqui é arrumada, até a parte de dentro ali, pra você ver tá tudo bonitinho”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

“ Eu acho que é porque do petróleo que a gente joga na água aqui, e do esgoto. Isso aqui dava muita tarioaba, muito marisco, hoje dificilmente você pega uma mão dessa de marisco ou tarioaba e dava muito, mas porque que acaba? Porque nos mesmos somos destruidores, a gente bate bomba ali, a água do barco é com óleo vem tudo pra praia. Quando eu era criança, morei aqui ó, não tinha banheiro, era tudo feito no meio do mato, não tinha nada de esgoto, era tudo diferente e era tudo limpo. Hoje, cadê? Tudo no mar pô. Então fruto do mar hoje é tudo contaminado aqui pelas beiradas, talvez não seja nas ilhas aí fora, que não tem morador. Por exemplo, a Ilha Comprida, é um morador só lá, na Sapeca a mesma coisa, no Malvão a mesma coisa, nos Micos a mesma coisa, é um morador só e no Malvão a água é tratada. Mas aqui na ilha do Araújo, em torno da ilha é tudo contaminado”

Alonço da Conceição Araujo, "Bebé", 71 anos, 2022

Com relação às embarcações de turismo, foi relatado que há um vetor de contaminação que deve ser considerado:

“ Por exemplo: o sal azedo da marina. A única que cuida do sal azedo de marina aqui em Paraty é Laranjeiras. O sal azedo da marina é um produto que você passa no casco da lancha e mata tudo, é tipo aquele mata-mato que você joga no mato. Eles jogam embaixo da lancha, e isso é legalizado. Aí aquelas marinas todas aumentando, elas fazem isso descontroladamente, jogando no mar”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

As embarcações de turismo também afetam diretamente a pesca, causam perturbação e contaminação no mar:

“ Tem os iates de turismo também. Não tem como ir numa canoinha pescar camarão passando uma lancha, fazendo uma onda de um metro ou então que não respeitam a boia de rede, nem sabe o que é uma boia de rede. Agora o turismo não está ficando só na parte sul da cidade ele está vindo pro centro e norte, então aqui na ilha do Araújo já está chegando escuna na Rapada, no Ventura, que é onde antes era tudo quietinho. Uma vez eu vi uma imagem que era aquele borrão assim no mar. As escunas elas abrem e dão descarga lá da Ilha do Mantimento pra terra, nada é tratado. Do banheiro e da cozinha. Uma ou duas escunas que faz o tratamento ali e olhe lá, mas as gigantes mesmo não”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

Outros resíduos que contaminam o mar também são encontrados pelos moradores e acreditam ser causadores da má qualidade do pescado.

“ Eu tenho recolhido muitas pilhas, estou com uma sacolinha de pilha. O pessoal não tem noção do que uma pilha faz, o lítio, o mercúrio num raio de 15 metros, contamina aquilo tudo”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022



## PRINCIPAIS IMPACTOS IDENTIFICADOS

Os efeitos socioambientais dos fatores mencionados acima foram narrados durante entrevistas com os moradores. No mar, eles percebem a diminuição da quantidade de peixes e de outras espécies, e o aparecimento de peixes e tartarugas com deformações.

A redução e má qualidade do estoque pesqueiro afligem as famílias caiçaras e muitas vezes força a busca de outras fontes de trabalho e renda, acarretando a saída do território tradicional e o distanciamento da rede de relações comunitárias.

“ Diminuiu muito. não é só no Brasil não, eu participei muitos anos atrás de um encontro em Angra e não é só no Brasil, mas pra nós aqui é muita embarcação, é muito aparelho. Um dos piores aparelhos que o homem inventou pra acabar com a pesca é o sonar, aquilo dá um choque terrível debaixo d'água. E também tem poluição. Na praia, você vai ali, onde tá meu barco fundeado ali, em pleno cais ali, quando você pega uma lama dali você não aguenta o fedor, sabe porquê? Os esgotos aqui é tudo na água. Nós ali em cima usamos fossa, mas aqui não, é tudo enterrado na praia e sai lá embaixo”

Alonço da Conceição Araujo, "Bebé", 71 anos, 2022

“E: Animal contaminado eu já ouvi falar de alguns: a gente vê, mas não sabe se é do petróleo, do gás ou da usina. A gente vê umas tartarugas com uns caroços estranhos, uns peixes com verrugas, umas coisas meio doida no mar, que a gente olha: “isso não tá certo não”.

C: As corvinas tudo seca.

E: É, as corvinas tudo seca, com a ova esquisita, a ova branca, magrela”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, e Carmem dos Remédios, 61 anos, Ilha do Araujo, 2022

Os moluscos também têm sido encontrados com aspecto diferente, e várias pessoas já não se arriscam a se alimentar com eles.

“ Eder: a gente acha que ta comendo saudável. O Marisco, guariroba, ostra não dá nem para pensar, porque agora tem com uma “engoga” em cima da ostra que fez uma camada, uma gelatina por cima.

Carmem: Você abre e ela está amarela por dentro.

Eder: A ostra antes a gente saia com a pedrinha a gente quebrava e comia a ostra dali da pedra, saia com limão, não sabia o perigo que tinha, já jogava o limão ali e já chupava a ostra, criança, hoje não”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, e Carmem dos Remédios, 61 anos, Ilha do Araujo, 2022

Espécies estão desaparecendo, esse é outro impacto percebido no ambiente marinho.

“ Eder: Remavoga parou de aparecer, acho que isso talvez seja um impacto negativo. é tipo uma medusa, uma água viva grande. Gigante assim, ela vinha muito pra cá, ela encahava na praia, tartaruga comia muito, tartaruga acho que era a fartura dela.

Carmem: Parece um chapéu, avermelhado, com as pernas compridas. Na praia ela encahava. Às vezes ainda aparecem, acho que tem a ver com a usina nuclear, que ela solta um resfriamento no mar”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, e Carmem dos Remédios, 61 anos, Ilha do Araujo, 2022

Atrelado ao crescimento desordenado de paraty, falaram do aumento de furtos de embarcações e motores, e que mesmo dentro das comunidades a segurança tem sido um ponto de atenção.

“ Teve furtos, depois daquele grande, teve furto de caiaque, teve na Ponta Grossa. Então tem essas questões de segurança. Como a gente vai ser um patrimônio da humanidade, como vamos trabalhar com turismo se não tem segurança? O objeto do trabalho, de transporte, tem que deixar ou puxado na frente da sua casa, ou com cadeado, mas, mesmo assim pode levar a embarcação”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022

Outro ponto de preocupação é que as crianças hoje têm acesso facilitado às drogas. E paralelamente, há um distanciamento das pessoas às suas matrizes culturais caiçaras e isso está refletindo na educação das crianças.

“ Eder: O pessoal não planta e não colhe, não sabe nem escolher uma taioba, ou um inhame, ou não tem as coisas da roça mesmo pra comer porque não tem gente cultivando, e não é mais viável porque no mercado você vai comprar mais barato, ou também porque não pode fazer a roça”  
“Eder: Consumo de álcool e drogas acho que sempre teve, como aumentou a população aumentou a margem, mas não é tão gritante...”

Carmem: Porque antigamente eram só os velhos, agora são as crianças também... Oque fica difícil é pras as mães. Porque geralmente ela não tem consciência, o filho sai pra brincar, volta esquisito, que que aconteceu? As crianças são mais liberais, hoje em dias, então as crianças sai 'ah vou na casa de fulano' já volta meio esquisito, então não sabe o que ele bebeu lá o que ele fumou, fica meio crítico pras mães, pras mulheres. Mais difícil criar as crianças”

Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, e Carmem dos Remédios, 61 anos, Ilha do Araujo, 2022

## PROPOSTAS PARA REDUZIR DANOS E IMPACTOS AO TERRITÓRIO TRADICIONAL

Durante as entrevistas, algumas ações foram trazidas pelos próprios moradores da Ilha do Araújo como parte da solução dos problemas levantados:

- Propor um ordenamento para a gestão participativa dos espaços, incidindo sobre territórios pesqueiros e zonas de exploração turística por agências de fora. Um polígono pensado para priorizar esse olhar seria na linha que liga a Ilha Comprida do Boqueirão até a Ponta da Juatinga. Um Plano de Ordenamento da Baía de Paraty.

- Aplicar o regimento interno da comunidade fazendo cumprir a legislação ambiental e fazer uma gestão responsável, coletiva e compartilhada do território da Ilha do Araújo.
- Cobrar da peixaria que remunere melhor quem desempenha esse trabalho, e forneça equipamentos de segurança para evitar machucar as mãos em contato com o sulfito e com os próprios 'espinhos' que o camarão tem. E também estruturar um local com condições de trabalho, com bancadas, torneiras, banheiros.
- Ordenar o turismo com consciência ambiental e estruturar o TBC com vivências diferenciadas: observação de aves, visita à alambique.



Eder e Eliei durante oficina de cartografia do Projeto POVOS.

# ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

A Associação de Moradores e Pescadores da Ilha do Araújo foi fundada em 2007. Almir Tã foi a principal liderança no início dessa organização e participou ativamente de muitos projetos, processos, diálogos com o poder público, com os órgãos ambientais federais.

Há relatos de que hoje, entretanto, a comunidade da Ilha do Araújo tem dificuldade de se unir e se mobilizar em torno de questões de interesse comum e organização interna para assegurar direitos coletivos e proteção do território caiçara.

Há vozes dissonantes e alguns atravessamentos na comunidade, e há uma crítica a relação ao clientelismo com o poder público municipal e que não focam no cerne das questões para o bem viver e os valores primordiais da comunidade.

Com relação a aprovação de projetos ligados ao fortalecimento cultural, o título do patrimônio mundial da Unesco pode ser uma oportunidade. Ele pode criar visibilidade para a situação preocupante dos territórios tradicionais da Baía da Ilha Grande e pressionar os órgãos para promover a gestão sustentável desses espaços com protagonismo comunitário, os detentores do patrimônio cultural imaterial e guardiões do patrimônio natural em seus territórios. Porém, da forma como tem sido conduzido pelo poder público municipal, com pouca participação das comunidades, ele pode ser usado para que os mesmos setores econômicos hegemônicos de Paraty continuem faturando às custas dos territórios e do patrimônio cultural das comunidades tradicionais.

“ Para ser sincero, se você perguntar pra mim, como **turismólogo, como comunitário, se essa coisa de Paraty ter sido tombado como patrimônio da humanidade é bom, eu falo que não. Porque pra gente foi uma especulação gigante, que na ilha antes você conseguia, ah eu quero morar aqui na ilha, você é daqui mesmo, ah vinte, trinta mil um terreno, agora ta novecentos, um milhão e quinhentos, dois milhões, e tá vindo muita gente de fora, gente com poder, com cara de bãozinho, que vem e vai minando a comunidade”**

**Eder Costa Santos dos Remédios, 31 anos, Ilha do Araujo, 2022**

Como forma de fortalecer a Associação, foi mencionada a necessidade de colocar em prática o regimento interno onde constam regras claras sobre o funcionamento da associação.

*Barco da Associação usado para transporte de moradores e visitantes*



# LUGARES DO TERRITÓRIO

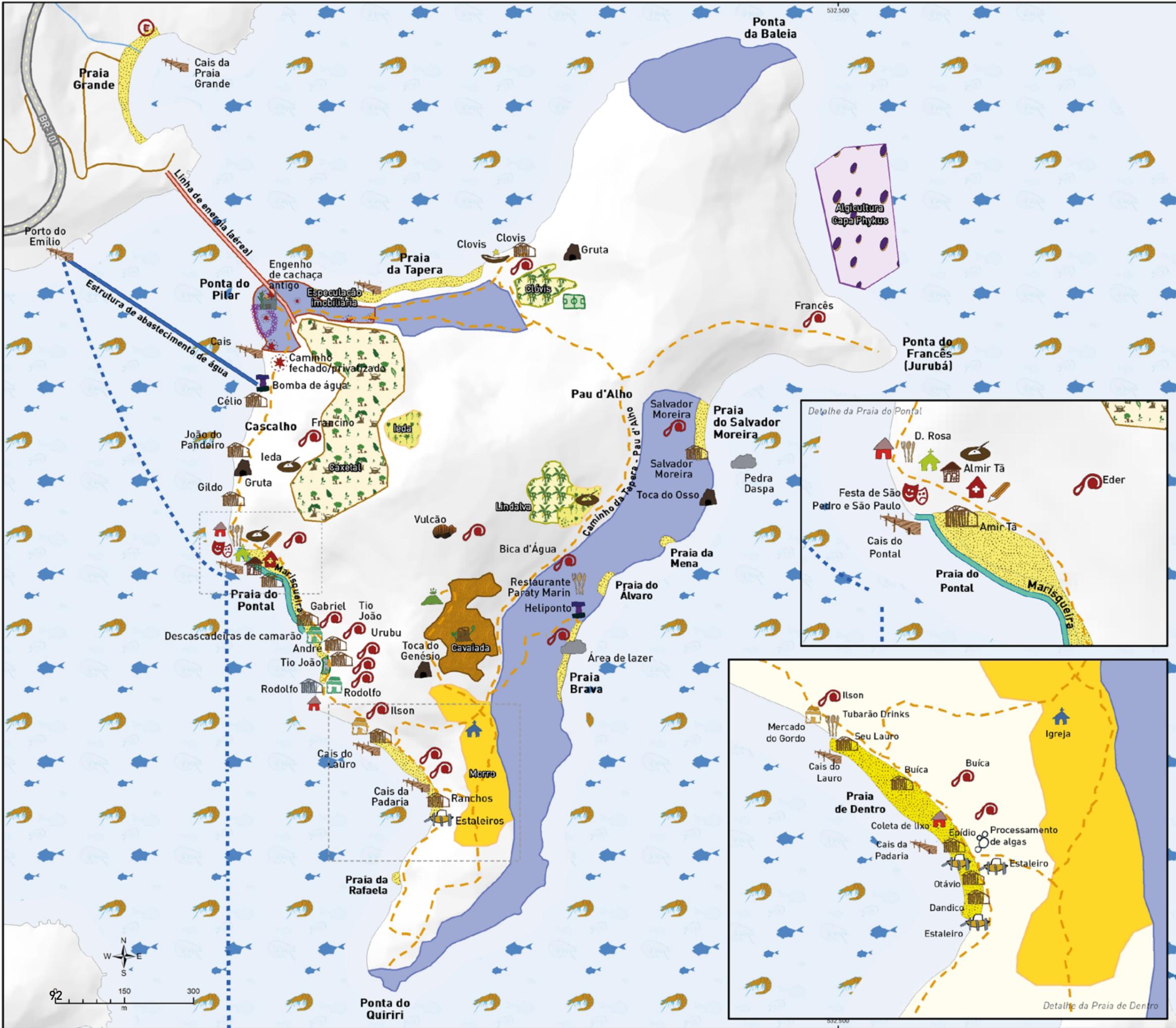
O mapa da Ilha do Araújo demonstra a riqueza de nomes dados a cada espaço do território: praias, pontas, pedras, tocas. Trazem também aspectos de infraestrutura pública e comunitária, além de comércios de caiçaras como mercadinhos e restaurantes. E espaços de uso atual e histórico, como roças, trilhas, além das nascentes, fundamentais para garantir abastecimento de água para os moradores. Foram mapeados todos os ranchos, um por um. Aparecem mapeadas pequenas Áreas de ecossistemas onde fazem extrativismo, uma área de guaxumba (manguezinho) e o caxetal. Incluíram também uma área onde coletam a macela, no morro. Local onde é feita a criação de algas e o espaço de manipulação e processamento das mesmas também estão no mapa. Também consta a rota do barco da associação, e o caminho feito na procissão marítima de São Pedro. Zonas de conflitos com escunas de turismo de massa e as áreas de ocupação não caiçara que marcam questões tensas em alguns casos, devido a desvio de caminhos e privatização de praias.

Praia da Tapera  
Praia do Pontal  
Praia de Dentro  
Praia Brava (Mirante)  
Praia Salvador Moreira  
Praia do Frances  
Praia da Ponta do Quiriri  
Praia da Mena (antiga praia do Dedeco)  
Praia do Álvaro (antiga praia da Betina, Paulo Afonso)  
Praia da Rafaela  
Ponta do Quiriri  
Ponta do Jurubá  
Ponta da Baleia  
Ponta do Pilar  
Pedra do Monte / Pico da Ilha  
Pedra Daspa  
Toca do Osso  
Pau D'alto (caminho da Tapera: mula; entrevistar Clovis/Valter/Almirtã)  
Caminho da Tapera  
Cavaçada (descida de sapê)  
Toca do Genésio  
Casa de farinha da Lindalva / ativa  
Casa de farinha da Ieda / ruína  
Trilhas (ver mapa)  
Cais da padaria  
Cais do Lauro (praia de Dentro)  
Cais do Pontal  
Cais da Praia Grande (continente)  
2 igrejas (Praia de Dentro / Pontal)  
Escola  
Posto de Saúde  
Sede AMPIA  
Bananal da Tapera  
Roça da Lindalva  
Roça da Ieda (M)  
Ranchos na Praia de Dentro  
Nascente da praia Brava  
Nascente Tio João  
Nascente Clovis (Tapera)  
Nascente Pontal  
Nascente Praia de Dentro  
Nascente Rio do Rodolfo  
Nascente Bica D'água

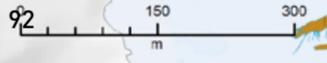
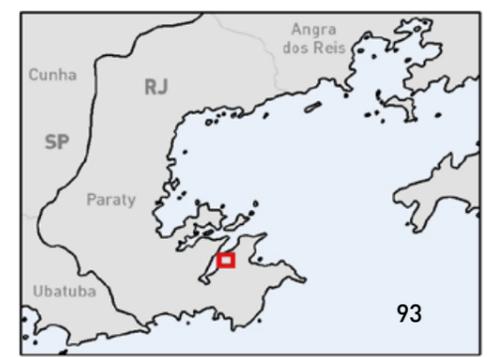




# COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DO ARAÚJO



Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica	Turismo e comércio local
Toca; Grotas	Restaurante
Casa de farinha	Algalculta
Estaleiro	Comércio
Campo de futebol	Estacionamento comunitário
Engenho antigo	Comércio de caiçara
Expressões culturais	Algalculta Caiçara
Mirante	
Nascente	Infraestrutura e serviços públicos
Extrativismo	Igreja Católica
Mestre canoeiro	Infraestrutura
Ateliê de artesanato	Galpão de lixo
Buraco	Cais
Pedra	Posto de saúde
Rancho de pesca	Escola
Rancho de pesca antigo	Igreja Evangélica
Bananal	Abastecimento de água
Extrativismo	Energia elétrica
Roça	
Sapezal	Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária
Área de ocupação caiçara	Conflito de território
Guaxuma	Área de ocupação não-caiçara
Praia	Conflito (muro ilegal)
Marisqueira (siti, sapinhoá, ostra e tarioba)	
Pesca de camarão e peixe (robalo, tainha, paraty)	Outros elementos
	Rotas marítimas
	Trilha



TERRITÓRIO CAIÇARA DA

# PONTA GROSSA

Ponta Grossa é o nome de uma grande porção de terra que se projeta em direção ao mar e divide a Baía de Paraty das Baías de Paraty Mirim e do Funil. A comunidade caiçara da Ponta Grossa reconhece que seu território vai da Praia Grande do Engenho D'água até a Praia Vermelha, passando pela Prainha, Praia do Baré, Ponta do Cavalo, Praia do Guerra, Praia de Santa Rita e Praia Vermelha.

O acesso para as localidades da Ponta Grossa é feito de barco, mas existe uma trilha que sai de Paraty e vai beirando a costa. Os caminhos antigos da Ponta Grossa eram importantes também porque ligavam todas as localidades entre si, e até a escola. Ainda hoje está ativo o caminho que vai costeando e liga a Praia Vermelha até a escola do Baré, cerca de 1 hora de caminhada. Essa trilha, entretanto, quase não é mais usada devido ao fechamento das servidões e restrições de acesso impostas por proprietários de terra não caiçaras na região.

A Ponta Grossa é um território tradicional caiçara que, segundo seus moradores, envolve 4 principais núcleos de ocupação: o Engenho D'Água (que abrange a Praia Grande do Engenho D'água, a Praia do Engenho D'água e a Prainha); Ponta do Cavalo (uma faixa da costeira que congrega várias casas); o Baré (que abrange uma pequena praia e a extensão de costeira também ocupada); a Praia do Guerra; e a Praia Vermelha. Também fazem parte do território caiçara outras localidades nomeadas que têm, ou já tiveram, moradores: a Ponta da Cruz, que é a extremidade da Ponta Grossa, e a Praia de Santa Rita, onde atualmente já não moram mais famílias caiçaras. Os nomes são importantes porque ajudam as pessoas a localizar com mais precisão cada um dos núcleos de ocupação que formam essa comunidade caiçara.

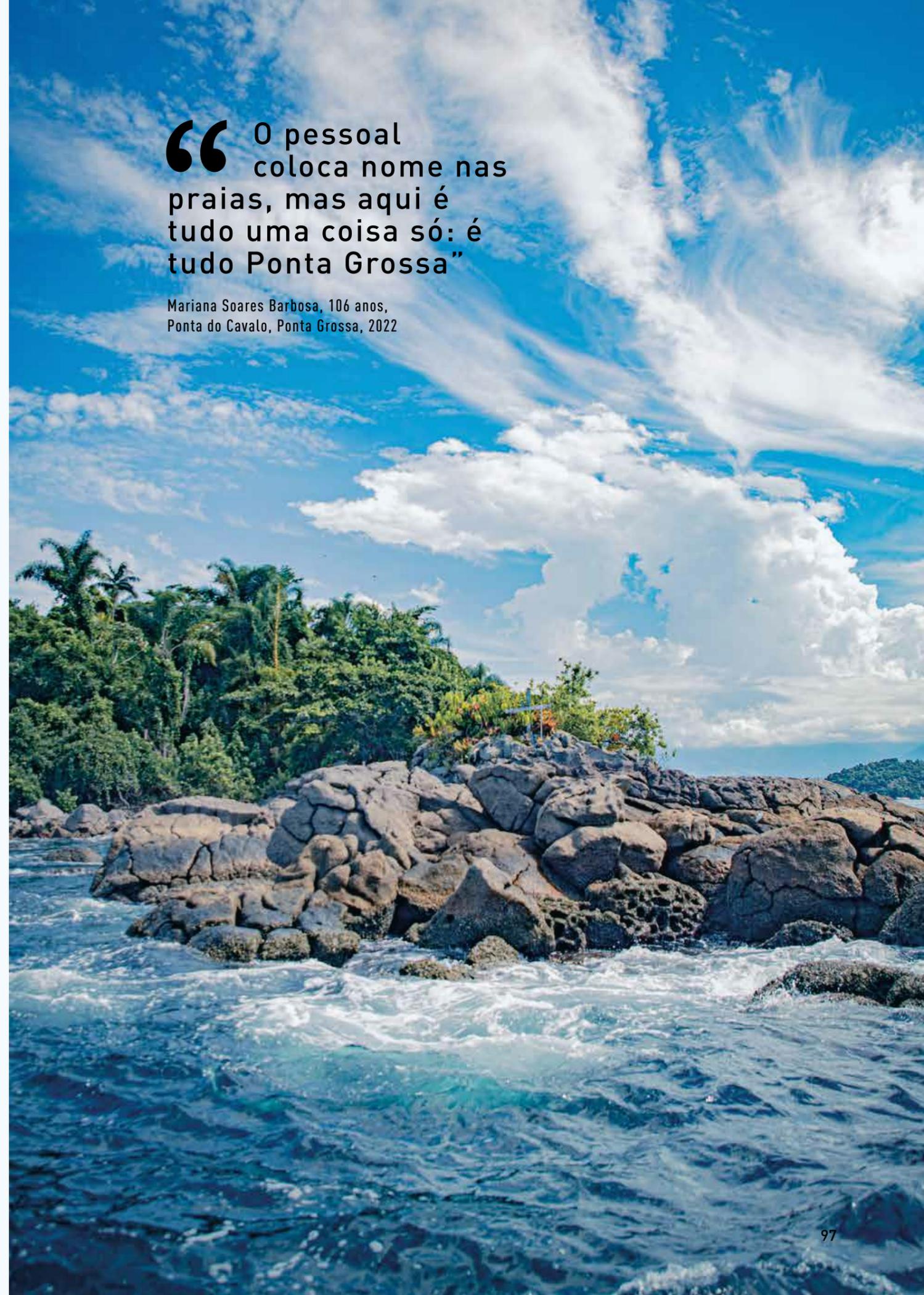
Algumas famílias da Ilha do Algodão moram permanentemente, outras dividem residência entre a Ilha e o centro de Paraty. O número de casas de pessoas de fora ainda é menor que o número de casas caiçaras.

Enquanto conduzia a equipe em sua embarcação, Sabiá, caiçara nascido e criado na Ponta Grossa, explicou que a Praia do Engenho, a Ponta do Cavalo e o Baré estão localizados na parte “de dentro” da Ponta Grossa, enquanto que “do Guerra pra lá, é pra fora”. O mapa do território ajuda a visualizar porque as localidades são consideradas assim, dentro e fora.

Segundo levantamento, existem na Ponta Grossa cerca de 200 pessoas (68 famílias) cadastradas junto ao posto de saúde. A localidade com maior concentração de casas caiçaras é a Praia do Guerra, e foi lá que aconteceram a maior parte das reuniões para elaboração do mapa. O Baré tem muitas casas, mas estão mais dispersas e muitas delas não pertencem às famílias tradicionais. A Ponta do Cavalo, bem próxima do Baré, possui um núcleo ocupado principalmente por caiçaras da Ponta Grossa. A Praia do Engenho é ocupada por duas famílias que conseguiram permanecer em um pedaço do terreno que não foi vendido para pessoas de fora, o mesmo tendo ocorrido na Praia Vermelha. Apesar do histórico de ocupação de muitas gerações nessa localidade, apenas algumas famílias resistiram à especulação imobiliária e à presença da família de Gibrail Tannus, que comprou áreas na Praia Vermelha promovendo a saída das famílias caiçaras de suas posses tradicionais à beira mar. As famílias que permaneceram no território são responsáveis pela manutenção da prática da pesca artesanal do cerco fixo flutuante. A Ponta Grossa se tornou um dos principais destinos do turismo náutico realizado por operadores de Paraty, o que tem afetado a dinâmica de uso e ocupação desse espaço. Ilha dos Ganchos e Ilha do Catimbau foram incorporadas à ESEC Tamoios, sobrepondo às áreas de pesca dos moradores tradicionais da Ponta Grossa e prejudicando a atividade pesqueira da comunidade.

“ O pessoal coloca nome nas praias, mas aqui é tudo uma coisa só: é tudo Ponta Grossa”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos,  
Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022



# HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA COMUNIDADE DA PONTA GROSSA

“ Quando eu conheci a Ponta Grossa, era tudo pelado, não tinha mato. Era tudo sapezal”

Manoel de Jesus do Nascimento,  
"Sabiá", 51 anos, Ponta Grossa

A comunidade da Ponta Grossa é formada por um conjunto de famílias aparentadas que se constituíram e permaneceram morando nas localidades Engenho D'Água, Baré, Ponta do Cavalo, Guerra e Praia Vermelha. Os elos que conectam essas pessoas entre si, além do parentesco, são as relações de vizinhança, de pertencimento a um território comum, e uma memória compartilhada.

Por meio dos relatos, foi possível reconstituir 7 gerações vivendo na Ponta Grossa, perfazendo cerca de 200 anos de ocupação do território. Essa duração pode ser até maior, pois pelos relatos orais não foi possível descobrir quem eram os pais dos ancestrais mais antigos dessa genealogia.

Ao longo desse tempo a paisagem mudou, fruto da mudança na interação e nas formas de uso do território. Os morros da Ponta Grossa, por exemplo, eram áreas agrícolas e havia sapezal, indicando que ali havia sido roça. Hoje essa atividade quase não é mais praticada.

A luz elétrica chegou na Ponta Grossa em 2015, ou seja, recentemente. A instalação foi feita pelo Programa Federal Luz Para Todos, que também contemplou outras comunidades tradicionais mais isoladas de Paraty.

A maior parte das informações históricas e do conteúdo presente nas próximas sessões foi cedida por Dona Mariana, Sabiá, Tuíco e Antero. Mas também foram fundamentais as participações de Bem-te-vi, Biju, Dona Biju, Seu Lulu, Paulinha e Seu Damásio.

Mariana Soares Barbosa nasceu na Ponta Grossa em 1917. Em 2022, quando a equipe do Projeto esteve em sua casa, ela contava 105 anos de vida, sendo a moradora mais antiga do lugar. Mariana recebeu a equipe numa manhã de agosto e conversou por mais de uma hora sobre o tempo antigo, o presente e o futuro. Enquanto ela compartilhava suas memórias, a impressão que dava era de estar diante de um livro aberto de histórias de Paraty do início do século XX. Dona Mariana é um elo entre os modos de viver das antigas gerações caiçaras com as gerações atuais, que apesar das mudanças, guardam parte de suas estruturas essenciais.

A mãe da Mariana era Senhorinha da Conceição e o pai era Luciano João Francisco Malvão. O pai de Senhorinha (avô de Dona Mariana) era Antonio Albino de Carvalho, o ancestral mais antigo que a reconstituição genealógica conseguiu identificar nas famílias da Ponta Grossa. Somam-se assim 7 gerações, desde o avô de Dona Mariana até os tataranetos dela. Provavelmente a família dela, de sobrenome "Conceição", já habitava a Ponta Grossa quando a família Malvão chegou.

O sobrenome "Conceição" é comum na região, aparecendo também na Praia Vermelha, em algumas localidades do Mamanguá, além de outras comunidades da costeira, como a Praia do Sono. O sobrenome "Malvão", segundo contam, seria de um pessoal do Taquari, mas também aparece em outros lugares de Paraty. Além de aparecer na Ponta Grossa, Malvão é o nome de uma Ilha na Baía de Paraty, bem próxima à Ilha do Araújo, e aparece também no sobrenome de famílias do Corumbê.



Mariana Soares Barbosa, 106 anos

O finado marido de Mariana era Antonio Soares, membro de uma outra família importante da Ponta Grossa, que morava no Baré.

Tuíco, com 77 anos, e Antero, com 74 anos, também ajudaram a contar essa história, situando as relações de parentesco entre as famílias. Nas entrevistas com eles foi possível conhecer melhor quem são os descendentes dos primeiros ocupantes caiçaras desse território, como se verá abaixo.

“Sabiá”, apelido de Manoel de Jesus do Nascimento, nascido e criado na Praia do Guerra em 1951, é filho de Sinhá, uma mulher que nasceu na primeira década do século XX, cuja família também era antiga na Ponta Grossa. Na visão de Sabiá, as famílias caiçaras que hoje moram na Ponta Grossa são descendentes de pelo menos 5 matrizes diferentes que se misturam ao longo do tempo. Ele cita o nome de 5 mulheres nessa reconstrução genealógica:

“ A minha mãe se chamava Maria do Nascimento, era Sinhá, nasceu em 1909. A mãe do Tuíco chamava Leonor. Já lá dentro tem a Dona Mariana. E antes tinha também a Erundina que era mãe do João Antero, avó ali da Luciana. Então: Sinhá, a Leonor, a Erundina e a Mariana são as 4 mulheres antigas, antigas mesmo. E na Praia Vermelha tem mais outra, que era a Joana. O restante [dos moradores] é sequência dessas primeiras”

Manoel de Jesus do Nascimento, “Sabiá”, 51 anos, Ponta Grossa

“ A minha mãe tem 85 anos, ela é irmã do Sabiá, mora aqui no Guerra”

Benedito Cruz, 63 anos, Ponta Grossa, 2023

Os pais do Marquinhos e do Lourenço, que colaboraram com a construção desse trabalho, também são antigos na Ponta Grossa. Albertina era a mãe e Benedito Miguel era o pai. Dona Clarinda Maria da Silva, de 56 anos, contribuiu com a lembrança dessas importantes figuras que moraram no Guerra no passado.



Manoel, “Sabiá”

## GUERRA

Segundo Seu Antero, a Praia do Guerra tem esse nome porque João Guerra foi um dono de terras que mantinha ali um engenho de cachaça onde trabalhavam pessoas escravizadas. Depois, quando as famílias caiçaras começaram a se fixar nessa localidade, o nome Guerra permaneceu. Outra versão que surgiu para explicar o nome é que “Guerra” seria uma derivação da palavra “guelra”, em referência à uma parte do corpo dos peixes. Mas não se sabe se isso procede.

Segundo relatos, no início da ocupação caiçara no Guerra havia 11 casas, todas de pau-a-pique.

A reconstrução genealógica da família do Tuíco possui uma conexão com o núcleo familiar de Dona Mariana, que mora ali na Ponta do Cavalão. O avô do Tuíco, chamado Benedito Malvão, parente do pai de Dona Mariana, o Luciano Malvão.

Para buscar as datas aproximadas de nascimento dos ancestrais mais antigos, um caminho é refazer a ascendência do Tuíco: seu pai se chamava Antônio Carvalho e morreu no final da década de 1950, com 82 anos. Portanto, ele nasceu entre 1870 e 1880. Se se considera uma distância geracional que é uma média relativamente baixa, significa que o avô do Tuíco, Benedito Malvão, nasceu por volta dos anos 1850-60.

Trazendo as memórias dos mais velhos da Ponta Grossa, seu Antero contou o que seus avós contavam sobre a Pedra do Frade: A Pedra do Frade, que fica na Praia do Guerra, tem esse nome por conta de uma lenda de que, antigamente, em noites de lua clara, um frade saía da toca da pedra vestido de padre e caminhava pela praia.

Antero lembrou também de outros casos que contaram pra ele envolvendo fatos inexplicáveis e aparições, coisas que marcaram a memória dos mais velhos e que hoje as pessoas deixaram de acreditar.

“ A turma dizia que sim: que tinha lobisomem, mula sem cabeça. A turma via. O Vidinho que mora ali na outra praia pode contar. Ele foi pescar com o meu tio, quando passaram na Ponta do Arpoá, em frente à Praia Vermelha, ele viu dois bois brigando um com outro na pedra. Batiam a cabeça um com outro. Meu pai também disse que quando foi na minha tia, lá pra dentro, na casa do seu Maneco Luís, quando ele chegou ali perto do arranha gato, alguém puxou o chapéu dele, ele botou de novo, e tornou a arrancar o chapéu da cabeça dele. Pelo menos três vezes. Na terceira ele chegou na casa do colega dele, pegou a canoa, e fez a volta por fora da Ilha do Mantimento pra chegar aqui na praia. Era complicado. Tinha um homem aqui que brigou com o diabo... Hoje não tem mais nada. A turma não tem mais aquela crença de antigamente. Antigamente a turma tinha aquele medo, aquela crença”

Antonio Carvalho de Jesus, conhecido com “João Antero”, 74 anos, Ponta Grossa, 2022

Praia do Guerra, localidade mais populosa da Ponta Grossa.



## PONTA DO CAVALO E BARÉ

Baré e Ponta do Cavalo são localidades com áreas contínuas na parte de dentro da Ponta Grossa. A Ponta do Cavalo não tem praia, as casas ficam ao longo da costeira, já o Baré, além das casas na costeira, há uma pequena Praia.

A família do “Soares velho”, como alguns chamavam o finado marido de Mariana, nasceu e se criou no Baré, perto de onde hoje está a escola. Esse casamento, do Manoel Soares com Mariana, é uma das matrizes da ocupação caiçara da Ponta Grossa. Essa união gerou, até o momento, 19 netos, 23 bisnetos e 6 tataranetos. Muitos dos filhos de Mariana ainda moram ou visitam frequentemente a Ponta Grossa.

“ Nós éramos cinco irmãos: eram três irmãs e dois irmãos. Todos eles morreram, ficou só eu. Eu tenho seis filhos: duas meninas e quatro meninos. Tenho 19 netos, tenho tataraneto e bisneto, acho que é 23 bisnetos e seis tataranetos.

Fui casada com Manoel Soares, ele nasceu e foi criado na Praia do Baré. Manoel era filho do Benedito Soares e da Dona Severina que morava ali no Baré também, não sei se eles eram daqui ou se vieram morar aqui.

Meus filhos foi tudo nascido aqui, de parteira. Antigamente o pessoal

não ia pra cidade, tudo era nascido no lugar, em casa mesmo, ninguém ia pro hospital não. A Henriqueta e a Virgínia foram as madrinhas, cortou o umbigo deles. Elas moravam aqui também, moravam na roça”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022

Luís Varga do Espírito Santo, conhecido como Seu Lulu, pescador, era filho do Baré do Espírito Santo, que morreu há uns 40, 50 anos atrás com 80 anos. Lulu nasceu e se criou no Baré, mas saiu faz uns 25 anos. Ele conta que a escola foi construída bem no lugar onde era a morada da família dele. Além dela, outras 5 famílias caiçaras moravam no Baré.

“ Meu pai se viu imprensado. Nós éramos crianças, eu tinha uns 15 anos. Apareceu um senhor de Paraty, Malaquias, trabalhava com pesca de camarão com motor, a gente só na rede e linha. Ele tinha um filho e andava por aí tudo. Ele pediu um canto no baré e pediu ajuda na rede de camarão. Foi de lá, foi de cá, fez um barracozinho e ficou uns 10 anos. Aí resolveu botar cimento. Aí começou a briga. Veio com o conhecimento que era área da União. Malaquias ficou chifrudo e começou a brigar com a mulher. Resolveu ir embora. Aí nós não tínhamos dinheiro, ele resolveu arranjar um comprador de fora, aí entrou em acordo porque disseram que se comprassem a praia tinham direito a tudo. Meu pai caiu doente. Ficaram morando mais ou menos uns 18 anos quando vendeu, e depois veio morar na Ponta do Cavalo.”

Luís Varga do Espírito Santo, “Lulu”, 69 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2023

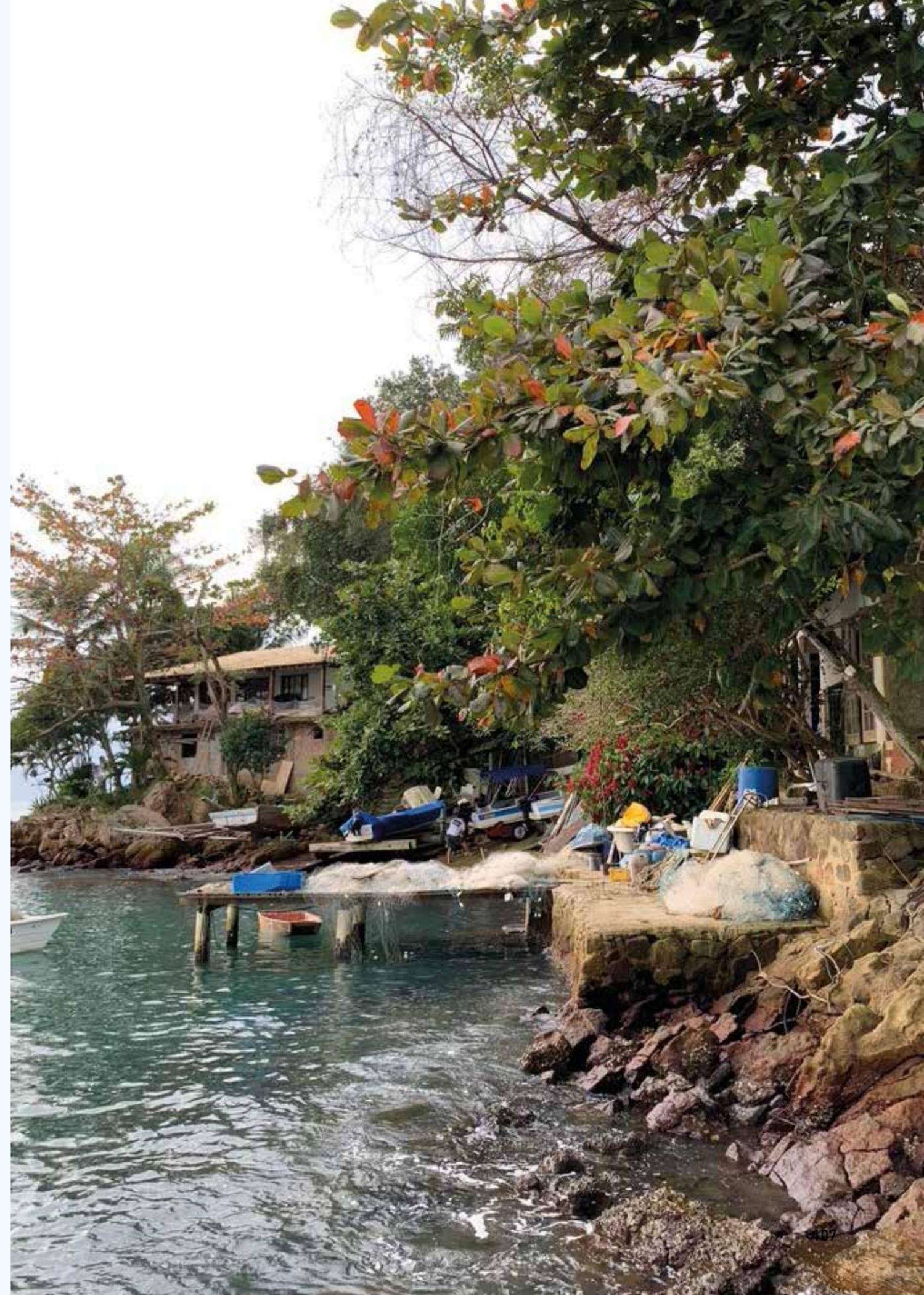
Ocupação na encosta de dentro da Ponta Grossa: Ponta do Cavalo e Baré

Lembrar os nomes dos moradores antigos das localidades da Ponta Grossa ajuda a contar a história do lugar. Cada canto do território está associado a uma trajetória familiar. Os moradores da Ponta Grossa se contavam nos dedos das mãos. Mariana viu muita gente chegar e partir ali no Baré. A mobilidade sempre foi uma característica da ocupação territorial do povo caiçara.

“ Aqui tinha o Antônio Soares que morava ali. Depois não sei quem mais, ali no Narciso morava o Benedito Faustino, a Zulmira. Aí foi morando gente, saía um, morava outro. Manoel Anjo morou ali também, o Aristóteles”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022

No Baré, existem algumas casas de veraneio que são acessíveis por meio dos cais colocados sobre as pedras da costeira, onde também funciona um restaurante.



# PRAIA VERMELHA

A Praia Vermelha também é um território que sofreu com a especulação imobiliária que promoveu a saída de dezenas de famílias caiçaras. Quando Gibrail Tannus chegou comunicando ser dono das terras desde a Ponta da Cruz até a Praia Vermelha, havia cerca de 50 famílias morando na localidade.

“ Ali morava o seu Antônio Gimirindo, morava o Dedé, morava o Bichinho, morava a mãe da minha avó, numa baixa lá encima no morro, acho que era Sabina, o nome dela, tio João sabe. Aqui morava o Daniel, o Tataco. Ali morava o Seu Luís, o Russo, o Timóteo, o Zé Carlos. Lá no canto morava o seu Zezinho, o Ildo, bastante morador tinha aqui. A minha mãe era Iracema da Conceição, ela nasceu aqui na Praia Vermelha. Ela era filha da velha Joana que era nascida e criada aqui. A minha mãe conheceu e se casou com o meu pai aqui, e morou um bocado de tempo aqui, teve a minha mãe aqui. Meu pai passava uns tempos aqui, outros lá, mas a minha mãe sempre aqui. Meu pai hoje em dia é morto e minha mãe ficou lá em Paraty, ela já está velhinha. Não pode vir pra cá mais, foi obrigada a ficar lá”

Nivaldo Conceição, Praia Vermelha, Ponta Grossa, 58 anos, 2022

Muitas famílias caiçaras da Praia Vermelha não moram mais lá, seja porque os mais velhos foram morrendo, os mais jovens casando e saindo, seja porque alguns venderam suas posses e tiveram que se mudar pra outro lugar.

“ Morava um bocado de gente na Praia Vermelha. Morava a Alistrina, morava o Zezinho, o Cassimira, o Antônio Canela, o Chico Lapa, a vó Lintina, a Sabina, o Zé Maria, Guilhermina, o Bogasto, o Ildo, o Bito, tudo morava lá. Tinha muita casa na Praia Vermelha. Depois que venderam foi acabando todo o povo. Foram casando, foram morrendo, aí acabou”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022



Derli de Carvalho, conhecida como "Biju" e sua filha Paulinha são nativas da Praia Vermelha. Elas tem um restaurante na Praia Vermelha, mas moram na Ponta do Cavalo.

Resistiram na Praia Vermelha três famílias: a família do Seu "Abacate", do Dito e Etelvina, e da Almeirinda. Dois restaurantes caiçaras funcionam no local, e empregam mais dez famílias cada um. Além disso, há um restaurante dos herdeiros de Gibrail que está fechado, e há bares de pessoas de fora que se instalaram no local.

A Praia Vermelha é a localidade da Ponta Grossa mais visitada pelo turismo náutico. Além de contar com a maior faixa de areia da região, a água do mar é muito cristalina, atraindo escunas e outras embarcações de passeio.

Segundo relatos de moradores, no ano de 2023 a Praia Vermelha foi leiloada e comprada por um empresário de Paraty. Pouco depois disso, os moradores presenciaram uma ordem de interdição ambiental de irregularidades ligadas a infraestruturas de turismo no local. Há uma incerteza dos moradores mais antigos e das famílias que trabalham ali do que vai acontecer agora que a Praia Vermelha tem um outro "dono".



Águas claras da Praia Vermelha e quiosques

# ENGENHO D'ÁGUA

A história que os moradores mais antigos contam do Engenho D'água começa na figura de Luiz Vieira. Ele nasceu, se criou e morreu na Ponta Grossa, aos 92 anos. Luiz era o dono da Fazenda Engenho D'água, onde funcionava um alambique. Dona Henriqueta Gonçalves Onorato, sua filha, morreu em 2004 lá mesmo na Praia do Engenho, bem velhinha. O engenho de cana era movido por uma imensa roda d'água, que se encontra até hoje na localidade, porém em ruínas, escondida na mata que cresceu no entorno. Naquela época, contam que as encostas nas imediações do Engenho D'água eram tudo plantação de cana para a produção de cachaça.

*Aldo, conhecido como "Bem-te-vi", morador da Praia do Engenho d'água*



Segundo os relatos, o Engenho D'Água foi o primeiro alambique da cachaça Coqueiro, produzida em Paraty. A produção de cachaça era realizada pela família de Luiz, mas empregava também outras pessoas, como é o caso de um dos moradores atuais, Aldo, conhecido como Bem-te-vi, cujos pais vieram para trabalhar no Engenho D'água quando ele era menino. A produção era levada em canoas a remo até Angra dos Reis para ser vendida. Depois, na década de 1990, o rótulo da Coqueiro foi dado para outra pessoa, o Eduardinho, que montou um alambique da Coqueiro no Cabral.

Quando o Luiz Vieira morreu, a Fazenda Engenho D'água foi dividida para cada um dos seus filhos. As duas famílias caiçaras que vivem hoje ali ficaram na parte do terreno que ficou com Dona Queta (Henriqueta). Uma das famílias é do Aldo, e sua esposa, Sueli; a outra casa ocupada é do Valério, um dos filhos do Almeirindo (sobrinho da Dona Queta). Os irmãos do Valério, embora não morem lá, tem casa e sempre aparecem. Aldo contou que nasceu na localidade Cadeia Velha, na Boca do Saco do Mamanguá. O pai era do Mamanguá e a mãe era da Praia da Deserta, na Cajaíba. Seus pais vieram morar no Engenho D'água para trabalhar na produção de cachaça, em 1974, quando Aldo tinha 8 anos. Nesse momento, o Luiz Vieira, dono do alambique, já tinha morrido e Henriqueta e seu irmão Ormino que cuidavam. O alambique já não funcionava com a grande roda d'água, mas ficou ativo até 1995.

Um dos problemas apontados no Engenho D'água é que a empresa Camargo Correa comprou boa parte das terras nessa região e restringe a passagem das pessoas pela trilha antiga que liga a Ponta Grossa até Paraty.



*Ruínas da roda d'água que funcionava no Alambique de Luiz Vieira até meados do séc. XX.*

## SANTA RITA

A Praia de Santa Rita antes se chamava Prainha do Bogasto, nome que fazia referência a seu morador caiçara mais antigo.

“ Ali era de uma família de quatro irmãos: Bogasto, Benevidio, Hermíndo e Judite. Quando o Bogasto vendeu, faz tempo pra caramba, eu era solteiro ainda. O ano eu não sei não. Ele vendeu pra uma pessoa de São Paulo e depois, se não me engano, é que vendeu pros Marinho”

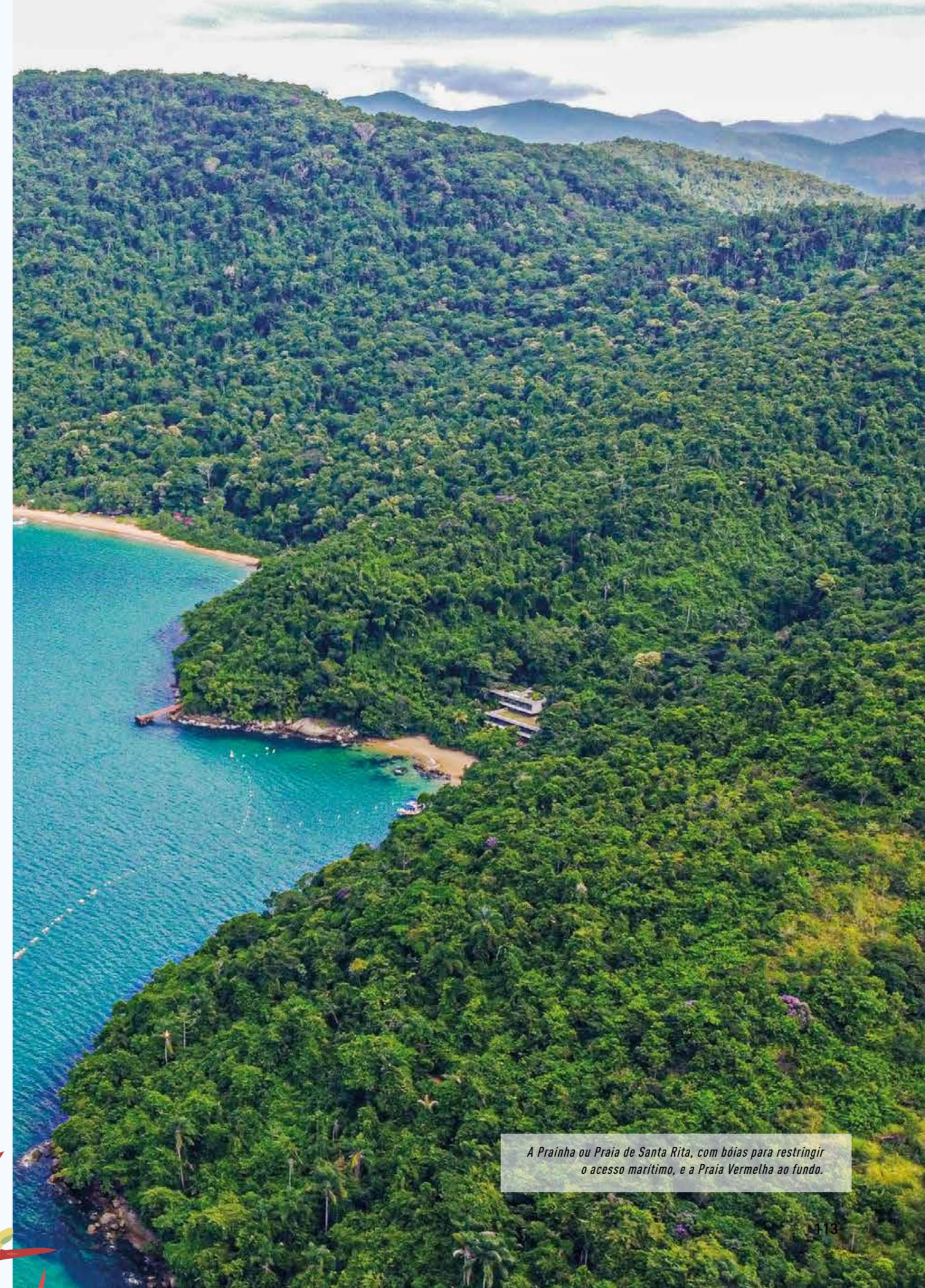
Manoel de Jesus do Nascimento, "Sabiá", 51 anos, Ponta Grossa

Um dos filhos de Bogasto ainda continuou vivendo na Prainha como caseiro do novo "dono", e teve seus filhos lá. Mas eles foram mandados embora depois pelos patrões. Na lembrança do neto de Bogasto, que viveu sua infância na Prainha, surgiu uma explicação para a troca de nome da praia:

“ Meu pai ficou de caseiro, e minha mãe, não sei o que dava nela que ela não deixava ninguém chegar na praia, sumiu todo mundo da praia, ela dizia: “não pode ficar que o proprietário não deixa”, quem chegava na praia ela expulsava, eu era moleque e via isso tudo. Depois a gente veio embora, meu pai saiu, foi mandado embora. A gente veio pra Ponta Grossa, depois a gente saiu pra Angra pra trabalhar, ficou só os dois aqui. Ai isso tudo passou, veio o turismo, passava os barcos de passeio e botaram o nome de Santa Rita. Vim descobrir uns tempos depois que era porque tinha uma mulher lá que brigava muito, era a Rita”

Alexandre Fernandes, Ponta Grossa, 2022

A praia de Santa Rita segue com restrição de acesso, tanto terrestre como marítimo. Por terra, o caminho antigo que dava acesso à praia foi desviado e passa por cima do terreno particular; pelo mar, foram colocadas boias que restringem o espelho d'água da baía, que já é bem pequena, visando evitar a circulação e fundeio de embarcações ali. Moradores da Ponta Grossa expressaram incômodo com essa forma de ocupação das praias que privatizam áreas históricas de circulação e trabalho dos e das caiçaras.



A Prainha ou Praia de Santa Rita, com bóias para restringir o acesso marítimo, e a Praia Vermelha ao fundo.

## PONTA DA CRUZ

Ainda entre os relatos que contam a história da comunidade e dos lugares do território, surgiram falas sobre a Ponta da Cruz (que alguns também chamam simplesmente de Ponta Grossa). Atualmente, nesse local, vive a família do Damásio e sua esposa Maria. Ele nasceu na Ilha do Algodão e ela nasceu na Praia Grande da Cajaíba, filha de Altamiro, liderança caiçara importante da região. A primeira esposa de Damásio era da Ponta Grossa e foi esse casamento que motivou a vinda dele para morar no local há mais de 60 anos atrás.

Na Ponta da Cruz, no quintal dessa moradia familiar, há um canhão de ferro muito antigo. Conforme informações historiográficas, os fortes de Paraty, munidos com canhões de ferro, foram construídos na virada do século XVIII para o século XIX, e tinham como função proteger a baía e assegurar o transporte do ouro que descia pela estrada real até o porto de Paraty. A escolha da Ponta da Cruz para colocação do canhão se justifica geograficamente: é a ponta de terra mais projetada para o mar da porção direita da Baía de Paraty.

Nesse local, segundo contam moradores mais antigos, foi fincada uma cruz em homenagem a uma família que morreu quando a canoa que estavam naufragou quando voltava de um casamento na cidade.

Um acontecimento trágico ocorrido na Ponta da Cruz é relatado por diversas pessoas, e até hoje, sempre que contam a história desse local, essa memória vem a tona, com nuances narrativas.

**“ Um casal casou em paraty. A canoa deles vinha de lá, a ressaca de mar bateu a canoa deles na pedra, morreram afogados. Falaram que ia ventar, mas não respeitaram ”**

*Antonio Carvalho de Jesus, conhecido com João Antero", 74 anos, Ponta Grossa, 2022)*

A avó do Damásio, dona Jovelina, contava que a festa de casamento ia ser na Cajaíba, que ia ter muita comida. Mas a canoa virou e morreu todo mundo, só sobrou um.

A região da Ponta Grossa é conhecida e respeitada pelos navegadores. Quando bate vento e o mar fica agitado, esse é um dos pontos de maior atenção para quem parte de Paraty em direção às localidades do litoral sul do município ou pra quem vem de lá.



Canhão na Ponta da Cruz

**“ O meu tio Juvenal que morreu, saiu daqui da praia pra ir pescar lá fora, lá na ilha dos Ganchos. Quando passou pela pedra da cruz ali, viu duas pessoas se beijando na pedra, a turma dizia que era o casal que morreu ali ”**

*Antonio Carvalho de Jesus, conhecido com João Antero", 74 anos, Ponta Grossa, 2022)*



Vista aérea da Ponta da Cruz e a casa do Damásio, pescador.

# BAILES E FESTEJOS

A comunidade da Ponta Grossa costumava realizar festejos religiosos e alguns relatos também mencionaram os bailes que aconteciam na região.

Folia de Reis, Folia do Divino e Santa Luzia eram ocasiões de celebração religiosa que conectava os moradores de diferentes localidades da Ponta Grossa. Contam que na Praia Grande do Engenho D'água havia uma capelinha de Santa Luzia, mas o padre não costumava celebrar missa fora da cidade.

“ O baile aqui era muito bom. Era na casa do Seu Tinico, aqui pra cima no Guerra. Vinha gente de Paraty, Campinho, Araujo. E amanhecia, ia té 10 horas do dia”

Antonio Carvalho de Jesus, conhecido com João Antero”, 74 anos, Ponta Grossa, 2022]

“ Antigamente se fazia baile, baile de roça, em casa de família. No baile, o café nosso era três cafés, a noite até de manhã. A padroeira é Santa Luzia, no Engenho D'água tem uma capelinha, tem também Santa Cruz. Os que tocavam, os velhos morreram tudo. Os mais novos não sabem mais. Dava muita Folia de Reis. “Os antigos morreram, e os jovens não fazem mais nada disso”

Marquinhos e Lourenço, Ponta Grossa, 2021

Algumas pessoas celebravam santos e santas específicos e organizavam orações em suas casas para homenageá-los. Noite de São João e carnaval eram datas que tinham baile.

“ Todo mundo tinha santo, tinha oratório, tinha aquela porção de santo no oratório. Fazia reza. Folia de Reis sim, tinha, cantava Reis. Agora acabou a reza, acabou o baile, acabou a folia, acabou o Reis, tudo isso acabou”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022

As Falias de Reis e do Divino circulavam nas casas dos moradores e tinham tocadores da própria comunidade. Muitas famílias também se deslocavam para participar dessas celebrações na cidade. Em maio, acompanhavam a festa do Divino Espírito Santo e em setembro a festa em homenagem à padroeira de Paraty, Nossa Senhora dos Remédios, na igreja matriz.

Os bailes aconteciam em toda parte: na cidade, na Ponta Grossa e outras localidades próximas. Várias danças compunham o repertório de brincadeiras que o pessoal dançava.

“ Forró tinha, na cidade. Eu gostava, nós dançávamos no baile, dançava barnabé, ciranda, marvado, arraiá, cana verde de mão, graciana. Dançava aquela dança que levava a mão pra cima. Uma vez fomos bailar no Meros, ali no Fundão. De canoa. Do Rodolfo e da Tereza mulher dele. Tinha filho, tinha filha. Aí nós fomos de canoa lá no Mero, fui eu a Amélia, a pequenina, Judita. Muito baile. Agora acabou”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022

Os irmãos Lourenço e Marquinho, do Guerra, lembraram de alguns tocadores que animavam os bailes da Ponta Grossa.

“ Os tocadores antigos era o Pedrinho, cantor. Cataco no violão. Vidinho tocava viola, Benedito Miguel o pandeiro. Amélio na rebeca. Dançava forró, ciranda, cana verde, canoa, arara”

Marquinhos e Lourenço, Ponta Grossa, 2021

Ainda no tema das danças e festejos, João Antero relatou que havia brincadeira de carnaval na Ponta Grossa.

“ Era bom. Na base do carvão, lama, água. Às vezes as crianças saíam de mascarado aí. Mas hoje em dia acabou tudo. Inclusive baile, agora não tem mais baile na Ponta Grossa. Ali na casa do Tinico [Praia do Guerra] era a casa que fazia mais baile. Tocava viola, sanfona, violão. Agora quem toca aqui é o Pedrinho, o filho e o neto dele tocam. Aqui em casa a Juju, toca violão. Lá embaixo era o Tuico antigamente que tocava sanfona, não toca mais. Rabequinha aqui quem toca é a filha da Tiana, minha neta, ela tá tocando”

Antonio Carvalho de Jesus, conhecido com João Antero”, 74 anos, Ponta Grossa, 2022]

## PRÁTICAS TRADICIONAIS: ALIMENTAÇÃO, CASAS E CANOAS

Os relatos também trouxeram memórias de como se organizava a “economia doméstica” ou, em outras palavras, de como era a vida familiar naquele tempo. A produção da comida, a construção das casas, os mutirões de trabalho, várias dessas práticas se mantêm até hoje.

Esses relatos sobre o modo de vida tradicional são importantes porque reforçam e demonstram a relação da comunidade com seu território. Mostram que a comunidade é detentora de conhecimentos sobre o território e que é por meio desses conhecimentos aplicados na prática que as pessoas sempre conseguiram sustentar suas famílias. Fazer uma canoa, obter alimento na roça, pescar, construir uma casa, tudo isso depende dos saberes e práticas ancestrais caiçaras e dos recursos do território.

Mesmo a Ponta Grossa sendo relativamente próxima do centro urbano, e mesmo as pessoas visitando a cidade com certa frequência, naquele tempo, “não se comprava quase nada”.

“ A comida era boa. A gente comia peixe, comia carne, criava porco e matava pra comer a carne de porco. Criava peru, galinha, pato. A gente criava isso tudo. Plantava rama, arrancava mandioca e fazia farinha, raspava, forneava, forneava com roda. Antigamente não comprava quase nada. Cada casa tinha seu aviamento.

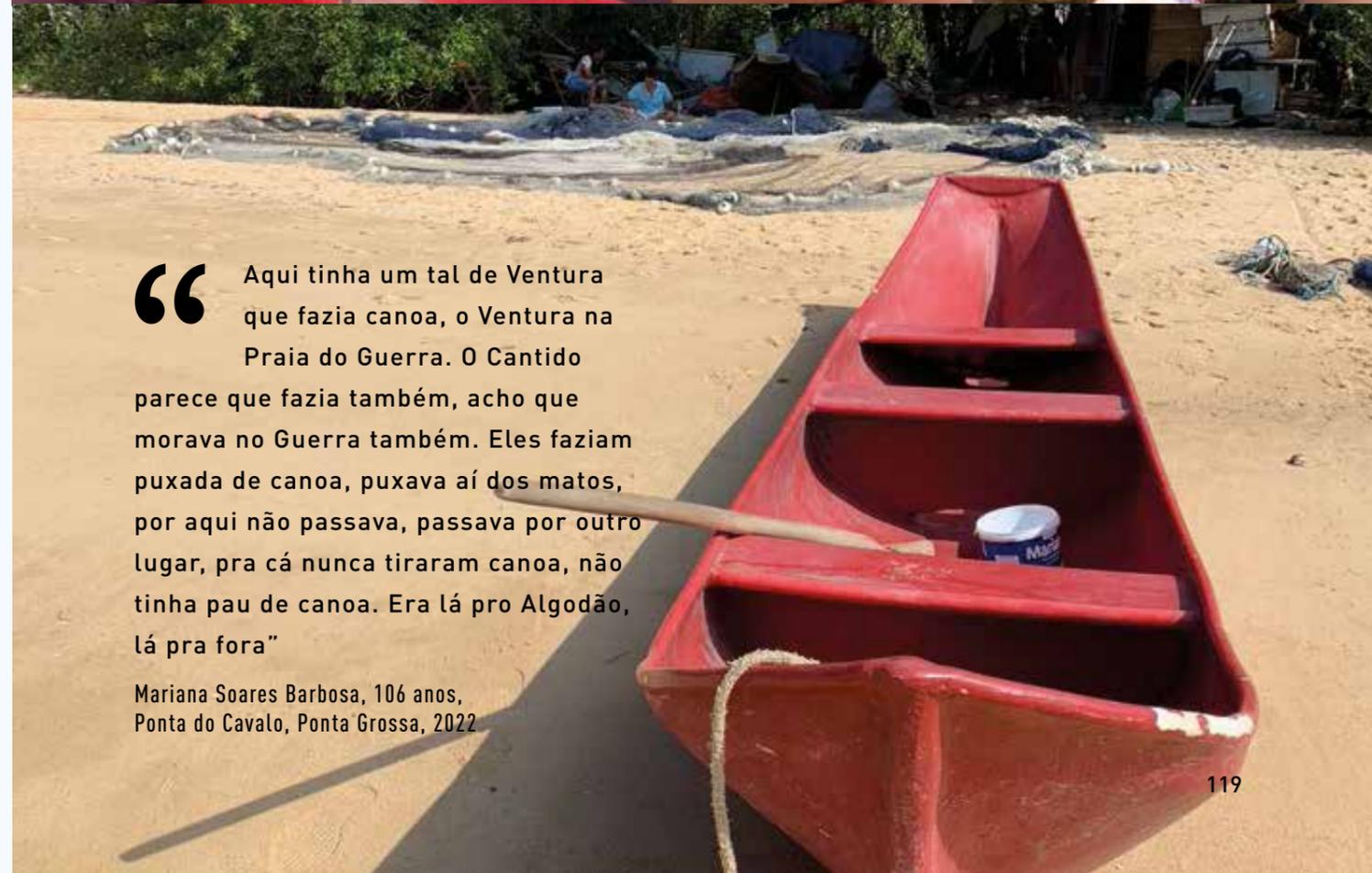
Como eram construídas as casas? A gente fazia. Fazia de madeira, de estuque. Cortava a madeira, envarava tudo assim, amassava barro, barreava tudo. depois começava a fazer as outras casas. Tinha muito sapê, arrancava o sapê, depois amarrava e cobria”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavallo, Ponta Grossa, 2022

Foram lembradas práticas como a de cozinhar na tacuruba, com fogo aceso entre pedras no chão e alguns dos alimentos e preparos mais comuns: biju, farinha, tapioca para mingau, pé de moleque, paçoca de banana da terra (banana cozida amassada no soquete misturada na banha de porco quente com bacon frito) e cocada.

Sobre a prática de construção de canoas, Dona Mariana disse que no seu tempo as madeiras para canoa não saíam da área entre o Guerra e o Baré, pois não havia madeira grossa por ali. A Ilha do Algodão foi mencionada como local de onde se “tirava canoa” para uso dos moradores da Ponta Grossa reforçando essa relação entre a Ponta Grossa e a Ilha do Algodão que se dá, para além do uso dos recursos do território, também no parentesco.

Marquinhos mostrando o Pregoai, alimento tradicional caiçara



“ Aqui tinha um tal de Ventura que fazia canoa, o Ventura na Praia do Guerra. O Cantido parece que fazia também, acho que morava no Guerra também. Eles faziam puxada de canoa, puxava aí dos matos, por aqui não passava, passava por outro lugar, pra cá nunca tiraram canoa, não tinha pau de canoa. Era lá pro Algodão, lá pra fora”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavallo, Ponta Grossa, 2022





*Na paisagem atual da Praia do Guerra, nota-se o contraste entre as casas caiçaras e as casas de proprietários não caiçaras, e a privatização da costeira.*

Quando perguntado qual a importância do território para o povo caiçara, Sabiá respondeu:

“ Ele tira o sustento todo dali. Eu mesmo... a Maria me convidou: "ah vamos sair, vamos embora pro Paraná". "O que que eu vou fazer no Paraná? Onde você mora não tem mar. Eu vou morrer. Eu piso dentro d'água aqui, pra mim, eu tô vivendo. Agora lá no Paraná eu vou ficar morto". Isso que eu falei pra Maria. Ela falou "ah, um dia cê vai". "Pode até ser, mas eu, pra mim, se tirar o mar do pé eu tô morto”

Manoel de Jesus do Nascimento, "Sabiá", 51 anos, Ponta Grossa

# MODOS DE FAZER E PRÁTICAS PRODUTIVAS

## PESCA

### APRENDIZAGEM E PRÁTICAS PESQUEIRAS ARTESANAIS

“ Você já ouviu falar em ardentia? Se você sair num barco qualquer, uma noite escura, você vai ver. O clarão que faz igual fogo no mar. O peixe faz aquilo. Daqui você vê lá do outro lado, aquela mancha amarelada embaixo d'água, já sabe que é peixe”.

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco",  
77 anos, Ponta Grossa, 2022

A pesca segue sendo uma atividade fundamental da vida caiçara na Ponta Grossa. A pesca é, ao mesmo tempo, fonte de alimento e fonte de renda familiar. No Guerra, das cerca de 25 embarcações, 7 são barcos de pescadores que seguem trabalhando profissionalmente na pesca além de 5 ranchos de pesca na praia, onde guardam as embarcações e petrechos usados na atividade.

A maior parte dos pescadores da Ponta Grossa moram na Ponta do Cavalo. São 9 pescadores, sendo 5 deles pescadores de camarão. Pescam também com rede de malha pra corvina, cação (agora proibido), vermelho, sororoca, cavala e tainha.

As práticas artesanais são realizadas por homens e mulheres e envolvem a pesca com rede de espera, anzol de fundo, corrico, espinhel, mergulho (principalmente na Lage dos Meros, Ilha dos Ganchos e ao longo da costeira) e, no tempo da tainha, pescam no Mamangá, no Funil e pra dentro da baía de Paraty. (ver tabela a seguir)

Existem 2 pontos de cerco fixo flutuante de caiçaras da Ponta Grossa. Ambos ficam próximos à Ponta da Cruz. Um deles está sendo usado por Nivaldo e Gelsa, que retornaram recentemente para a Praia Vermelha. Damásio também possui um ponto de cerco na Ponta da Cruz, mas ele preferiu trabalhar com sua esposa Maria no ponto de cerco do Isolino ("Bebé") na Ilha do Algodão, que é melhor de peixe.

A zona pesqueira cotidiana da Ponta Grossa vai desde a Ilha dos Meros até a Ilha da Rapada.

Diversos relatos sobre a pesca surgiram ao longo do processo de caracterização da Ponta Grossa como, por exemplo, o aprendizado, ou sobre ocasiões de grandes pescarias ou ainda quando foram ressaltadas as diferenças da pesca feita antigamente em comparação com a situação da pesca hoje e os problemas que os/as caiçaras das comunidades tradicionais têm enfrentado para manter ativa essa atividade.

Essa questão da falta de peixe também apareceu na fala de Dona Mariana, quando ela recordou algumas ocasiões em que foi pescar ou presenciou a pescaria em grande quantidade. Ela conta que o mangona (um tipo de cação) tinha em quantidade dentro da baía de Paraty.

“ Eu cresci na pesca, trabalhando. Com idade de 13 anos quase, depois que o meu pai morreu, eu abandonei a escola. Eu sei um pouquinho de estudo porque eu aprendi sozinho. No primeiro ano da cartilha, da primeira série eu passei pra segunda e saí, porque meu pai morreu, e eu saí pra trabalhar. Minha mãe brigou, só faltou me bater, pra eu não sair da escola, mas eu falei “não, mãe, eu vou trabalhar pra ajudar a senhora”. Ler, escrever, aprendi sozinho. E não me arrependo. Ajudei a criar meus irmãos, e tô feliz com o que tenho, consegui o que eu queria, graças a Deus.

Aprendi sozinho, bem dizer. Comecei a pescar em Angra dos Reis, fui até o Rio Grande do Sul e Bahia, pescando qualquer peixe, em barcos grandes. Trabalhavam 20, 30 homens, dependendo do barco. Pescava sardinha, anchova, o que encontrasse. Tudo que o barco via

que servia, ele pescava, tinha rede para todo tipo de peixe, no meu tempo não tinha os aparelhos que tem hoje.

A gente pescava mais a noite. E de dia tinha um que ia na frente, na proa do barco, olhando. Ele procurava o peixe no olho. Se ele visse aquela mancha escura, ele já sabia que era peixe, então a gente cercava. Se visse que servia, botava pra dentro do barco, se não servia, abria a rede e soltava vivo. Hoje não, hoje eles tão lá no beliche dormindo, com a 'televisão' ligada, e o que está dirigindo já vê: “tá passando um cardume de peixe aqui, é tal peixe, o aparelho é tudo.

E nunca faltava peixe. Hoje não. Hoje vende até aquilozinho assim ó [pequeno], que estão criando. Bota pra dentro pra fazer farinha, pra adubo. Antigamente não tinha isso.”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco",  
77 anos, Ponta Grossa, 2022



TÉCNICA E LOCAL DE CAPTURA	TIPO DE PESCADO
Linha perto das pedras, perto de toca	Garoupa ou badejo
Linha no largo	Todos os peixes. Ex: corvina, vermelho, cação, pescada, carapau
Rede boiada	Cação, cavala, sororoca, enchova
Rede de fundo	corvina, pescada, vermelho
Pesca de camarão com rede malha 30, fio 25.	Só pega camarões grandes.
Cerco fixo flutuante	Peixes de passagem: sororoca, cavala, carapau
Pesca de lula com linha e zangarelho ao longo da costeira	Lula
Fisga, na costeira (em desuso)	Robalo, Badejo, Mero. "Antigamente tinha muito na Mero até de 100, 200kg. O mínimo que pesava era 50, 80kg]"

“ Às vezes eu ia [pescar]. Matava carapau..., mas eu não sabia nadar. Daqui naquela ilha ali, Ilha do Mantimento, eu ia remando na canoa sozinha, não sabia nadar não! O Atílio e o Zé, buscava lá fora [o peixe]. E eu ia com as crianças pescar de linha, carapauzinho. Fazia assado, fazia frito, fazia ensopado, cada dia de um jeito. Mas aqui na baía o que dava muito é cação grande. Eu pescava com os três, eu, o Atílio, o Aldo e o Jorge. A gente matava muito mangona”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022

“ Uma vez eu tava puxando [a rede], ele [cação mangona] tentou pegar o braço, eu tirei fora e pegou só esses dois dentes de cá. Aí que abriu o braço. Tinha muito, numa noite matamos 5.500 quilos, quarenta e dois cação. Faz uns 20 anos isso, foi ali perto da Ilha do Sandi”

Zé Luís Soares, 62 anos, Ponta Grossa, 2022



Sabiá também lembra da quantidade de mangona que tinha dentro da baía.

“ Era umas balsa de cação, aqueles mangona de 80 quilos que vinha até em terra, arrancava lodo. Era muito peixe, e eles vinham no raso, então diz que arrancava lodo”

Manoel de Jesus do Nascimento, "Sabiá", 51 anos, Ponta Grossa

A pescaria do mangona, naquele tempo, não era regulamentada, então os pescadores da região têm muitos relatos dessa pesca. Era uma pesca noturna, os peixes eram grandes, cada cação com quase 100 kg, alguns até maiores. Então essa pesca ficou marcada na memória das pessoas.

“ Eles pescavam, tinham rede de malha, antigamente tinha os caçoeiro, pescava aí pra fora, dava muita corvina. Ia nos Ganchos pra cá, não precisava sair fora não. Dos Ganchos pra cá, saída pra terra, por fora dos Meros, aqui tinha mais um menos umas 6 baleeiras. A montoeira de cação que ficava na praia, aquela montoeira. Mangona, cação. Aquela época dava. Daí levava pra Paraty, vendia... De tarde, não tinha fogão a bordo, faziam a comida em terra, fazia aquela cestinha, levava naquela cestinha. O meu pai trabalhou muito com o Russo, seu Luís. Eu também era pequeninho assim. Eu ia ficar com eles, matar cação aí, à noite. Largava a rede ficava boiada. A gente via quando o cação batia assim. Aí eles diziam: “segura o cabo que quando ela começar a tremer, é o cação que

tá malhando. Eu segurava no cabo a rede tava assim [tremendo]. Batia umas 11 horas da noite passava a rede. Olha, aquilo vinha [carregado de peixe]. Aquela época”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco", 77 anos, Ponta Grossa, 2022

“ Eu mesmo fazia montoeira no mês de maio. Mês de maio que é época de corvina e de cação, eu fazia montoeira ali na praia. Hoje em dia não mata nem uma pra comer. E essa espia, que era do pai dele [do Sabiá, na Ponta da Cruz], eu tinha cerco lá. Eu matei muita cavala. Eu tenho um cerco, comprei um cerco esses dias, por 7 conto, fiz duas arreada, mas aqui não entra mais peixe, os barcos de turismo passam bem perto do cerco e não fica nada”

Pedro Fidelis dos Santos Oliveira "Damasio", Ponta Grossa, 2022

Na pesca também acontecem coisas inexplicáveis. As pessoas antes falavam mais sobre os mistérios do mar, sobre fenômenos e aparições que não são explicadas dentro da lógica da técnica ou da ciência, mas os mais velhos seguem guardando na memória esses casos.

“ Muito antigamente, meu pai, quando ele pescava na ilha dos cocos, de canoa, na lua clara, perto da isca de caniço, assim na pedra, ele viu um gatinho, desse tamaninho. Aí o papai nem se ligou não. Mas daqui a pouco ele viu uma nuvem descendo encima dele, e daí meu pai desmaiou. A turma dizia que era malassombra”

Antonio Carvalho de Jesus, conhecido com João Antero", 74 anos, Ponta Grossa, 2022



Damásio entalhando uma rede.

## AMEAÇAS À ATIVIDADE PESQUEIRA

Diversas ameaças foram apontadas pelos pescadores à atividade pesqueira artesanal. A redução do estoque pesqueiro é resultado de vários fatores que se somam.

“ Praticamente, do que eu vi de peixe, acabou. Porque a maioria dos peixes vem de fora, vem do Rio, vem de São Paulo pra ser vendido nas peixarias daqui. Aqui tá bem pouco mesmo. O único que está dando pra o pescador sobreviver aí, o pouquinho que seja, é o camarão, de arrasto. Se acabar o camarão, não sei o que vai acontecer. Porque sobreviver de outros peixes, não vão sobreviver não. Não tem”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco", 77 anos, Ponta Grossa, 2022

A pesca industrial está entre um dos fatores mencionados. Eles capturam peixes de todo tamanho, inclusive os menores que são usados de isca e vem causando impacto na população adulta.

“ Por isso que tá faltando peixe: po aparelho da pesca industrial passa encima. Oque consegue matar vem na rede, oque não consegue, a tendência é morrer porque o sonar da choque nos peixes. E eles não deixam os miúdos crescer. Catam tudo e jogam pra dentro do barco e vão vender. No meu tempo não: peixe e sardinha média assim, soltava, porque não vendia. Aquele peixe ia viver, ia progredir”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco", 77 anos, Ponta Grossa, 2022

“ Eu acho que nosso pescado tá fraco. Tá tudo desaparecendo. Nosso pescado é explorado pela pesca predatória. Muita matança está acabando com a cultura da pesca. Precisa aumentar o tempo de defeso, aumentar a fiscalização, porque acontece a pesca durante o defeso. Vem barco do RJ e SC pescar aqui. Passamos mais de dois anos sem pegar lula, agora que tá dando. Sacuritá tá pequeno, pregoaí, concha, guaiá. Eu acho que tá na água o problema”

Marquinho e Lourenço, Ponta Grossa, 2021

A percepção é de que as construções na costeira e o excesso de embarcações estão impactando o mar e causando o empobrecimento da diversidade marinha.

“ O peixe, a pesca, de antigamente pra hoje, praticamente acabou. Antigamente tinha mais fartura de tudo, era peixe, era marisco, era tudo, guaiá na costeira, tudo fartura. Hoje em dia, praticamente você não pode nem mariscar mais na costeira porque tá cheio daqueles cais lá. Não tem passagem mais. Sororoca, cavala, carapau, espada... A espada, se tu ia na Ponta do Mantimento, ali tinha, que a gente tirava a espada, tinha tanto que ficava um mês, dois meses pegando ali. Deus sabe, tinha muita espada ali. Não sei porque, a água do mar tá mudando realmente a cor. Tem mais óleo, em cima do mar de que antigamente. Tá mudando esse tipo de coisa.”

Manoel de Jesus do Nascimento, "Sabiá", 51 anos, Ponta Grossa

Nesse contexto da diminuição da pesca, a profissão não tem sido vista como perspectiva de futuro para a juventude caiçara.

“ Se eles dependerem da pesca pra ter um futuro, não tem mais. Eles têm que estudar pra partir pra outras coisas, fazer uma faculdade, se tiver condições. E aí eles pegam uma profissão melhor. Apesar que está difícil pra todos, quem tem a profissão, quem não tem, tá difícil pra todos. Mas mesmo assim tem mais chances. Ter um diploma, ser um advogado ou uma autoridade qualquer, pode não ter um emprego, mas está com chance de aparecer.

Hoje em Paraty é a pesca do camarão que ainda está dando algum, e emprego nas marinas, marinheiros. É o único emprego melhor que tem”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco", 77 anos, Ponta Grossa, 2022

De forma esquemática, os pescadores da Ponta Grossa apontaram 4 fatores que ameaçam a pesca:

- arrasto de camarão dentro da baía de Paraty matando peixes filhotes próximos às áreas de criadouro
- pesca industrial e predatória com uso de sonares
- excesso de embarcações de turismo espantam os cardumes da costa
- criminalização da pesca pela ESEC Tamois reduz a área pesqueira tradicional.



Nivaldo Conceição concertando rede de cerco na Praia Vermelha



## AGRICULTURA

A agricultura na Ponta Grossa é mantida por alguns mais velhos da comunidade. Seu Antero é dos poucos que ainda tem roça, mas tem épocas que não consegue manter o manejo em dia. A roça do Antero é no Guerra. Quando ele acompanhou a equipe até lá, contou que toda aquela área tinha sido roça do seu pai, Antônio Albino de Carvalho.

Mais pra cima da área de roça do Antero, ele indicou que havia outras áreas agrícolas de outras pessoas e que alguns costumavam chamar aquela área de quilombo. Não se sabe porque os mais velhos chamavam assim. Mas pode ter relação com tempo em que João Guerra mantinha pessoas escravizadas trabalhando pra ele em seu engenho de cachaça.

Antero contou que ali no Guerra tinha muito bananal e, por isso, até os dias de hoje, há muitos pés de banana que nascem sem que eles precisem plantar. Da praia mesmo se vê vários pés de banana e outras frutíferas que, pelo tamanho, se constata que foram plantadas por gerações anteriores. Outros cultivos presentes na área agrícola da família do Antero são: jaca, laranja, café, inhame, aipim, juçara, cana, abacaxi, batata, fruta pão. Mas se reunir os quintais de todo mundo, aparecem outras variedades. E há árvores de madeira de uso como Jacatirão, Quaresma, Chorão, Cobi e Timbuíba.

Para muitos, o trabalho na roça ficou mesmo só na memória:

“**Trabalhava, trabalhei muito na roça. Plantava, fazia plantação de rama, plantava feijão, plantava milho, plantava banana, cana. Plantava rama, arrancava mandioca e fazia farinha, raspava, forneava, forneava com roda. Cada casa tinha seu aviamento. Arroz, nunca plantamos. Se não me engano, o vô plantava. O pessoal dizia que o vovô plantava. Eu não era nascida ainda. E comia paca, tatu. Tatu é gostoso, já comeu? Porco, comia carne de porco”**

*Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavalo, Ponta Grossa, 2022*

De manhã, a refeição era beiju com café de cana. Essas lembranças são ainda vividas na cabeça de quem tem 40 anos ou mais. Os mais jovens já começaram a ter outra alimentação.

“**A gente vinha catar a mandioca quando era de madrugada pra fazer farinha. Então o processo todo: botava a massa e prensava, tirava aquela coisa de fazer beiju, a tapioca. Na proporção que ia coando a farinha, naquela massa na peneira ia tirando e separava um pouco daquela massa pra fazer beiju na frigideira pra tomar café. Moía a cana pra fazer o café de cana. Só tinha açúcar pra visita, a maioria do dia-a-dia era cana”**

*Manoel de Jesus do Nascimento, "Sabiá", 51 anos, Ponta Grossa*

Apesar do trabalho na roça ser mais raro, as atividades de cultivo permanecem vivas no povo caiçara da Ponta Grossa. Na Ponta do Cavalo, Biju e Paulinha também fizeram o exercício de tentar lembrar todas as plantas cultivadas perto de casa. Entre as frutas mencionaram: abiu, jabuticaba, abacate, jaca, coco, mexirica, manga, pitanga, banana e goiaba. Também tem cana e ingá. As ervas e plantas medicinais que tem em casa são: aroeira (casca é boa para úlcera); hortelã socado é bom para mioma e inflamação no útero), babosa com mel (para dor no joelho; boldo, hortelã miúdo, hortelã de galinha, terramicina também foram mencionadas. Lembraram também que a mãe da Biju, Dona Pedrina aprendeu com a mãe dela, Dona benedita, como faz reza para cobreiro, espinhela caída e aguada. Virgínia era uma senhora antiga da Ponta Grossa conhecida como benzedeira.



## TURISMO

“ Na Praia Vermelha tem 2 restaurantes, eu trabalho no restaurante da Dona Almerinda, que tem mais de 40 anos. Quando começou, ela comprava os peixes dos pescadores, colhia limão cravo e fazia pros turistas que chegavam de barco. O turismo é a nossa principal renda. O restaurante que eu trabalho emprega 12 famílias.

O turismo bom é o turismo organizado, que preserva o lugar. as escunas jogam óleo de comida onde? E os banheiros? Para nós, caiçaras o turismo das escunas não gera benefício nenhum. Iam tirar o almoço das escunas, mas não sei se vão conseguir.”

Ana Paula Carvalho de Jesus, 31 anos,  
Ponta Grossa, 2023

O turismo é uma atividade importante para os moradores da Ponta Grossa. Muitos deles possuem embarcações e fazem passeios com turistas por essa região. No Guerra, são 15 a 20 embarcações usadas para o turismo, enquanto 7 são de pesca.

Os principais destinos são: Praia do Jurumirim, Engenho D'água, Praia Vermelha, Ilha Comprida, Praia da Lula, Ilha da Pescaria, Ilha da Cotia, Enseada da Preguiça, Ilha dos Cocos, Saco da Velha, Ilha do Mantimento, Lagoa Azul e Praia da Conceição. Alguns desses pontos estão localizados no território caiçara da Ponta Grossa, outros já são dentro da Baía de Paraty Mirim.

“ Tem 40 anos já que trabalho com passeio de barco. Quando eu comecei a trabalhar, só tinha uma escuna, e uns três ou quatro barcos pequenos em Paraty. Hoje vê o que tem aí. Hoje dá pra sobreviver desse trabalho. Não dá para guardar dinheiro, mas dá para sobreviver. Eu não me queixo, graças à Deus”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco", 77 anos, Ponta Grossa, 2022

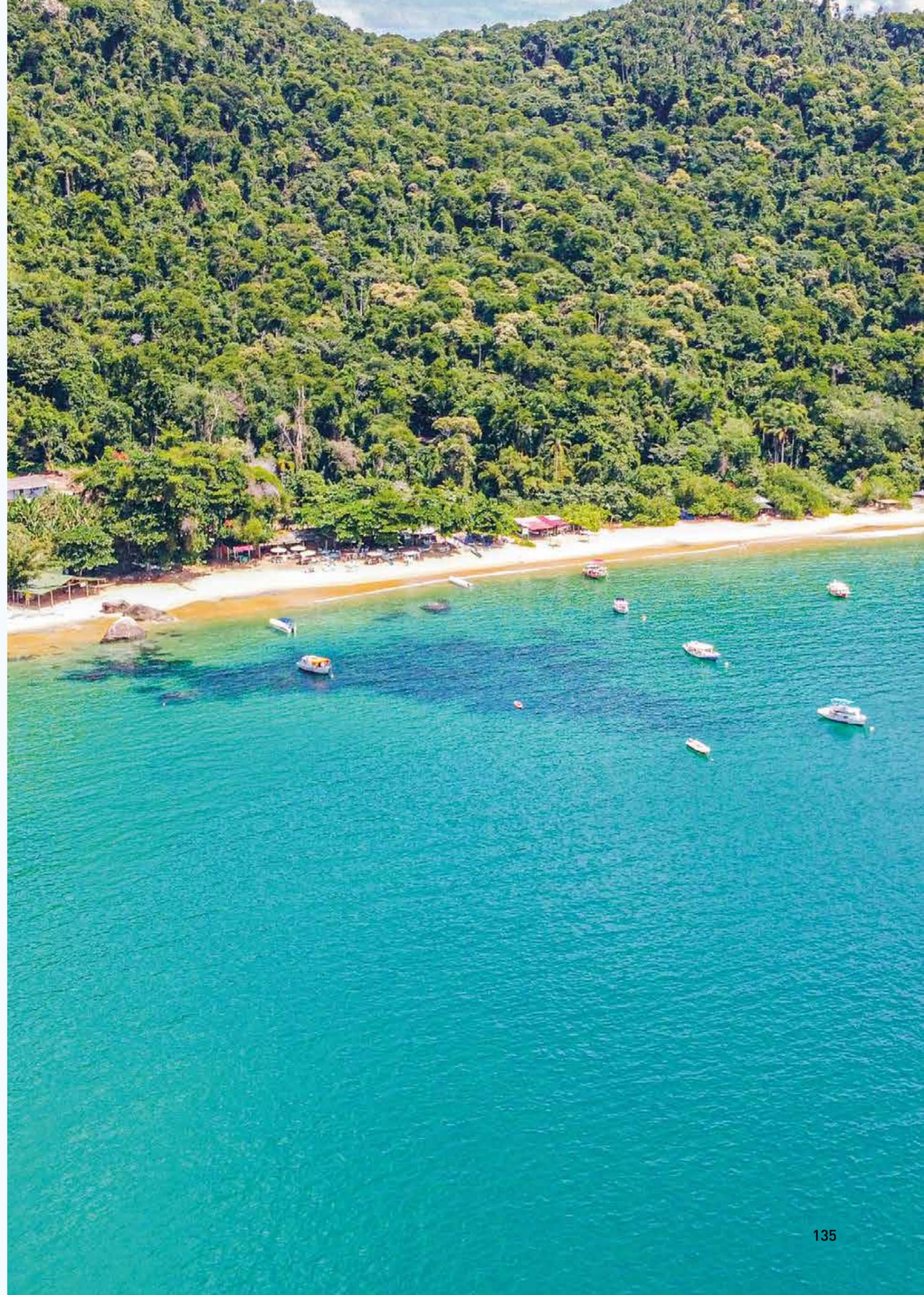
Além da oferta e passeios de barco. Em quase todas as localidades da Ponta Grossa têm restaurante ou bar de moradores caiçaras. Na Praia Vermelha tem 2; na Ponta do cavalo tem 2; no Baré tem 1; Na praia do Engenho D'água tem 1; apenas na Praia do Guerra não tem. Afora isso, trabalham como caseiros de veranistas. A hospedagem não é uma atividade que as caiçaras da Ponta Grossa desenvolvem. Tuíco explica que o trabalho com passeio em embarcação própria é um trabalho bom, melhor que trabalhar na marina, pois cada um é dono do seu tempo, escolhe quando trabalhar, e, se precisa levantar um recurso, vai até o cais e consegue.

“ É, eu trabalho mais com passeio. Na Vermelha tem restaurante e no Engenho também. As escunas param. E aluguel tem só na parte de cá do Baré que são casas para alugar, mas não são pessoas daqui não, é tudo do pessoal de fora. O pessoal do Baré vive da pesca ou do turismo de trabalho na marina. E tem caseiro, todas as casas têm caseiro.”

O que eu mais gosto de fazer é esse trabalho que eu faço, trabalhar com turismo. Eu já trabalhei em marina, já tomei conta de muitas lanchas. Nas marinas você trabalha empregado e todo mês tem aquele dinheiro fixo. E às vezes você precisa do dinheiro e não tem, tem que esperar chegar o outro mês para receber. E aqui não. Igual hoje: tem um pessoal pra eu sair, já estou com dinheiro no bolso. Eles chegam no cais e já me pagam em dinheiro. Se eu quiser levar qualquer coisa pra casa, eu tenho dinheiro. E se eu trabalhar na Marina? Chego na cidade e não tenho dinheiro pra levar um pão pra casa, e aí? E também se eu não quiser, o barco é meu mesmo... “ah, hoje não vou”. Não tem “ah, por que você não foi trabalhar? Quanto tempo você fez?”

Antonio Carvalho de Jesus, "Tuíco", 77 anos, Ponta Grossa, 2022

Foi relatado, em uma das reuniões durante a caracterização, a existência de um conflito de uso entre os barqueiros caiçaras e as grandes escunas de Paraty que promovem a super lotação de localidades na Ponta Grossa (e outras na Baía de Paraty). São localidades pequenas, que não tem capacidade de suporte para tantas pessoas ao mesmo tempo. Então, quando uma escuna dessa aporta ali, inviabiliza a chegada de outras embarcações. Além disso, permanecem muito perto da areia, desrespeitando a área de banhistas.



# PRÁTICAS DE CUIDADO

Os relatos trouxeram a importância das parteiras e dos chás no tratamento de alguns males. Quando o caso era mais grave, levavam a pessoa para a cidade a remo ainda que, naquele tempo, quase não havia médico.

“ Fazia um chá, tomava chá. Mamãe fazia chá de laranja pra gripe, era fedegoso, era carrapicho, era marisol. Marisol é um pezinho que dá assim uma cabecinha amarelinha. Naquela época não tinha quase médico. No tempo do meu pai, da minha mãe e da minha vó não havia médico não”

Mariana Soares Barbosa, 106 anos, Ponta do Cavallo, Ponta Grossa, 2022

Dona Biju e sua filha Paulinha falaram um pouco sobre as ervas e plantas medicinais que têm no quintal: aroeira (a casca é boa para úlcera); hortelã socado é bom para mioma e inflamação no útero), babosa com mel (para dor no joelho; elas têm também boldo, hortelã miúdo e de galinha e terramicina. A mãe da Biju, Dona Pedrina aprendeu com a mãe dela, Dona Benedita, como faz reza para cobreiro, espinhela caída e aguada. Lembraram que Virgínia era uma senhora antiga da Ponta Grossa conhecida como benzedeira.

# INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS POSTO DE SAÚDE

Existe um subposto de saúde no Guerra, ligado ao posto de Paraty-Mirim. Esse posto abre XX vezes por semana com atendimento de XX. Os dados obtidos sobre a situação de saúde da população da Ponta Grossa apontaram que as principais doenças que atingem as pessoas são hipertensão (com 51 casos) e diabetes (com 19 casos). Pensando numa população de pouco mais de 200 pessoas, esses números são bastante significativos.

## ESCOLA

A primeira escola da Ponta Grossa funcionou na Praia do Engenho D'água, próximo à roda d'água. Nessa escola estudaram pessoas da geração que hoje tem por volta de 70 anos. A escola funcionou entre a década de 1950 e 1970. Essa escola está em ruínas.

A atual escola da Ponta Grossa está situada no Baré. A Escola Municipal João Apolônio dos Santos Pádua oferece Educação Infantil e o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, o que corresponde do 1º ao 5º ano. A escola possui 16 alunos matriculados. Após o 5º ano, os alunos vão para a E.M Pequenina Calixto, em Paraty, onde, atualmente, estão matriculados 2 estudantes do 7º ano e 2 estudantes do 9º ano residentes da Ponta Grossa.

Entre 2021 e 2022, quando a equipe circulou pela Ponta Grossa, a E.M. João Apolônio dos Santos Pádua estava em reformas devido a problemas estruturais. Havia muita reclamação dos moradores com relação à situação da escola. O coletivo de educação diferenciada do FCT acompanhou e apoiou as famílias da Ponta Grossa pela melhoria das estruturas da edificação.



Ruínas da antiga escola

# CONFLITOS E AMEAÇAS

Os problemas que afetam a vida da comunidade da Ponta Grossa são diversos. Vários coincidem com o relatado em outras comunidades da região.

Cadeia do Petróleo	Foram mencionadas “bolas de pinche” encontradas nas praias e fixadas nas pedras da Ponta Grossa, nos anos 80. Presença de navio petroleiro. “Além de estragar o visual, não sabemos quanto de resíduo eles estão jogando no mar. E tão aumento os navios, eles estão perto daqui agora”
Pesca industrial e predatória	Mata as espécies ainda muito pequenas, muita matança
Usina Nuclear	Prejudica a pesca
Conflitos fundiários: Fechamento de servidões e privatização de costeiras.	Pessoas de fora, donos de terrenos, fecham os caminhos históricos e restringem a passagem e os acesso às praias e às áreas de costeira usadas como passagem e área de pesca. Inclui também conflitos com “dono” da Ilha do Mantimento que restringe atividade pesqueira no entorno da Ilha.
Saneamento / Poluição no mar	<p>“Hoje em dia você tem a casa com banheiro e tudo, mas joga ali no córrego. Qual a vantagem disso? Antigamente tinha onze casas, as necessidades a gente fazia na bananeira. Hoje em dia tem mil casas, têm banheiro bonitinho e tudo, só que a merda vai pro mar ou vai pro córrego, vai pra praia, e vai pro mar. Isso é evoluir? Pra mim isso é um problema, vai afetar tudo” (Tuíco)</p> <p>“- Naquele flutuante mesmo, lá em casa, pegaram um balaio de mexilhão, tamanho da casca, tamanho do miolo de tão gordo. No flutuante lá.</p> <p>- É, mas não tem negócio: nas boias que usa a pintura, não pode tirar.</p> <p>- É, não pode comer, por causa da tinta, né. Mas tá gorda mesmo... Os canos do vaso sanitário, saem tudo na costeira”</p>

Ocupação desordenada na costeira Obras autorizadas sem anuência da comunidade	LA prefeitura tem autorizado obras na Ponta Grossa sem qualquer tipo de consulta à comunidade caiçara do local. As obras são feitas de qualquer jeito, não tem regra nenhuma “Vai na prefeitura, pede pra autorizar e faz de qualquer jeito. Isso que tá errado. Pra que que tem comunidade? Na Ilha das Cobras não tem uma regra de construir assim, assim, assado? Em cada comunidade deveria ser assim” (Sabiá) Muitas casas de pessoas de fora surgindo na costeira, ocupação desordenada
Problemas com órgão ambientais	Falta fiscalização para obras irregulares de pessoas de fora, para pesca predatória Restrições abusivas para moradores caiçaras
Roubos / Criminalidade	Aumentaram os casos de roubo de botes. Hoje tem insegurança de roubo de motor e de manter a casa aberta em alguns casos. “Não pode nem falar. Dá medo. Você tem que ver e ficar quieto, se falar demais amanhece com a boca cheia de formiga” (Pedro Fidelis dos Santos Oliveira “Damasio”, Ponta Grossa, 2022)
Falta de perspectiva/ jovens saindo do território /	“O jovem hoje não quer mais ir pra pesca, não vai, não vai perder seu tempo. Ele não vai ficar lá mesmo, vai passar por outra geração, vai embora, por isso que tá acabando” (Sabiá)
Fim da fartura/ Sensação de insegurança	“Antigamente, eu era criança, eu era feliz e não sabia. Era farinha, pegar a mandioca, era peixe. Era aquilo: era difícil, mas era bom. Meu pai era aposentado, ganhava cinco mirreiros, meu pai vinha aqui no Tibúrcio, comprava uma metade de um porco, um fardo de carne, pendurava, minha mãe botava uma bacia embaixo pra esperar o óleo cair. Era fartura antigamente, se ganhava pouco mas tinha fartura, hoje em dia ganha um saco de dinheiro aí, e não tem nada” (Sabiá)
Recado para os que ficam	“Prefiro ficar aqui mesmo na roça. Aqui é melhor. Aqui é aberto o lugar. Na cidade vai pra casa e fica fechado o lugar, fica preso. Aqui fica solta, é melhor” “O que passou, passou. Agora nós estamos no futuro. Agora só penso nos netos, nos filhos, pensar em mais nada. O ditado diz assim: ‘pensa na vida que a morte é certa’ “Tem que cuidar de tudo. Cuidar da família. Não vender, aqui não temos vendido não. É para os filhos mesmo, os netos, bisneto” “Não atrapalhar o lugar dos bons. O ruim não atrapalhe o lugar dos bons”.

## ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

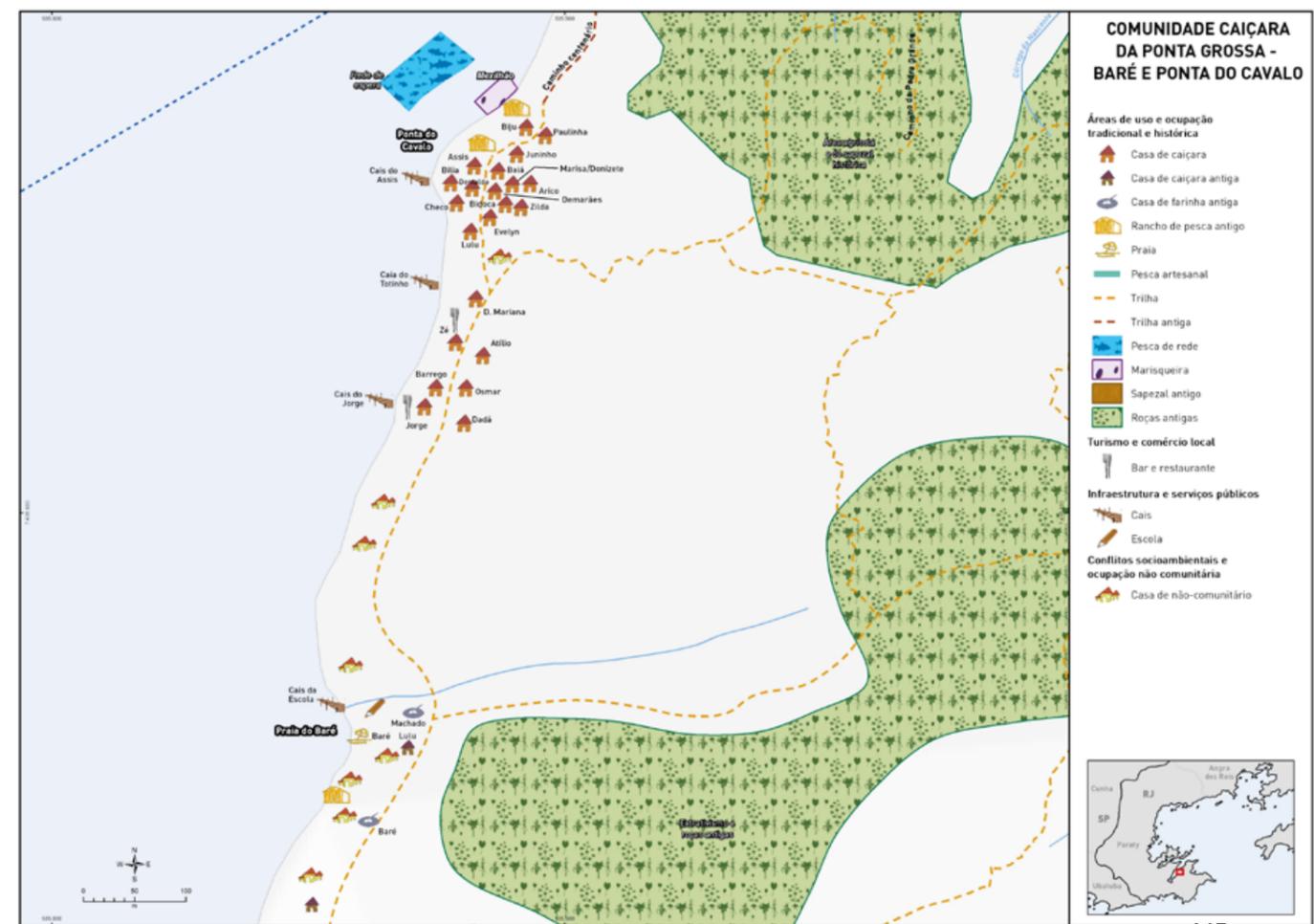
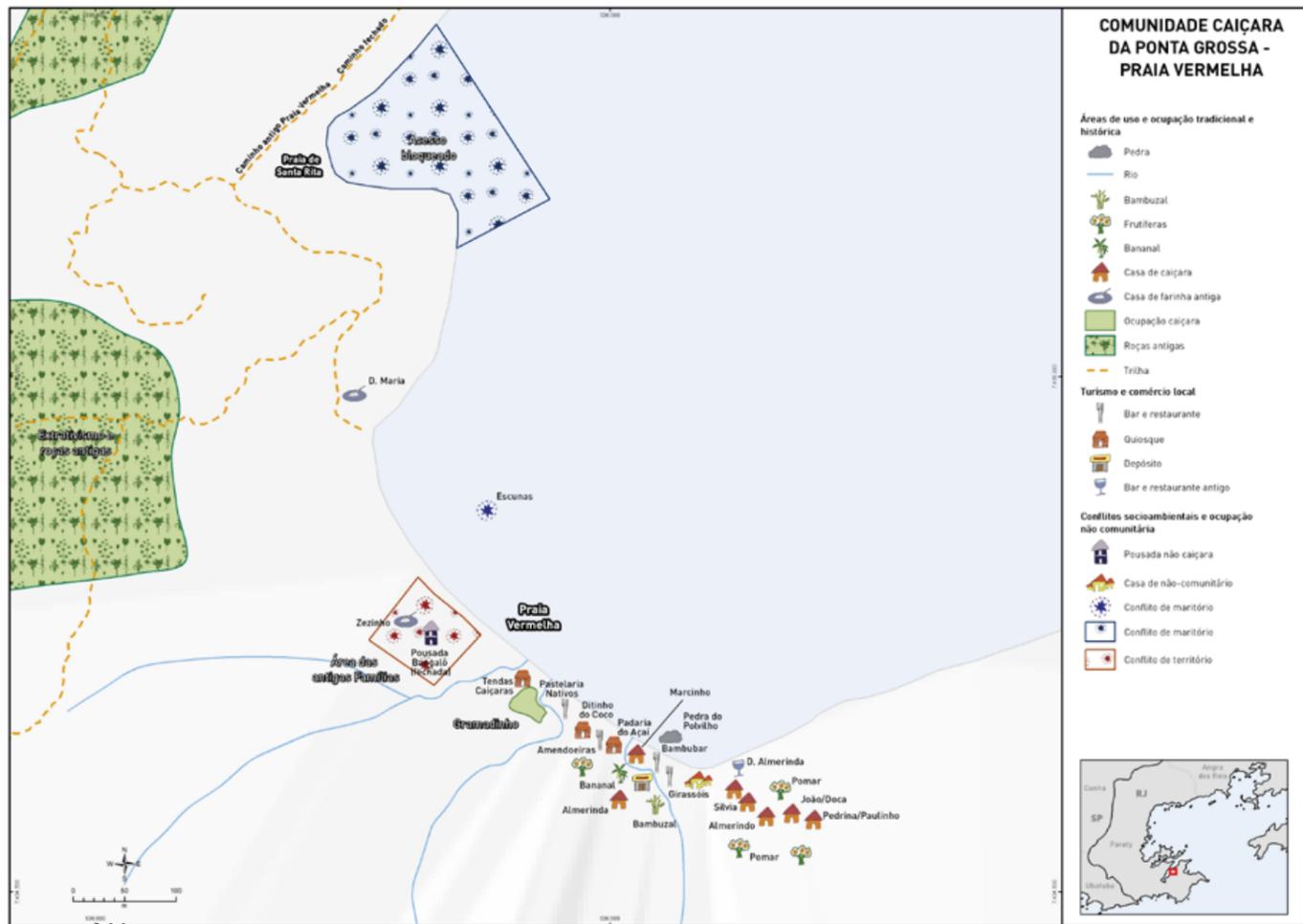
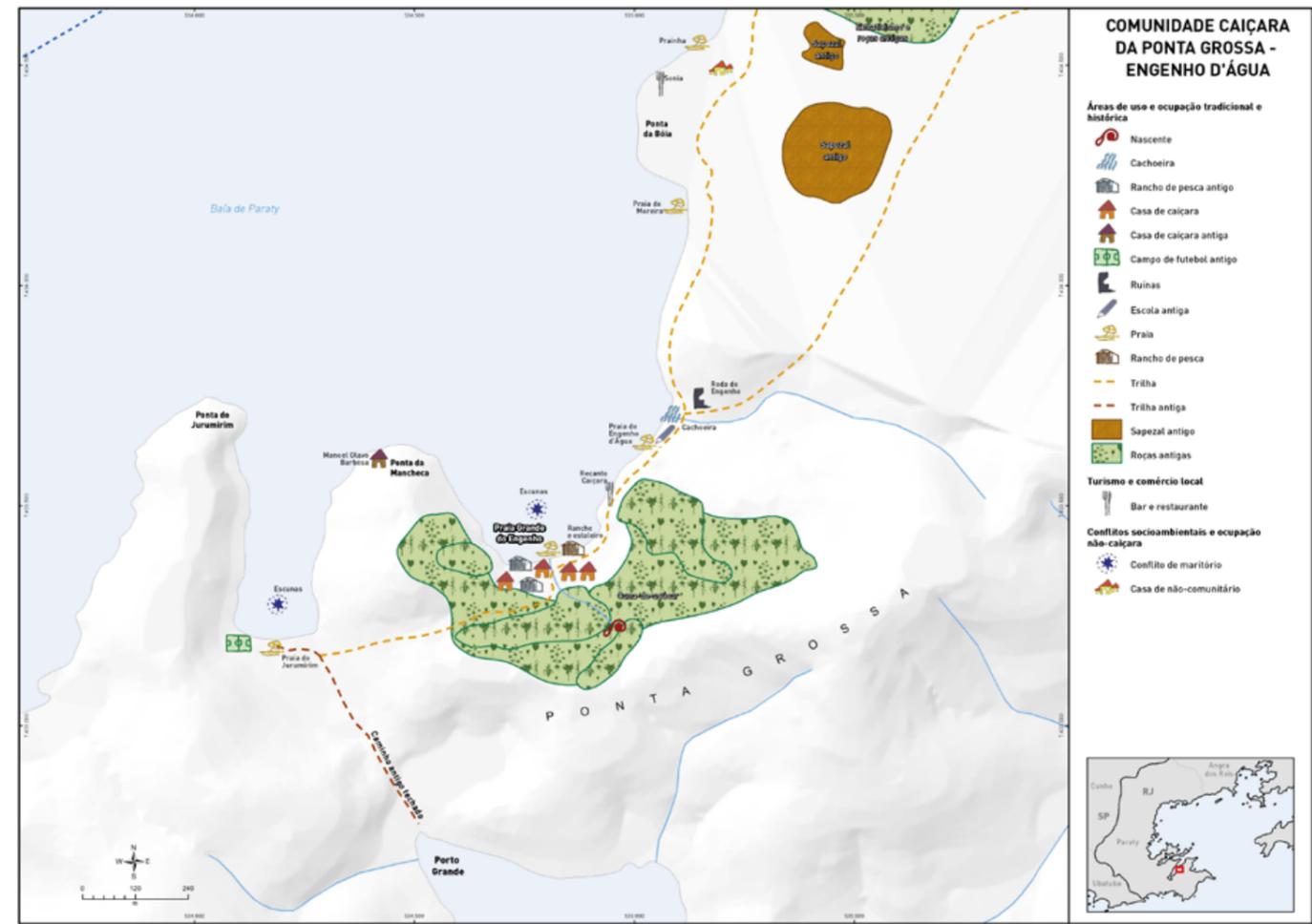
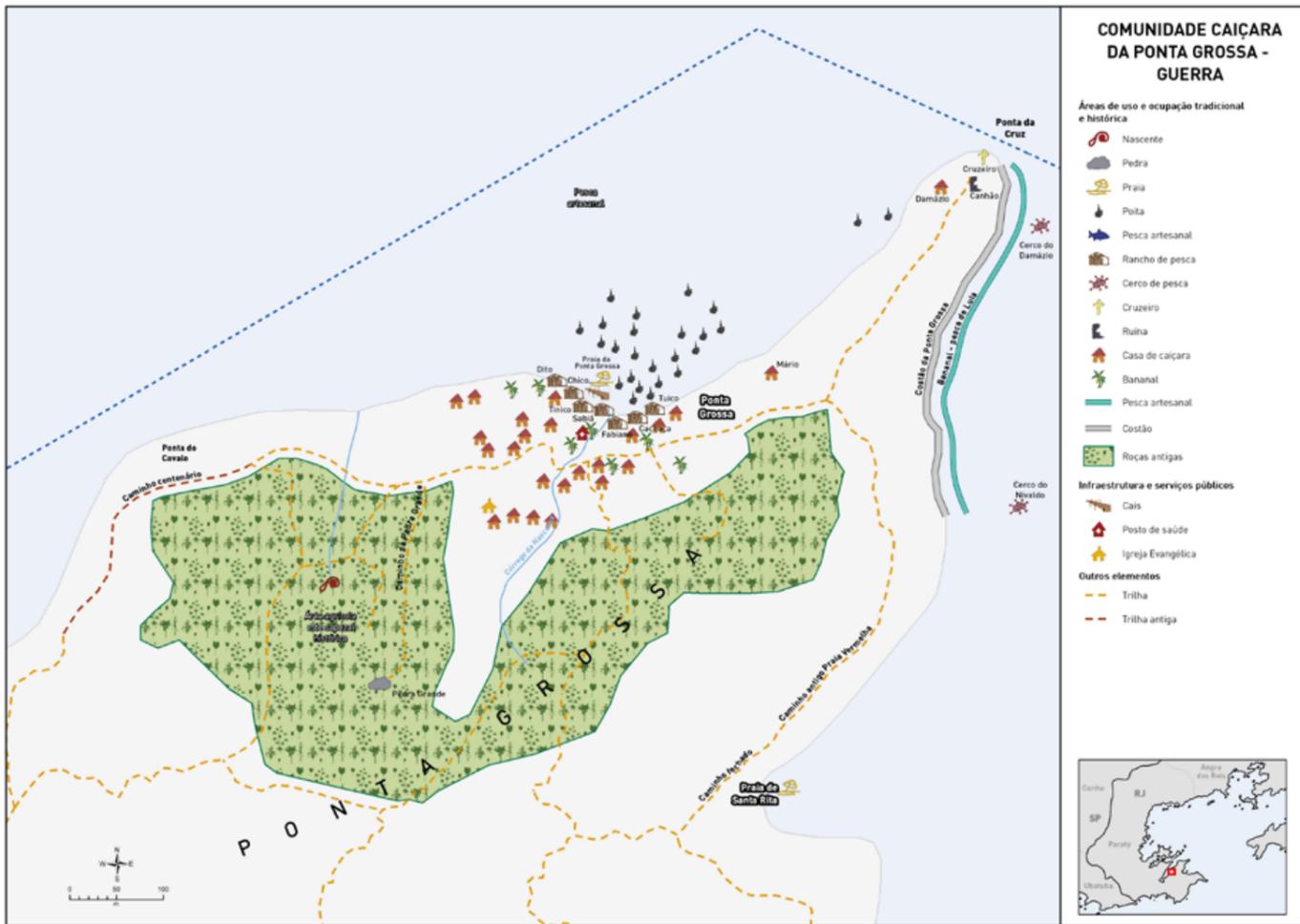
A Associação dos Moradores da Ponta Grossa – AMOPOG – foi oficializada em 19/06/2015, e sua criação teve relação com a organização comunitária em torno da reivindicação de instalação da energia elétrica na localidade. Um pouco antes, a Praia do Sono e outras localidades mais remotas de Paraty e da Ilha Grande também estavam mobilizadas nesse sentido.

Durante o processo de caracterização, a equipe ouviu de diversos moradores que a comunidade precisa se unir para reestruturar a associação. Duas das pautas prioritárias que a comunidade mencionou são: a gestão hídrica, para evitar os períodos de escassez, que já ocorrem em determinados períodos do ano, e o saneamento para conter a contaminação do mar. As duas pautas são dever do Estado, e a comunidade precisa se organizar para cobrar pelos seus direitos.



# MAPA FALADO





**COMUNIDADE  
TRADICIONAL CAIÇARA DA**

# **ILHA DO ALGODÃO**

**A Ilha do Algodão está localizada em frente à enseada do Paraty Mirim, entre a Ponta Grossa e o Saco do Mamanguá. É a maior ilha, em extensão territorial, do município de Paraty, que conta com mais de sessenta ilhas no total. Possui 4 quilômetros de comprimento e largura que varia entre 450 metros nos locais mais estreitos até 1,5 km na área mais larga.**

**“Era difícil, mas era a profissão deles naquela época. Era dali que tirava o sustento, do fruto do mar e da terra”**

**Maria Aparecida Santos, "Maísa"**

## LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

A Ilha do Algodão está localizada em frente à enseada do Paraty Mirim, entre a Ponta Grossa e o Saco do Mamanguá, e é a maior ilha, em extensão territorial, do município de Paraty, que conta com mais de sessenta ilhas no total. Possui 4 quilômetros de comprimento e largura que varia entre 450 metros nos locais mais estreitos até 1,5 km na área mais largas.

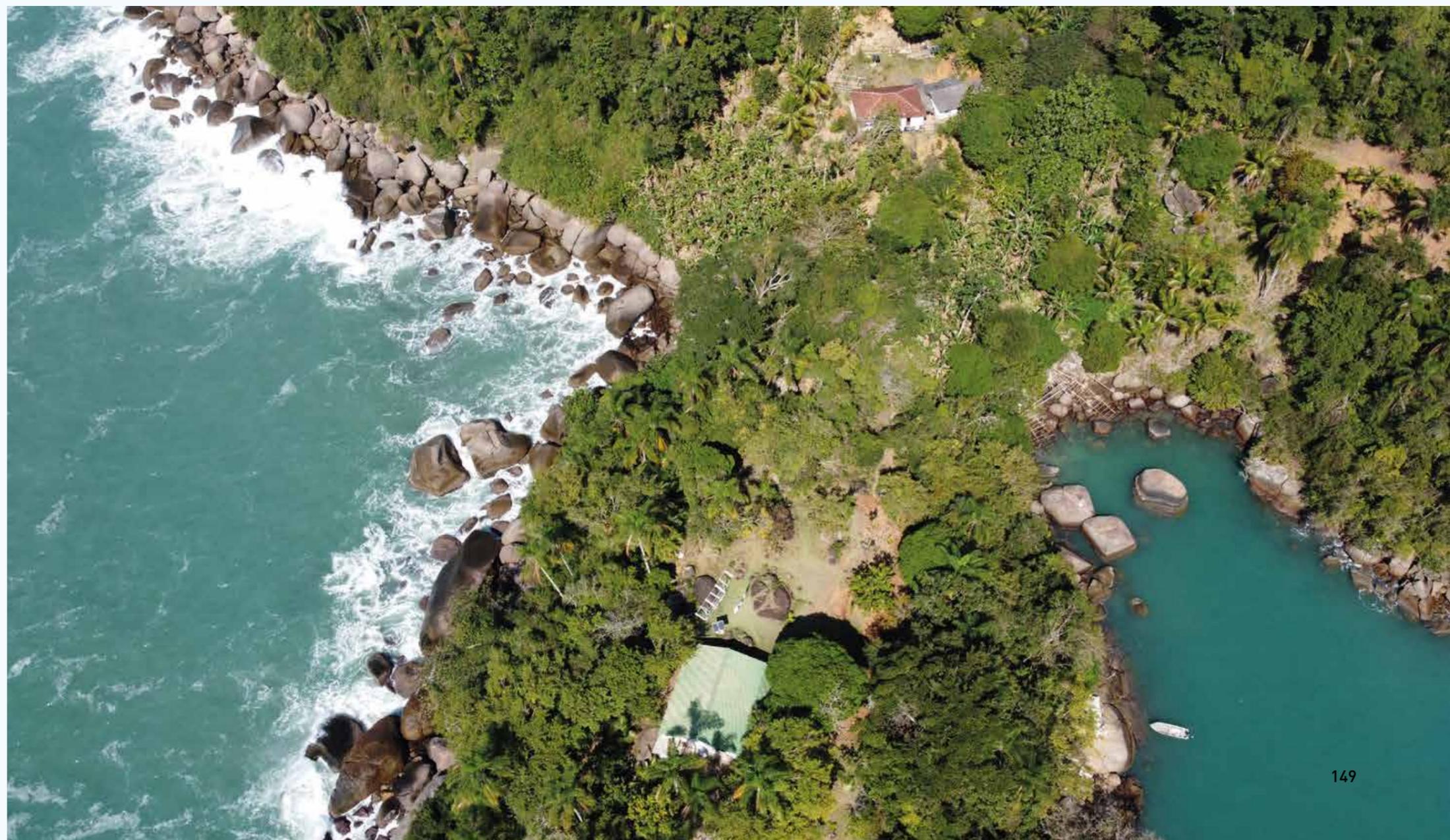
O território de uso cotidiano das famílias caiçaras da Ilha do Algodão abrange, além da porção terrestre da Ilha do Algodão, outras áreas marinhas no entorno, envolvendo algumas das ilhas mais próximas, como a Ilha dos Cocos, Ilhote dos Cocos, Ilha do Sernambi e Ilha dos Meros. Paraty Mirim também é uma localidade fundamental para os moradores do Algodão, lá se situa o cais mais próximo para acessar a rodovia.

O território de uso cotidiano das famílias caiçaras da Ilha do Algodão abrange, além da porção terrestre da Ilha do Algodão, diversas áreas marinhas no entorno, envolvendo algumas das ilhas mais próximas, como a Ilha dos Cocos, Ilhote dos Cocos, Ilha do Sernambi, onde mora uma família caiçara da Ilha do Algodão, e Ilha dos Meros. Paraty Mirim também é uma localidade fundamental para os moradores do Algodão, lá se situa o cais mais próximo que dá acesso à rodovia.

A Ilha do Algodão não tem praias. Na porção voltada para leste e sudeste, o mar é mais bravio e a cobertura florestal está mais conservada. Apenas 3, das 27 casas de moradores mapeadas na cartografia, estão localizadas nessa costeira. A parte virada para o continente é mais abrigada e tem ocupação ao longo de quase toda sua extensão. Os pontos de mais concentração de casas são nos locais onde as condições de fundeio, embarque e desembarque são mais propícios. Pela foto aérea, é possível observar que na parte central da Ilha, onde

ela se estreita, se forma uma bacia mais abrigada e, não por acaso, boa parte das casas se concentra nessa área. O saquinho do Lavo é outro abrigo importante que também dá acesso às casas de várias famílias caiçaras.

Algumas famílias da Ilha do Algodão moram permanentemente, outras dividem residência entre a Ilha e o centro de Paraty. O número de casas de pessoas de fora ainda é menor que o número de casas caiçaras.



# TEMPOS E ESPAÇOS CAIÇARAS

## GENEALOGIA E HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO

A comunidade caiçara da Ilha do Algodão habita esse território há mais de 150 anos, perfazendo um total de 7 gerações. A reconstrução genealógica mostrou que todos os moradores caiçaras do Algodão têm algum vínculo de parentesco entre si.

A pessoa mais antiga identificada na genealogia foi Dona Ernestina Gonçalves, que morreu com 98 anos nos anos 1970, tendo nascido, portanto, na década 1870. Ernestina aparece como ancestral comum a diversos núcleos familiares da Ilha. Não foi possível recuperar quem foram seus pais, mas pelos relatos de seus descendentes surgiram outros nomes de familiares que conviveram com ela na virada do século XIX e ao longo do século XX. Ernestina era irmã de Maria Gonçalves e foi casada com Manuel Eugenio. Do casamento de Ernestina com Manuel descende boa parte das famílias que moram até hoje na Ilha do Algodão.

Ernestina e Manuel tiveram alguns filhos, entre eles Maria da Paixão e Nelson Manuel Eugenio<sup>11</sup>. Pela linhagem da Maria da Paixão, se chegou a seis gerações, como se vê no diagrama (pág. 142).

<sup>11</sup> Essa prática de nomeação presente na Ilha do Algodão foi verificada em outras comunidades tradicionais caiçaras do litoral sudeste que possuem influência cultural açoriana. Trata-se de passar para o filho o nome + sobrenome do pai, e agregar mais um primeiro nome. Aqui o pai se chamava Manuel Eugenio e o filho: Nelson Manuel Eugênio.

Aparecida, bisneta de Ernestina e Manuel, é casada com Romildo e moram com a filha Kelly e a neta Isabelly. Isabelly e Natan são a sexta geração da família na Ilha do Algodão. Romildo também é descendente de Ernestina, mas enquanto Aparecida é bisneta, Romildo é neto. Esse casamento intergeracional aconteceu porque Romildo é filho do filho mais novo de Ernestina, o caçula Nelson Manuel Eugenio.

Maísa conta que sua avó materna, Maria dos Remédios de Souza, deixou a Ilha do Algodão e foi morar na Ponta Grossa, mais precisamente no Engenho D'água, onde se casou com Clarindo Arnaldo Fernando. Quando ela saiu, pediu que seu irmão Henrique Ayres, que era um dos donos da Ilha do Algodão, ficasse e zelasse pelas terras da família. Nessa mesma época, havia uma outra irmã da Maria dos Remédios que morava na Ilha dos Cocos.

**“ Esse Henrique Ayres não era da Ponta Grossa, ele era daqui mesmo. A minha vó era daqui do Algodão, ela foi morar na Ponta Grossa porque ela casou lá na Ponta Grossa. E minha mãe, ela que ficou tomando conta aqui do local que meu tio avô deixou”**

**Maísa** *Apresentada Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022*

Na década de 1930, o casal Maria dos Remédios e Clarindo se mudou para a Ilha do Algodão já com uma das filhas, Maria Rita dos Remédios, nascida na década de 1920. Quando chega na Ilha do Algodão, Maria Rita se casou com Nelson Manuel Eugênio, o caçula de Ernestina, seu primo. E com ele tem 9 filhos, cinco deles moram até hoje na Ilha do Algodão: Maísa, Romildo, Linco, Bebê, Anita e Hernande. Os 3 primeiros participaram ativamente desse trabalho. Maria Rita morreu em 2011, com 88 anos.

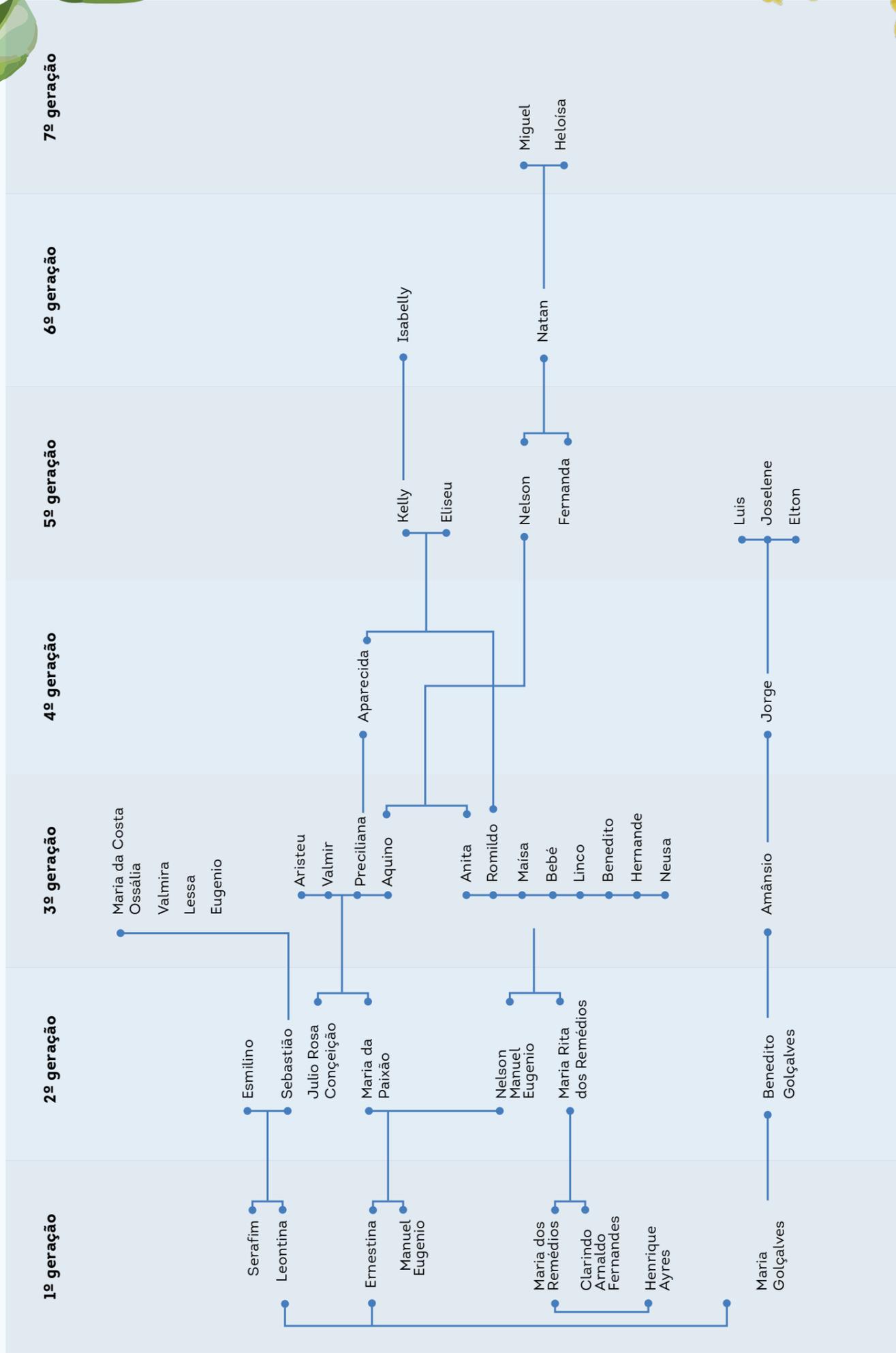
Maísa e seus irmãos contam que quase não conviveram com os avós maternos porque quando eles ficaram mais velhos, se mudaram para Angra dos Reis e lá vieram a falecer. Maria Rita, mãe deles, costumava contar como era a vida na Ilha durante a sua juventude.

No diagrama (pág. 142) pode-se visualizar as primeiras gerações que apareceram na reconstituição genealógica e alguns dos

moradores atuais que descendem desses mais velhos. Esse diagrama não inclui todos os moradores da Ilha e nem todos os parentes. O objetivo do diagrama é mostrar os ancestrais comuns e visualizar quantas são as gerações dessa família a ocupar a Ilha do Algodão.

As relações entre a Ilha do Algodão e a Ponta Grossa são antigas, isso foi evidenciado no histórico familiar apresentado. Existe uma proximidade geográfica e também vínculos de parentesco que começaram no passado, mas se atualizam nos dias de hoje, por meio, por exemplo, do casamento entre Alda, da Ilha do Algodão, com Ademar, da Ponta Grossa. Além disso, a única criança da Ilha do Algodão em idade escolar frequenta a escola da Ponta Grossa. Atualmente Kelly trabalha na escola e acompanha sua filha na travessia de barco.





Três gerações: Aparecida, Kelly e Isabelly.

## MEMÓRIAS DO TEMPO ANTIGO

“ Isso aí a gente sempre traz na memória, são coisas que a pessoa não esquece: o tempo da adolescência e da infância a pessoa sempre recorda. Antes tinha bastante gente aqui. A gente olha, a Ilha ta vazia, só vê mato e mais nada. Mas na época que eu era adolescente, tinha muita gente, principalmente as crianças. Aí os pais, aquele negócio dos pais venderem e saírem pra Paraty, muitos levaram também os filhos e os netos”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Dona Maísa e Romildo contam que a vida na Ilha do Algodão era diferente do que é hoje, mas muitos conhecimentos e práticas tradicionais caíçaras se mantêm.

Segundo Maísa, as famílias praticavam agricultura na Ilha, faziam roça de coivara em sistema de rodízios de áreas agrícolas.

“ Quase todos faziam roça, porque eles viviam de negócio e farinha, essas coisas. Eles tiravam daqui, roçavam ali queimava, plantava, tirava dali, já ia lá na frente, roçava, queimava e plantava, era assim”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Maria Rita dos Remédios contava que seu pai Clarindo, tendo melhores condições materiais que outras pessoas da Ilha, organizava a produção de farinha, para comercializar em Angra, e de peixe fresco, pra vender em Paraty. Nesses serviços, empregava algumas pessoas na Ilha do Algodão.

“ O meu avô, pai da minha mãe, ele era uma pessoa bem de vida daqui da ilha. Os outros moradores, eles tinham as boas condições também, mas o meu avô ele tinha mais.

Minha avó criava as criações dela: tinha porco, tinha galinha, tinha pato, tinha um monte de coisas. Ela plantava abóbora pros porcos, plantava milho pras galinhas, não comprava nada, tudo colhido da roça. Feijão eles não compravam, farinha que o povo consumia era da roça, batata e várias, várias coisas. E essas coisas eram pra consumo, não vendiam. E era assim, mas não faltava nada não.

O que eles vendiam, na época do meu avô, não do meu pai, porque meus pais já foram reduzindo, mas o meu avô fazia cinco, seis, sete sacos de farinha. Pegava aquele canoão grande que meu avô tinha, ali eles botavam as farinhas ali, pegava quatro homens a remo e iam vender em Angra. Aquele remo eles chamavam remavoga. Foi no tempo da minha mãe, ela era solteira ainda, ela participava disso. Eles trabalhavam dia e noite, produziam e iam pra Angra.

Saiam duas horas da madrugada e voltavam. No fim da tarde que chegavam em casa. A minha avó ficava na direção da parte da roça, de farinha, essas coisas, e o meu avô pescava. Meu avô vendia peixe fresco em Paraty. Porque naquela época não existia gelo, não, essas coisas, sabe, tinha que matar e já levar pra Paraty. Os trabalhadores eram da Ilha, eles não eram parentes, não, eram os vizinhos que moravam ali, onde hoje tá

aquele lugarzinho meio desertado ali, só meus irmãos que moram ali, sabe? Eles moravam ali. Dali eles vinham pra cá, eram três mulheres trabalhando e três, quatros homens trabalhando. Tinha uma família que morava ali, era a mãe e os filhos, eles trabalhavam pra minha avó e meu avô”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022



Maria Aparecida, "Maísa"

Quando Maria dos Remédios e Clarindo foram morar em Angra, na década de 1960, a casa de farinha continuou sendo usada pela filha Maria Rita e seu marido Nelson.

“ Na época do meu avô só existia uma casa de farinha aqui desse lado. Essa casa de farinha depois da saída dos meus avós, ficou para os meus pais. Eles continuaram fazendo, mas só pra manter, não tinha mais aquele negócio de vender farinha, não, era só pro consumo mesmo, pro gasto. Depois, foi indo, foi indo, todo mundo já começou a ficar incomodado, ninguém já queria mais trabalhar em roça, já se envolvia mais na pesca, já veio outro recurso que, aí pararam de fazer roça, pararam de plantar, a casa de farinha foi ficando velha, os materiais lá da casa de farinha começaram a se estragar e acabou, findou-se”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Antigamente, o registro das crianças que nasciam na Ilha às vezes atrasava porque pra chegar em Paraty tinha que ir a remo. Várias pessoas que viveram nesse tempo tem uma data registrada no documento que não bate com o dia real do nascimento.

“ Porque aqui a dificuldade pra ir até Paraty, meu pai, na época, eles iam pra Paraty no remo, não existia esse negócio de motor, nada. Ele levava assim uns quinze, vinte dias pra ir registrar as crianças, aí já tinha que roubar a data de nascimento, roubava, porque se não era multa que pagava. Pagava multa”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Quando uma pessoas morria na Ilha do Algodão, o mais comum era que fosse levada para Paraty para ser sepultada lá. Os moradores desconhecem a existência de um cemitério na Ilha do Algodão e nunca ouviram falar que os mortos eram enterrados ali. Há rumores de que em algumas tocas e grotas de pedra da Ilha foram encontrados ossos, que acreditam ser de pessoas escravizadas anteriores à formação da comunidade caiçara no local. São marcas da extrema violência que permanecem visíveis no território e vivas na memória das pessoas.



“ Da época da minha geração, da parte da minha geração nenhum deles foram enterrados aqui. Minha mãe não comentava isso também. Talvez muitos séculos atrás, pode ser. Agora já na geração da minha mãe não teve. Sempre eles levavam pra Paraty mesmo. Minha mãe contava que os avós dela falavam que o pessoal, no tempo dos escravos, os escravos que morriam, eles botavam em buraco de pedra, lugar que tinha aquelas tocas, e aí com o tempo, muitos, muitos anos, vinha a chuva, ia enterrando aqueles ossos. Ali, nessa virada de ponta aí. Isso não é lenda não, é real. Dizem que encontraram osso ali naquela pedra. Eu nunca cheguei ali, minha mãe chegou a ir ali e tinha parece que enterrado [os ossos]”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

O Estado não provê serviço básico de educação aos moradores da Ilha do Algodão desde os anos 90, mas, mesmo antes, foi uma luta para aprenderem o ABC. Na década de 1970, as famílias se organizaram para providenciar um local que pudesse funcionar como sala de aula. Duas professoras trabalhavam na comunidade e foi com essa iniciativa que alguns dos moradores puderam ser alfabetizados.

“ Aqui na ilha, quando eu tinha os meus 9 anos [1971], havia duas professoras pra dar aula. Era assim: uma dava aula pros adolescentes e a outra pros adultos, pros mais velhos, os casados, mas quem estudava eram os homens, mulheres não.

A escola ficava do lado ali do Jorge. E ali perto, pra cá um pouco de onde o Jorge mora tinha outra casa que era da Percilia, minha prima, que também a professora dava aula. Mas era assim, no quintal, estudava só à tarde. Estudamos três meses só, foi só três meses de aula, quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu não aprendeu nada, porque as duas professoras vieram de Paraty, e dependia dos dias que elas vinham, elas não vinham todo dia. E daí parou.

Eu aprendi alguma coisa com a minha mãe, porque a minha mãe chegou a estudar. Quando ela morava na Ponta Grossa ela estudava com a vizinha dela que era, parece que professora, ela dizia. Naquela época tinha aquelas cartilhas do a,e,i,o,u, do abecedário. Ela lavando roupa, pegava aquela cartilha, botava: 'vão ler aí', 'mãe, mas que letra é essa aqui?' A gente corria lá mostrava pra ela, ela dizia o que era, a gente voltava. Ia indo. Os meus irmãos e eu fomos aprendendo alguma coisa com a minha mãe em casa. Não fomos em escola, na época não tinha escola.

Depois, quando vieram já os meus filhos, foi que plantaram uma escola, era na casa da mãe do Aquino, bem em cima, no alto, mas era muito dificultoso as crianças sair daqui pra ir pra lá. Meu filho deveria ter uns 12 anos, tá com 39 agora. Foi aí que eles aprenderam alguma coisa. Depois parou e não voltou mais. Aí as crianças já começaram a mudar pra estudar em Paraty, Paraty-Mirim, Ponta Grossa. Os barqueiros pegavam aqui e está até hoje assim. Algumas crianças que restaram.

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

A compra, venda e grilagem de terrenos na Ilha do Algodão, a partir dos anos 70, impulsionou a saída de famílias caiçaras para a cidade. O mesmo Gibrail Tannus, que aparece envolvido em casos de grilagem e violência contra famílias caiçaras na Praia do Sono, na Praia Grande da Cajaíba e na Praia Vermelha (Ponta Grossa), também andou pela Ilha do Algodão fazendo negócios com posseiros caiçaras. Naquele momento, eles não tinham a menor ideia do valor da terra, não sabiam ler nem escrever, não conheciam a linguagem cartográfica para avaliar os polígonos de terra que estavam sendo negociados e não imaginavam que, com a abertura das rodovias, o território se transformaria em uma das regiões mais assediadas pela especulação imobiliária do eixo Rio-São Paulo.

**“** Acho que o primeiro comprador foi o Gibrail mesmo. Esse foi o comprador, devastador, comprou tudo. Grilou. Além de comprar alguma coisa, ainda grilou mais ainda. Quer dizer, abraçou. Eu era pequena, eu tinha nove anos, tem muito tempo, tinha nove pra 10 anos. Eu acho que começou tudo mesmo depois que o Gibrail comprou. Que aí abriu caminho pros demais comprarem. A maioria dos moradores que morava aqui e saiu foi através dele. Depois alguns que venderam já pra outras pessoas. Eles foram começando assim, procurando saber quem estava vendendo, sabe, e as pessoas não tavam muito assim se importando pro local. Então se vendesse pra eles, de boa, vendia, saia, se ficasse, ficou, mas acho que a preferência

**mais era vender e sair. Aqueles que ele comprou, as pessoas saíam por espontânea vontade, ele não tirou não. Ele comprou e deixou as pessoas morando. Igual nós, nós aqui se quiséssemos sair de espontânea vontade, nós saíamos, mas como nós nunca pensamos de sair, continuamos, estamos até hoje aqui. Mas outras pessoas não pensaram assim, largaram tudo pra trás, abandonaram e foram embora pra Paraty. Hoje muitos querem voltar atrás, com certeza, mesmo que os pais hoje morreram, mas os filhos certamente lembram dos locais dos pais aqui na ilha”**

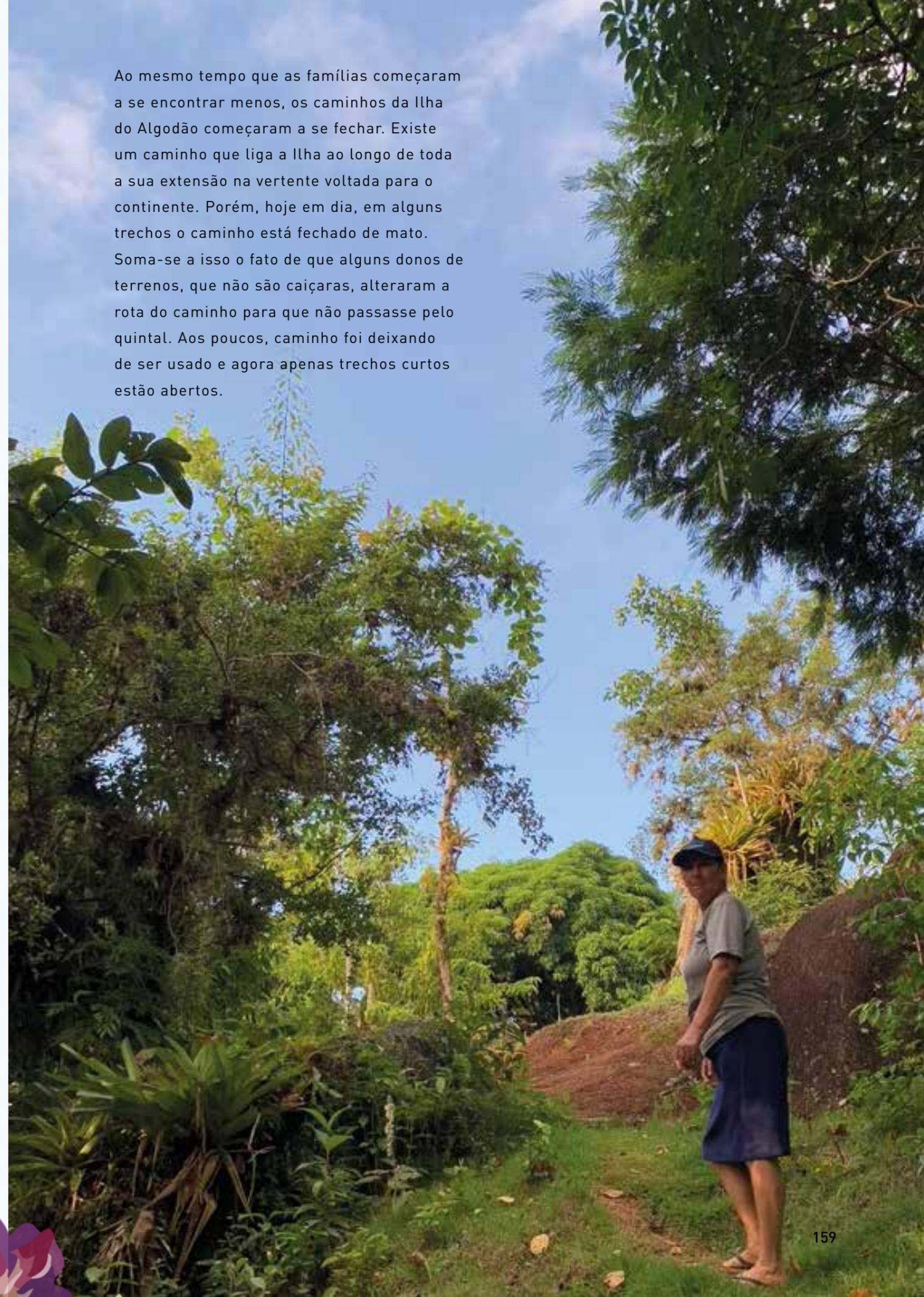
Maria Aparecida Santos, "Maísa",  
60 anos, Ilha do Algodão, 2022

De uns anos pra cá, com as transformações no território, Maísa explica que a convivência comunitária tem diminuído. Além das festas que eram mais frequentes, os parentes costumavam se visitar aos domingos, mas hoje as famílias raramente passam o dia na casa dos outros moradores da ilha.

**“** Na época que a gente era criança, tinha essas festas, sabe? E tinha aquele negócio de visitar, sair pra casa dos parentes no outro lado da ilha no domingo, ia de manhã e voltava à tarde. Ou ia uma hora, voltava cinco horas, era aquela rotina ir. No outro domingo, as pessoas já vinham aqui. Era assim, aquela convivência dos moradores da ilha. Hoje não. Hoje já é assim mais retirado, já é mais dificultoso. O povo já não é muito de ir”

Maria Aparecida Santos, "Maísa",  
60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Ao mesmo tempo que as famílias começaram a se encontrar menos, os caminhos da Ilha do Algodão começaram a se fechar. Existe um caminho que liga a Ilha ao longo de toda a sua extensão na vertente voltada para o continente. Porém, hoje em dia, em alguns trechos o caminho está fechado de mato. Soma-se a isso o fato de que alguns donos de terrenos, que não são caiçaras, alteraram a rota do caminho para que não passasse pelo quintal. Aos poucos, caminho foi deixando de ser usado e agora apenas trechos curtos estão abertos.



## ESPAÇOS DE USO E CONHECIMENTOS SOBRE O AMBIENTE

Os espaços usados pelas famílias da Ilha do Algodão envolvem áreas em terra e no mar, e estão ligados principalmente aos modos de fazer tratados nas sessões a seguir.

Os espaços marinhos são usados para pesca, transporte de moradores para a cidade e outras localidades, além de rotas náuticas para passeios de barco com turistas. Na parte terrestre, são construídas as moradias, os ranchos, cais para embarque e desembarque. Perto das casas, cuidam dos quintais com plantio de frutas, flores, ervas e temperos.

Antigamente havia áreas de roça, sapezais e, na mata, buscavam matéria prima pra remo, canoa, cestaria e madeira pra fazer casa. Havia um caminho que ligava desde a Ponta do Lavo até a Ponta da Ilha do Algodão (ou Ponta da Embaúba). As trilhas até as nascentes de água também são importantes, elas garantem manutenção do sistema de captação da água que abastecem as casas.

“ Na época dos meus avós, que eles faziam roça, existia muito sapê aqui na Ilha. Quando queimava pra fazer a plantação, o sapê parece que aumentava mais, porque o sapê gosta do fogo. Quando queima, quando ele vem com tudo, ele brota e não acabava o sapê. Hoje não existe sapê, mas antigamente tinha muito. No local que antes era plantação de roça hoje parece que nunca foi plantado ali, tem cada árvore grande, tampou tudo”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Pelo fato de a Ilha do Algodão ser um lugar que só se chega pelo mar, os seus moradores aprendem cedo a lidar com essa condição. As pessoas observam o território e conhecem os sinais que indicam as mudanças de tempo que podem abalar o mar e a segurança do embarque, desembarque e da navegação.

“ Quando a pessoa tá acostumada, tendo aquilo ali na sua frente todo dia, naquela rotina, já começa a entender, já passa a conhecer o clima, conhecer o momento que você deve de sair ou deve de chegar. Por exemplo: o mar tá agitado, vamos ver qual é o melhor dia que dá pra gente sair? Vamos esperar o mar acalmar um pouco, ou dá pra sair assim mesmo? A gente vai ver a possibilidade da embarcação chegar e a pessoa entrar e sair. Se não dá, vai ter que esperar o momento passar, aí depois que vai fazer o que tem que fazer. A gente não vai também se arriscar e entrar num mar com aquela ressaca forte. Agora, em emergência fica difícil, tem que ir. Ou então de duas coisas, uma: ou a pessoa se arrisca, ou então a pessoa fica ali e espera o que vai acontecer. Paciência”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Assim como em outros lugares da região, foi relatado na Ilha do Algodão que o vento sudoeste é aquele que, quando bate, evita-se a navegação. O noroeste também é perigoso, pois pode causar prejuízo. Ele costuma carregar o telhado das casas, mas é um vento de curta duração.

“ Sudoeste tem em todo lugar. Aonde ele chega todo mundo tem que bater continência pra ele. O noroeste é vento de carregar telhado, ele é muito forte. O sudoeste tem mais força, quando ele vem, limpa tudo. Já o noroeste ele vem, limpa tudo, mas é mais rápido, logo calma. Ele é assim: se você aguentar na chegada dele, aguentou, se não aguentar...

porque ele é assim, rápido, é vento que não fica demorado. Já o sudoeste demora. O noroeste ele joga muita onda e vai levando tudo, quem tiver na frente, mas só que ele é rápido. E é um vento quente, ele vem quente”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos e Décio Conceição dos Santos, 70 anos, Ilha do Algodão, 2022



# MODOS DE FAZER

## PESCA

A pesca na comunidade da Ilha do Algodão é essencial como fonte de renda, além de prover segurança alimentar para as famílias. Os pescadores conhecem e praticam diversas técnicas pesqueiras. Há 3 pontos de cerco fixo flutuante, sendo que um deles está sendo usado por Damásio, que embora seja nativo da Ilha do Algodão, mora há muitos anos na Ponta Grossa. Estão envolvidos na pesca do camarão, passando dias fora de casa embarcados; pescam também com linha; com rede de emalhe; rede de espia e com covos. Pescam de mergulho, pescam lula e são exímios pescadores artesanais de polvo.

### APRENDIZAGEM

A maior parte dos/as pescadores/as aprende a pescar com o pai ou com algum outro parente mais velho, um irmão, um tio ou um primo. Geralmente são os homens que transmitem os conhecimentos sobre a captura. As mulheres também sabem, mas praticam menos, participando e ensinando mais das atividades de limpeza, armazenagem e preparo do pescado.

No Algodão, foi relatado que iniciaram o aprendizado de pescar de linha com os pais, enquanto ainda crianças. E quando tinham entre 15 e 18 anos, tiveram experiências com a pesca embarcada, em traineiras de sardinha em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, e alguns foram pra Itajaí. Tem gente que permaneceu nessa pesca por muitos anos, outros não. Seu Romildo não gostou muito. Contou que ficou um mês embarcado,

voltou pra casa na Ilha do Algodão, e nunca mais saiu pra trabalhar em uma traineira ou alguma outra embarcação da pesca industrial. Eram barcos de 80m toneladas.

A pesca de mergulho também ocorreu um pouco mais tarde, já adolescentes.

**“ A gente vem aprendendo a pescar com os pais, que na época de pequeno meu pai já me levava pra pescar na canoa, a gente já saía pra pescar com ele. Eu era molequinho pequeno, tinha apenas meus sete, oito anos. Mergulho foi mais tarde. Mergulho a gente começou na idade de doze, treze anos, no peito mesmo. Mergulhamos com só com o snorkel mesmo e a nadadeira. Máscara com o snorkel”**

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

**“Tá sumindo tudo: do largo, da costa, tá sumindo todo tipo de pescaria, e de repente” (Romildo)**

Maísa aprendeu a pescar com os pais e irmãos na Ilha do Algodão quando era menor, e hoje pratica acompanhada do esposo. A fala da Maísa mostra que a atividade de pescar não ensina só a capturar peixes, mas a se relacionar com o mar, ensina a ver. É uma

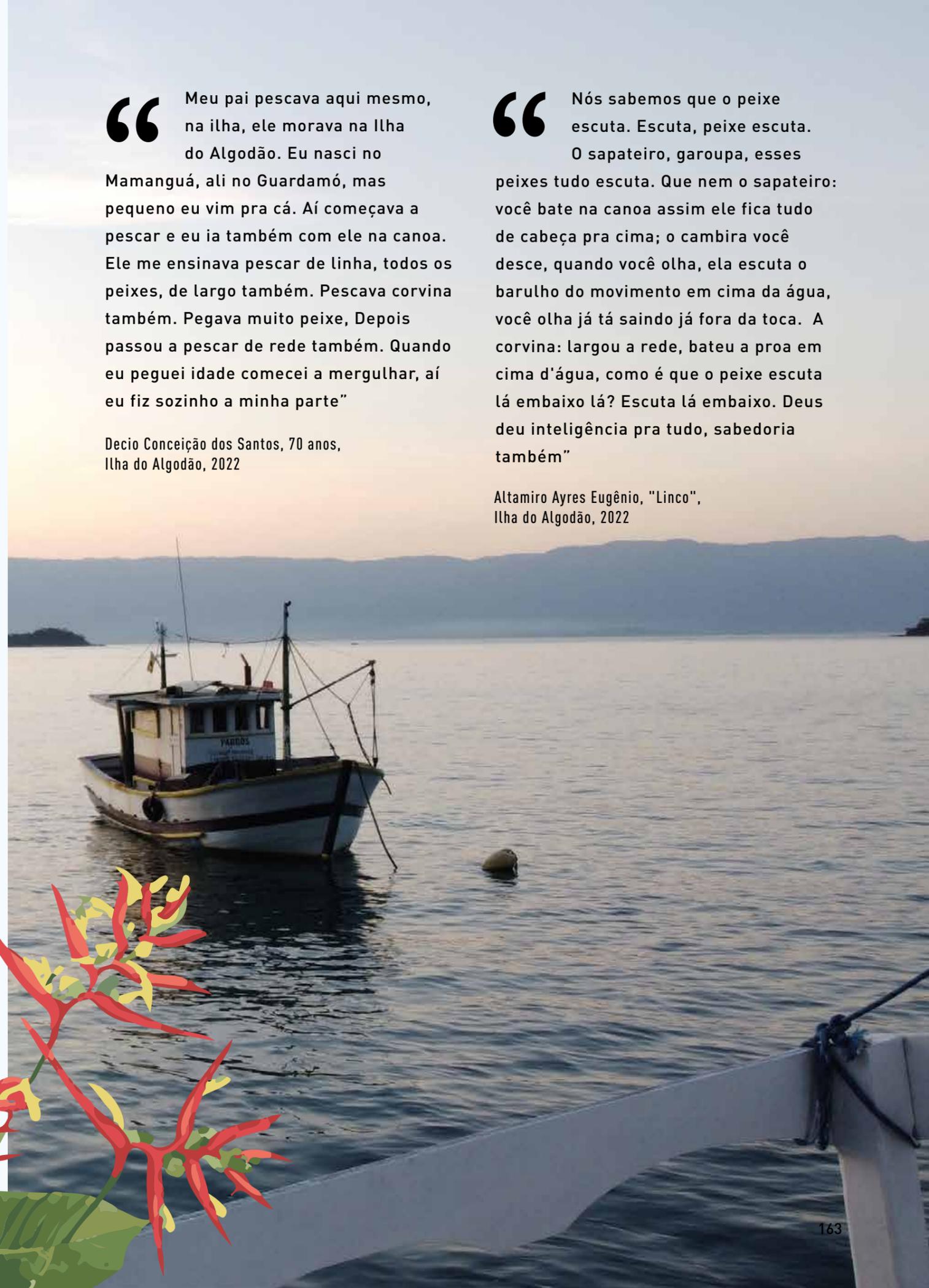
experiência sensorial, ela requer aguçar os sentidos, é um aprendizado do corpo. Maísa conta que foi nas saídas para pescar que aprendeu a nadar.

**“ Meu pai pescava aqui mesmo, na ilha, ele morava na Ilha do Algodão. Eu nasci no Mamanguá, ali no Guardamó, mas pequeno eu vim pra cá. Aí começava a pescar e eu ia também com ele na canoa. Ele me ensinava pescar de linha, todos os peixes, de largo também. Pescava corvina também. Pegava muito peixe, Depois passou a pescar de rede também. Quando eu peguei idade comecei a mergulhar, aí eu fiz sozinho a minha parte”**

Decio Conceição dos Santos, 70 anos, Ilha do Algodão, 2022

**“ Nós sabemos que o peixe escuta. Escuta, peixe escuta. O sapateiro, garoupa, esses peixes tudo escuta. Que nem o sapateiro: você bate na canoa assim ele fica tudo de cabeça pra cima; o cambira você desce, quando você olha, ela escuta o barulho do movimento em cima da água, você olha já tá saindo já fora da toca. A corvina: largou a rede, bateu a proa em cima d'água, como é que o peixe escuta lá embaixo lá? Escuta lá embaixo. Deus deu inteligência pra tudo, sabedoria também”**

Altamiro Ayres Eugênio, "Linco", Ilha do Algodão, 2022



## TÉCNICAS PESQUEIRAS

“ Meu pai pescava era de linha, pescava com covão. Depois quando já adultos começamos a pescar com rede de malha, com rede de espia, assim, esperava o peixe entrar na rede pra puxar em terra. Era esse tipo de pescaria com ele. Depois foi evoluindo mais, outros tipos de pescaria.

Aí veio o negócio de cerco. Meu pai construiu um cerco, às vezes eu ia ajudar, levantar o cerco e isso foi indo, depois me casei. Aí o Décio inventou de mergulhar, comecei a sair com ele pra mergulhar, eu ficava na canoa e ele caía na água, a gente ia lá pra Juatinga, até lá, aquele lugar lá, como é, Cairuçu que chama (Romildo)”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Os instrumentos utilizados pelos pescadores da Ilha do Algodão são: linha, rede de malha, rede de espia, covão, mergulho, fazendo uso de balete de lastro ou de elástico ou espingarda de pressão pra lugar baixo (raso), pra pegar peixe de corrida: (cavala, anchova, sororoca, xaréu); pesca de polvo com “bicheiro” ou gancho; pesca de lula com zangarelho; coleta de caranguejo, siri, mariscos e outros moluscos.

Quando mencionaram a pesca de cerco, falaram da importância do tingimento das redes com casca de aroeira, uma prática muito comum em toda a região para aumentar a durabilidade do petrecho.

Cada técnica pesqueira envolve diferentes espaços do ambiente marinho. E cada tipo de pescado requer técnicas pesqueiras adequadas. Os lugares considerados “bons de peixe” são conhecidos pelos antigos pescadores e transmitidos aos mais novos. Mas cada pescador, ao longo da sua prática pesqueira, experimenta e descobre novos lugares. O covão é uma peça de bambu e amarrada com cipó timumpeba que se coloca no fundo mar, ele desce e fica no fundo, perto das pedras. Saber o lugar onde colocar o covão depende de conhecer o fundo do mar.

“ O covão pega garoupa, badejo, vermelho. Pega polvo também. Às vezes a pessoa mergulhando, e nós no caso já mergulhávamos, então já conhecemos as costeiras aqui todas, essa região toda, esse fundo de mar aqui. Então com muito tempo que a pessoa mergulha, já vê qual é a toca que entra peixe. Pessoa todo dia mergulhando, vê o peixe vê correndo naquela toca, vê mais peixe ali, já vai largar o covão ali, porque sabe que é o lugar melhor pra peixe. Leva o covão e encosta na pedra assim, lugar que você vê que é uma toca boa pra peixe, que é boa ali pra sempre entrar peixe e sair, coloca o covão ali e deixa, prende aquela toca ali. Aí o peixe vem, dá com covão ali, e ele entra pro covão. Coloca a isca a isca mais preferida pro peixe é a sardinha, o bonito. Sendo bonito de um quilo, você dá pra botar em dois covões. Corta no meio o bonito, abre ele, faz duas isca o bonito”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

A pesca do camarão sete-barbas e branco é realizada pelos pescadores da Ilha do Algodão e garante boa parte da renda familiar. Há 4 embarcações de arrasto de camarão pertencentes à caiçaras da Ilha do Algodão, nas quais trabalham em regime familiar dentro da baía da Ilha Grande (até 20 metros de profundidade). Segundo informaram os pescadores do Algodão, a safra de 2023 foi mais fraca que de anos anteriores, e há preocupação com a redução do estoque de camarão na região.



Covão de 22 palhas que tem duas tampas, uma de cima, outra de baixo e a esteira que abarca as duas tampas e a boca no meio. Esse covão mede cerca de 1,20 m de tamanho e altura de 40 cm.

## PESCA DO POLVO

A pesca de polvo na Ilha do Algodão ganhou destaque devido aos relatos detalhados durante a cartografia que mostram a riqueza dos saberes associados à pesca do polvo. Os pescadores do Algodão realizam a pesca de polvo mergulhando (“no peito”, como chamam) e, eventualmente, os polvos entram nos covos deixados próximos às tocas de peixe.

Além de pescarem na Ilha do Algodão e na península da Juatinga, os pescadores de polvo pescam na Ilha Grande, Ilha da Jipóia, Ilha do Sandri, Ilha das Couves e Ilha dos Meros.

Nas primeiras experiências com mergulho, os pescadores ainda não tinham o equipamento necessário. Improvisavam com o que tinham a mão.

A técnica do mergulho não é empregada se o mar está turvo.

“ Quando comecei a mergulhar eu tinha uns treze anos mais ou menos, comecei a mergulhar com pedaço de nadadeira, nadadeira inteira, remendava a nadadeira, uma máscara amarrada com aquele elástico dela amarrado com corda e ia. Fazia e com aquele jeito ia indo. Aí depois fomos começando a matar peixe, polvo, na época tinha muita pescaria”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Para a pesca artesanal do polvo se usa o bicheiro, ou gancho. Pode-se usar a espingarda (balete ou arpão), mas na Ilha do Algodão, para a pesca do polvo, preferem o bicheiro. A espingarda é mais usada para peixe.

“A pesca de mergulho é assim, a pessoa aproveita quando a água tá clara, também se a água arruinou um bocadinho, pronto. Aí a pessoa tem que se virar em outro tipo de pescaria. Se a pessoa tiver rede, vai pescar de rede, se tiver cerco, vai largar o cerco”

Altamiro Ayres Eugênio, “Linco”, Ilha do Algodão, 2022



A técnica de mergulho é para pesca de polvo tanto quanto de peixe, por isso, os pescadores saem com o gancho e também com uma espingarda. É comum irem em duplas, e saem de bote rebocando uma canoa. Quando chegam no local onde vão mergulhar, atracam o bote e a canoa acompanha o mergulhador. Se ver peixe, usa a espingarda, se ver polvo, sobe, deixa a espingarda na canoa, pega o gancho, e desce pra pegar o polvo. Os pescados capturados são colocados dentro da canoa e o mergulhador continua vasculhando.

“ Nós às vezes acostumados a sair por aqui mesmo, rebocava a canoa, levava arrastando, pegava e botava dentro da canoa. Às vezes vai um pescador na canoa também, acompanhando, caicando.

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

O polvo é um animal que chama atenção pelo seu comportamento singular. Os pescadores do Algodão o consideram um bicho inteligente. Os polvos começam a ter tamanho interessante para captura quando chegam a pesar pelo menos um quilo. No Algodão, já chegaram a pegar polvo de até seis, oito quilos. Foram os maiores. Segundo Romildo, existem duas qualidades de polvo na região da Baía da Ilha Grande.

“ Eu acredito que tem só dois só. O polvo caramujo, que dá no caramujo, ele se cria no caramujo, ele dá uma cascazinha como se fosse mexilhão. É uma outra qualidade de polvo, é um polvo molinho da perna bem comprida, bem fininho. Ele dá uma casquinha toda cheia de espinhos, a casquinha dele. Que nem arco-íris, casquinha dele como se fosse mexilhão. É clarinho, bonitinho o casquinho dele. É da perna fininha, ele é meio cabeçudozinho. E tem esse normal aí, que nós pegamos. Duas qualidades de polvo”

“ Quando você começa a ter prática pra pegar o polvo, é coisa fácil de pegar. Às vezes dá em profundidade bem funda, às vezes a profundidade até uma braça d'água, dois metros d'água. Você vai lá, você vê dois, três polvos, leva o bicheiro lá e tum, só tirar ele rapidinho”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Na conversa registrada com pescadores do Algodão, eles deram uma aula sobre as características desse animal e contaram casos envolvendo a pesca. Contaram também que exercem uma práticas de manejo de evitar capturar polvos que estão criando. É possível saber quando o polvo está criando pelo comportamento dele. Polvo macho se alimenta de mariscos e deixa restos de casca ao lado da casa de pedra que ele faz. Polvo fêmea quando está criando, não deixa resíduos de casca de marisco, porque ela não sai da toca para se alimentar. Essa é uma forma de, sem precisar colocar o bicheiro e perturbar os filhotes, saber se vale ou não capturar o polvo que está ali.

“ O polvo, tem o detalhe: pra pegar o polvo, você já vê: tem uma casa. O polvo ele faz uma casa e ali ele fica. Se você chegou ali, você vê que ele tá criando, no nosso caso, a gente não pega esse polvo, nós deixamos ele lá.

Porque sabe que tá criando? Porque ele se cobre de pedra, é a casa dele, e ele fica ali dentro. O que não tá criando, tem os mariscos ali, ele come e solta o marisco ali, vai amontoando de marisco, então já sabe que ele tá ali. O polvo ele sai mariscar, mais à noite. Ele pega o marisco, bota na casa dele, e de dia ele tá ali na casa ali comendo marisco, santola, guaiá. A fêmea que cria, ela fica dentro da casa, ela se cobre de pedra, você tira a pedra assim com a mão, aquelas pedrazinhas, ela tá ali dentro só com as pernas pra fora assim. Você tira e vê aquela larva branca que fica assim na boca da toca, tudo pendurada assim. A que tá criando não come marisco, ela só bota as pedras ali, e não pode sair pra comer marisco, não deixa a casa dela, fica ali, é o polvo fêmea, a pessoa não pega. Agora, tem curioso que chega lá vê, tá o polvo lá, ele mete o bicheiro. E arranca, e ele não sai direito não, ele sai pedaços, porque ela fica muito molinha, como se ela tivesse cozida. Fica bem molinha mesmo, quando tá criando. Não vai mexer nela, deixa ali, vai pegar o que não tá criando.” Uns dizem que depois que cria, o polvo fêmea morre, não sei é verdade. Isso aí eu não sei explicar.”

O polvo não anda, ele “alastra”. Ele vai se agarrando nas coisas, no corpo do pescador, difícil conter. Tem histórias de pescarias de polvo que o pescador antes de conseguir chegar na superfície, lutou com polvo debaixo d'água e ficou sem conseguir respirar. Há diversos casos de pesca em que o polvo deu trabalho e chegou a sufocar o pescador, como no relato abaixo.



Romildo



*Estivas sobre as pedras da costa são usadas para subir as embarcações até os ranchos*



“ Viveiro que chamava. Botou ele lá e deixou. Chegou no outro dia, só tava o caixote, ele meteu o dedo [tentáculo] numa fendazinha bem fininha que coubesse aquela pontinha do dedo dele, foi abrindo, foi abrindo, no outro dia tava o caixote assim meio afastado, escancarado, prego aberto. Ele tinha vazado fora. O covo a gente larga aqui fora da pedra, ele entra no covo, na areia ele não sai não, não tem firmeza, a areia acompanha ele, mas se ele alcançou a pedra ele vai, puxa o covo pra pedra, arrasta o covo pra pedra, chega lá ele abre a malha do covo. Pegou qualquer coisa que dá pra ele fazer força, ele sai fora. O polvo tem muita força.”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ Lá onde o Isolino mora, um lugar baixo, mais ou menos uns três metros d'água, eu descí, cheguei lá vi o polvo. Era grande, cheguei levei o bicheiro nele, quando ele viu o bicheiro, ele entrou pra debaixo da pedra. Eu levei a mão, rodeei a mão assim pra ver a posição dele, ele pegou minha mão dobrada assim e não saiu. Não saiu de jeito nenhum. Prensou minha mão e eu querendo sair que tava sem fôlego já. Naquele momento dei um tranco, minha mão saiu mas cortei minha mão, arranquei a pele da mão tudo, aqui em cima tudo. Meu irmão tava comigo, ele quando me viu daquele jeito 'o que foi isso, mano?' Eu tava sem fôlego. Pensei que ia morrer”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ Uma vez na Cajaíba eu peguei um. Eu mergulhava na época que tinha bastante polvo. A pessoa que ta mergulhando com a espingarda, chega lá vê o polvo, ela bota a espingarda dentro da canoa e pega o bicheiro na canoa e vai pegar o polvo com o bicheiro. A canoa fica lá, amarrada na corda, vai rebocando a canoa, e a espingarda dentro da canoa. Aí peguei o polvo, cheguei lá e botei dentro da canoa, quando eu botei dentro da canoa ele foi me lastrando com as pernas assim, pra lá e pra cá, agarrou na espingarda. A espingarda armada! Agarrou na espingarda, agarrou, vai daqui, vai dali... Eu falei 'puta vida, vai desarmar a espingarda, vai logo com o dedo no gatilho da espingarda'. Ele vai levando a perna pra tudo lado e vai... que ele tem força, sabe? Aquilo o "cara" esticou, ele mesmo puxou e a espingarda desarmou. A espingarda desarmou! Então a a espingarda hoje em dia eu já boto de lado, assim, pro lado que eu não vou”

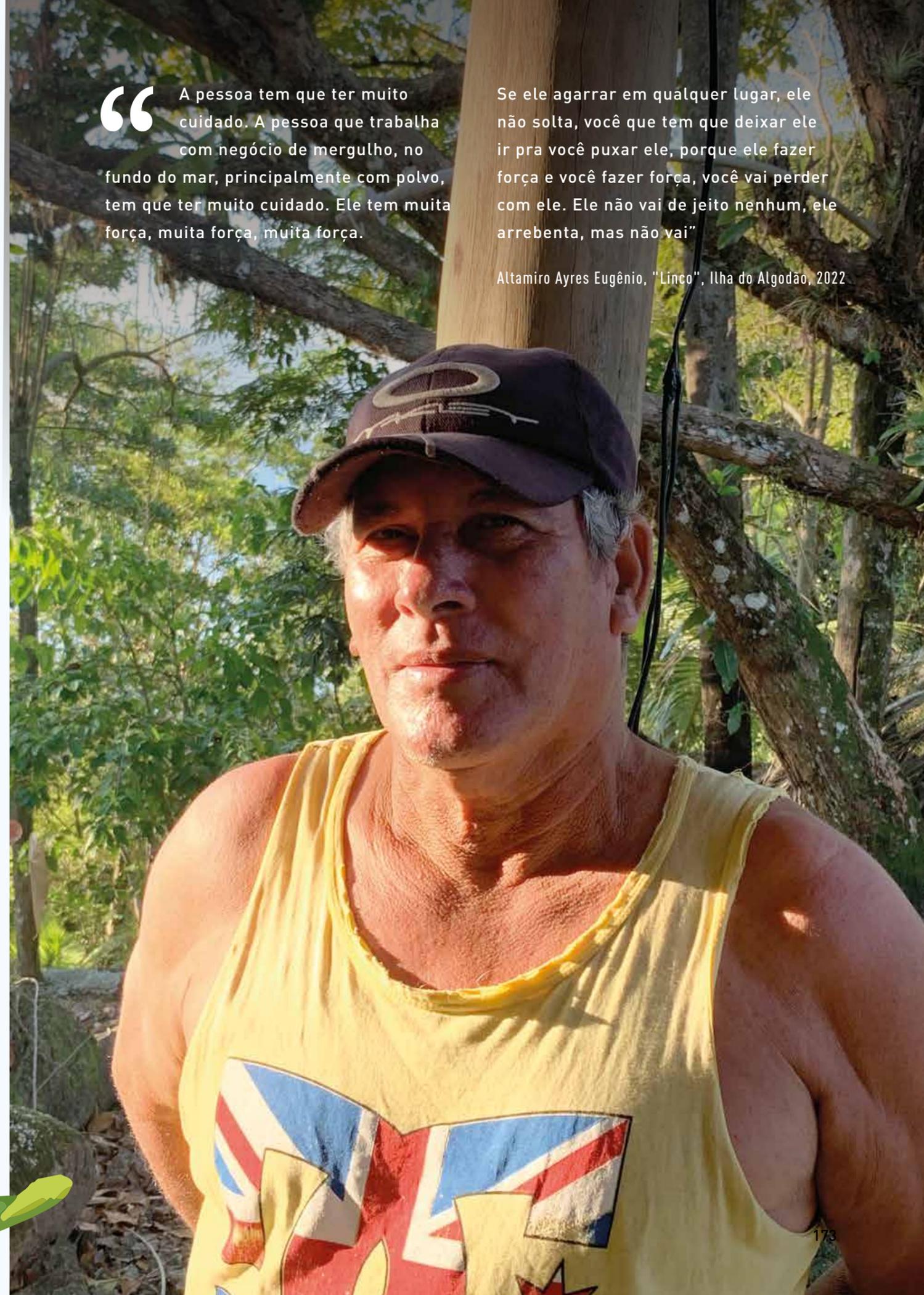
Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Polvo tem muita força. Abre caixote de madeira pregado, abre o trançado do covo. Na areia não anda bem, mas se alcançar uma pedra, "já era".

“ A pessoa tem que ter muito cuidado. A pessoa que trabalha com negócio de mergulho, no fundo do mar, principalmente com polvo, tem que ter muito cuidado. Ele tem muita força, muita força, muita força.

Se ele agarrar em qualquer lugar, ele não solta, você que tem que deixar ele ir pra você puxar ele, porque ele fazer força e você fazer força, você vai perder com ele. Ele não vai de jeito nenhum, ele arrebenta, mas não vai”

Altamiro Ayres Eugênio, "Linco", Ilha do Algodão, 2022



## PROLEMAS RELATADOS PELOS PESCADORES

Além de ser uma fonte de renda importante na comunidade da Ilha do Algodão, a pesca é uma atividade que constrói a identidade caíçara mantém a comunidade em seu território e preserva seu modo de vida tradicional. A crise pesqueira, sentida em toda parte e também pelos pescadores do Algodão, representa um abalo grave no sistema cultural e produtivo caíçara.

Os pescadores informaram que a pesca de polvo reduziu drasticamente. Os polvos estão desaparecendo da zona costeira. Essa redução tem sido atribuída a diversos fatores, entre eles, a pesca industrial do polvo, que além de capturar uma quantidade enorme, pesca em lugar proibido.

A capacidade de captura das frotas industriais de pesca é muito grande. Na portaria de 2021 que estabelece as regras da pesca industrial de polvo, consta que as embarcações podem lançar até 20 mil potes no fundo do mar. Embora eles não possam pescar nas áreas com profundidade menor que 35 metros, muitos potes são encontrados dentro da baía da Ilha Grande em áreas da pesca artesanal caíçara, e onde a profundidade máxima é de cerca de 30 metros.

Os pescadores explicam que o polvo se cria no cascalho, em locais mais fundos, e depois se aproximam da costa para se alimentar de conchas que tem nas pedras e para procriar. Com a captura dos polvos no cascalho, feita pela pesca industrial, diminui muito a quantidade de polvo que chega na costeira.

“ Teve um tempo em que cada pescador aqui chegava a fazer mais de 200 kg de polvo por semana. Era uma pesca que rendia muito. Isso em 5 ou 6 horas de mergulho”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos,  
Ilha do Algodão, 2022

“ Agora esses barcos aí eles botam três, quatro, cinco mil potes, dependendo do barco.

Esses barcos do sul eles pescam com muito pote. Se ele largar um pote lá na Ilha das Couves, em Ubatuba, tem barco que vem quase na Ilha Grande aqui, é muita coisa. E vem largando [os potes] distância assim longe um do outro, assim de dez, vinte braça um pote, e vai largando, largando, em fileira”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ Eles medem o local, que tem a sonda, e com o GPS já marcam o local onde vão colocar o pote. Já cai no casqueiro. Eles largam a linha de pote e vão embora. Deixam ali dez, quinze dias. Eles não deixam bóia, não deixam nada. Depois quando vêm, eles vão pegar com a garatéia. Pega com a garateia e joga com o ferro. Daí arrasta e já sai a posição em cima, pega e vai colhendo, vai trazendo, vai trazendo. Chega até profundidade de 50, 60, 70 metros. É a linha deles que se larga aí. Aquele lugar de casqueiro”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos,  
Ilha do Algodão, 2022

Há também muita perda de pote no fundo do mar porque na região é permitido o arrasto de camarão. A sobreposição de usos do espaço marinho causa prejuízo para a pesca do polvo, para a pesca do camarão, e ambas causam prejuízos proporcionalmente ainda maiores para a pesca artesanal. Essa situação mostra a necessidade de criar políticas adequadas de gestão costeiro-marinha. Os potes tem cimento para afundarem e vários deles, além de serem arrastados, ficam perdidos no mar.

“ Não tem como evitar [o arrasto passa encima dos potes]. Porque os caras não param de botar pote, e é proibido. Eles já foram proibidos e não param de botar potes. Os barcos de arrastão vão trabalhar no arrastão, eles já vêm nesse trabalho dele já há tempo, e eles continuam pescando no mesmo lugar. Proibiu daqui, vai pra lá, ali tem pote ali, mas vem barco do sul trabalhar na mesma posição do Rio. Vão passar na mesma posição e não tão sabendo que ali tem pote, porque se soubesse ele não passava ali. E a distância é muito longa”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022



Decio

O aumento da algicultura (criação de *kappaphycus*) também está preocupando os pescadores da Ilha do Algodão. Segundo relatos, há cada dia mais bóias no entorno da Ilha, a maioria delas pertencem a pessoas de fora que não consultaram a comunidade. Os empreendimentos de criação de algas estão localizados nas áreas pesqueiras e de circulação das embarcações dos moradores tradicionais da Ilha do Algodão.

“ Eles lançam boia no ponto de cerco. E disseram que isso é um emprego pra gente, mas não. cativeiro de camarão e de alga é oque mais se vê na Ilha Grande. Mas quem lucra com isso é o empresário. E prejudica nós que trabalhamos aqui. Ainda jogam o preço [do camarão de cativeiro] lá embaixo, e acaba com a nossa pesca.”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Maísa comentou que alguns caiçaras são contratados pra cuidar da estruturas da algicultura:

“ Eles pagam um valorzinho pra cuidar, pra manutenção. Enfrentam sol para manter aquilo pra poduzir. Então a prioridade não é para nós”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Além dos problemas relatados sobre a pesca do polvo, os pescadores do Algodão percebem uma diminuição geral no estoque de peixes também. Há cerca de 10 atrás, logo após o aparecimento de uma espuma muito volumosa no mar da região, e que não se sabe a causa, teve uma mortandade de peixes que apareciam mortos, boiando no mar. E desde então a diminuição de peixe vem se agravando. As corvinas, segundo alguns pescadores, estão secas, sem carne, parecem doentes e várias dessas corvinas são devolvidas ao mar porque não tem como consumir. A suspeita dos pescadores é que isso pode ser resultado da presença da usina nuclear que lança material radioativo no ambiente marinho ou a presença de navios petroleiros, não podem afirmar com certeza, mas sabem que algo está afetando profundamente a água do mar.

“ A dificuldade dos pescadores, pelo que nós percebemos, em primeiro lugar, é que o peixe foi diminuindo, a quantidade do peixe, de uns 10 anos pra cá. Começou naquela época com aquelas espumas, que não sabemos de onde veio aquelas espumas, e em seguida já veio aquela mortandade de peixe que teve no mar. Esse badejinho, que chama, aqui nós chamamos sapateiro, outro chamam mira, muita quantidade nessas costeiras aqui, no Cairuçu afora, foi badejo, garoupa, muitos peixes morrendo depois daquela espuma. Apareceram boiando.

Daí pra cá foi diminuindo peixe. Esse badejinho sumiu da costeira, você vê, mas é raro de ver hoje. Antes a gente via aquela costeira toda, era cardume que tinha. Não é porque matou não, é porque sumiu mesmo naquela mortandade de peixe e diminuiu a garoupa e outros

peixes. Até a pescaria de rede: a corvina de rede de espera, de malha, você pegava muita coisa mesmo, hoje em dia você não pega. Você larga o arrastão, pega aquelas corvinas grandonas, mas é só cabeça. A corvina é igual a folha de papel, tá igual uma folha de papel. Agora, essa semana pegamos uma no arrastão. Ela tá sequinha, sequinha, não tem carne, é só aquela casca dela.

Eu creio que é devido a essa usina, não sei, pode ser do navio, ou pode ser da usina, não sabemos o qual motivo. Mas sei que tem uma coisa aí prejudicando o fundo do mar, prejudicando o peixe. É devido um problema da água... alguma coisa que tá acontecendo aí que tá diminuindo o peixe assim de repente, tá sumindo de repente o peixe.

Dizem que é o pescador que tá matando o peixe, que tá acabando, mas não é o pescador. O pescador mata o peixe da costeira, tá certo. Mas o peixe tá sumindo não só da costeira, tá sumindo do largo também. Pescador no mergulho não vai pescar lá no largo, lá no fundo do mar no mergulho, ele pesca só em volta da pedra”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

O futuro da pesca é cada vez mais incerto. Os pescadores que vivenciam a diminuição do estoque pesqueiro já não recomendam a pesca como atividade de geração de renda para seus filhos. Porém, quem se criou na pesca e não tem outra fonte de renda, fica numa situação complicada. Não tem outra alternativa a não ser insistir na pesca, mesmo com um resultado desanimador, os pescadores vão quase todo dia trabalhar.



Algicultura na Ilha do Algodão ameaça os territórios da pesca artesanal caiçara.

“ Nós vivemos da pesca, desse tipo de pescaria. Se um pescador ali vive mais desse tipo de pescaria como da corvina, pescaria de rede, se ela falhou de dez anos pra cá, ela tá falhando cada vez mais, diminuindo, vai prejudicando a parte dele e vai dificultando mais a pesca. Pescador é uma coisa teimoso, sabe, porque mesmo com dificuldade ele tá indo ali, insistindo...

Principalmente eu, eu não tenho como ter outro tipo de solução pra minha pesca. Cai num lado, cai no outro, mas tenho que viver da pesca. Eu comecei na vida da pesca, e agora que a dificuldade vem, aumento de combustível e o peixe diminuindo... Mas não temos como parar. Não temos como parar.”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ Não tem como sobreviver de pesca não. Porque daqui pra frente o que vai acontecer, não tem como. Eu não aconselho os meus filhos, nem meus netos, nem pra ninguém. Você pegar, comprar um barco grande pra sair pra pescar. A não ser mar afora, aí pode ser. Mas aqui dentro da Baía não tem como. A baía é pequena, e é muito barco. Esses barcos grandes que vem de fora, vem tudo tirar daqui. Parece que é o lugar do tesouro. Vem tirar daqui sardinha pequena de isca pra levar pra fora.

O preço que tá do combustível, não tem como. E cada vez a despesa aumentando, o custo de vida tá bem mais caro”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos, Ilha do Algodão, 2022

Todos os problemas apontados nesta sessão reaparecem adiante, sistematizados e reunidos com outros fatores de ameaça ao território tradicional.



## QUINTAIS, CRIAÇÃO E ERVAS MEDICINAIS

Os quintais, na Ilha do Algodão, seguem como um espaço de cultivo e possui espécies de uso cotidiano, como temperos, e algumas de uso eventual, como remédios e ervas para chás. Também são repletos de flores, diferentes orquídeas e outras espécies, que as mulheres trocam entre si, cultivando quintais coloridos e atraentes aos olhos de quem passa. Roças não são mais encontradas na Ilha do Algodão. No sistema tradicional de produção agrícola, o plantio de mandioca, aipim, feijão e milho era feito com o rodízio das áreas agricultáveis e, portanto, exigia a abertura de pequenas clareiras de floresta para produzir. Para as terras voltarem a ficar boas para plantar eram deixadas em pousio. Mas na Ilha do Algodão, a agricultura sempre teve o desafio da presença de "salitre" que vem do mar: as plantas deixam de crescer com saúde, ficam mirradas, e o plantio deixa de valer a pena.

“Aqui, na época dos meus pais, dos meus avós, eles chegaram a colher arroz, feijão. Isso aí dá. O arroz é meio difícil, é muito melindroso, os pássaros judiam também, comem. E agora não pega, nem o milho. Você vai plantar o milho, vem aquelas pragazinhas que corrói e num dá. Antigamente, eu não sei, dava. Minha avó criava as criações dela, ela tinha porco, tinha galinha, tinha pato, tinha um monte de coisas, era tudo da roça. Eu tenho também, agora tem 27 galinhas e 11 patos.

Tenho erva-cidreira plantada e tenho terramicina plantada. Mas a terra também não é tão apropriada pra canteiro de tempero, pra fazer uma horta, essas coisas. É uma terra muito, como se diz, ela tem muito salitre. Você pode ver quando dá uma ressaca isso aqui é uma fumaça, o salitre que vem, que o vento traz sobe tudo e pega nas plantas e seca tudo minha filha, não permanece nada, principalmente no inverno, junta com a friagem, que a friagem judia das plantas e aí morre tudo, seca. Já tentei plantar cebolinha, salsinha, essas coisas, mas não foi a frente, não foi mesmo”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

“Antigamente, tinha mais uso das plantas medicinais. Tia Julia tinha a rocinha dela, quando ia capinar, se a jararaca mordida alguém ela fumava o cachimbo e nunca foi pro médico. Soprava a fumaça do cachimbo”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022

As mulheres mencionaram também que faziam uso da folha do algodão como anti-inflamatório e que a brasa acesa ajudava a cicatrização de cortes.

Com as leis ambientais de proteção da mata Atlântica, o sistema agrícola tradicional foi criminalizado. Isso contribuiu para desmobilizar a comunidade da Ilha do Algodão a seguir plantando. Mas hoje a comunidade sabe que, se quiser, tem o direito de plantar, porque faz parte do seu modo de vida tradicional.

“Muitos também começaram a recusar de fazer a plantação porque também veio muita proibição de desmatamento, de queima, que não podia tirar uma madeirinha, não podia tirar aquilo, não podia queimar nada ali, então o pessoal ficava tudo arrecuado. Quando eles faziam isso, haveria denúncia, e aí, quando via, tava os órgãos ambientais na porta, sabe, cobrando, pra não deixar fazer. Seu Aquino, eles queriam multar ele porque ele queimou um lixozinho, um lixo, umas folhazinhas que ele juntou e aí que ele tava queimando no quintal da casa, que tem pé de jaca lá na casa dele, joga muita folha. Ele juntou, rastelou e queimou, quando ele viu, chegou a lancha. Eles falaram que poderia levar até ele preso. As pessoas ficaram meio revoltadas disso aí, sabe, porque poxa, no local da gente e não pode cortar nada, não pode tirar uma madeira ali pra fazer um rancho, não pode cortar uma madeira pra fazer uma estiva pra uma puxada. Então as pessoas ficaram meio assim, sabe, revoltoso com essa atitude dos órgão ambientais”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022



Com o fim do trabalho na roça, a pesca se torna a principal atividade das famílias da ilha do Algodão.

“ Começaram a se envolver mais com a pesca, e aí não tinha muito tempo para fazer os dois lados, pesca e roça, porque roça toma tempo pra cuidar daquilo ali, tem que manter aquilo ali, cuidar, tudo. A pesca também. Então acho que preferiram mais a pesca porque eu acho que a produção era melhor .”

Maria Aparecida Santos, "Maísa",  
60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Nos quintais as famílias mantêm criação de galinha e pato, que são fundamentais para manter a segurança alimentar.





## CONSTRUÇÃO DAS CASAS

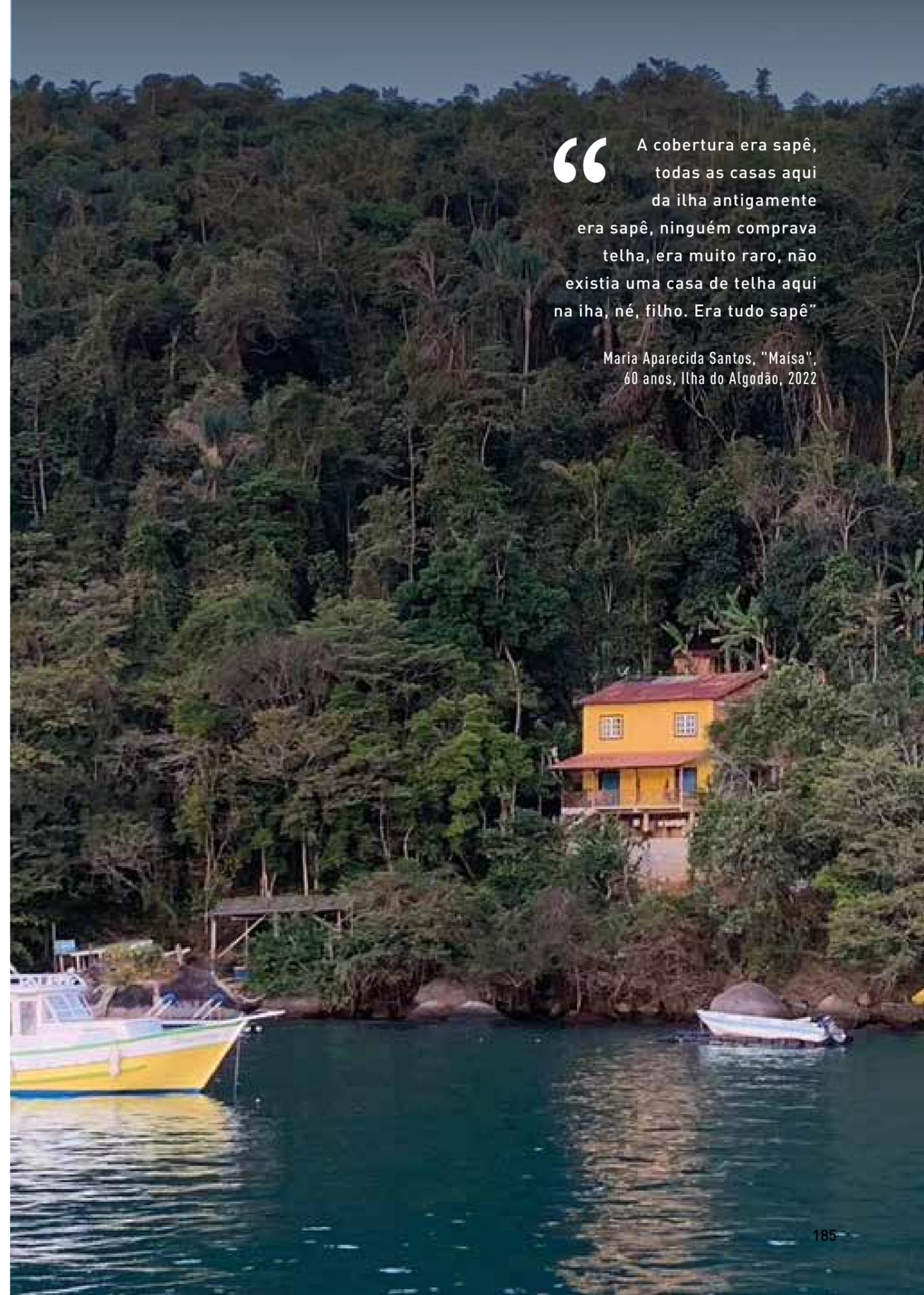
A prática de construção de casas a partir dos materiais disponíveis no território ocorria na Ilha do Algodão até mais ou menos os anos 1980. Depois disso, as casas de pau a pique foram sendo substituídas por casas feitas de material comprado na cidade. A cobertura era feita com o sapê que crescia nas áreas de roça em pousio.

“ Na época ninguém saía daqui pra ir comprar madeira em Paraty, não existia também madeireira em Paraty. Pegava do mato. As ripas eram de jissara. E elas duravam muito tempo. As ripas ficavam novas, o picumã ajuda a conservar a cobertura e a ripa. Eu já fiz na Ilha umas 10, 12 casas de pau-a-pique. pegava bambu pra envarar”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos,  
Ilha do Algodão, 2022

O material para as construções das casas é levado em embarcações até a Ilha. O uso de madeiras nativas para as construções foi proibido pelos órgãos ambientais.

O problema relatado hoje é com relação às madeiras necessárias para construção de estivas e ranchos, que são estruturas específicas que integram o sistema cultural da pesca artesanal e deveriam receber tratamento diferenciado dos órgãos ambientais.



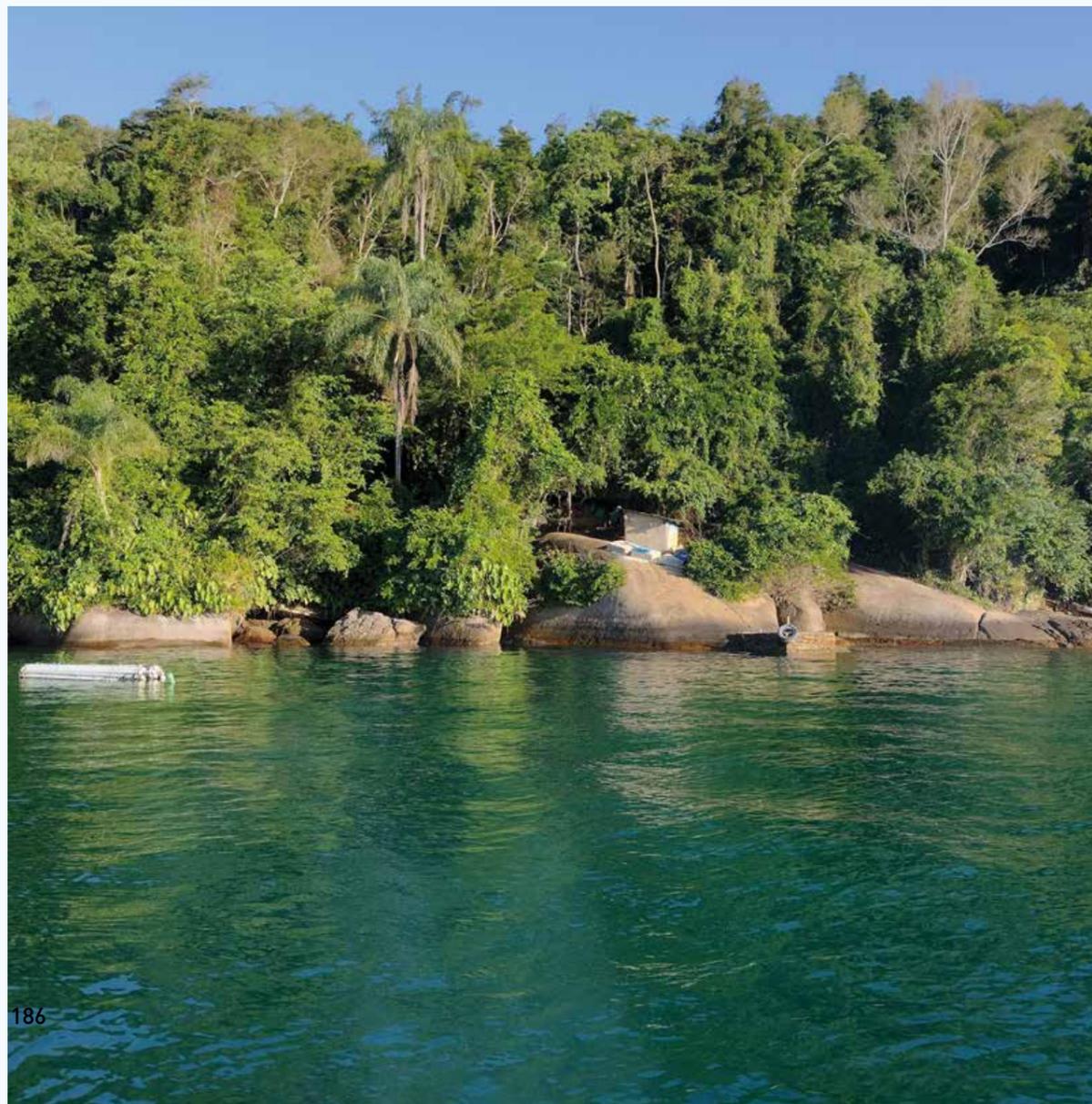
“ A cobertura era sapê, todas as casas aqui da ilha antigamente era sapê, ninguém comprava telha, era muito raro, não existia uma casa de telha aqui na ilha, né, filho. Era tudo sapê”

Maria Aparecida Santos, "Maísa",  
60 anos, Ilha do Algodão, 2022

# AMEAÇAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO

As ameaças externas ao território tradicional da Ilha do Algodão foram apontadas pelos moradores e são diversas. Algumas delas já foram mencionadas em outros momentos dessa publicação, principalmente as ligadas à redução do estoque pesqueiro, mas reaparecem aqui na lista junto com outros

aspectos. Na tabela ao lado, várias questões levantadas se referem a um problema geral de sobreposição de usos no espaço marinho-costeiro, no qual os pescadores artesanais são vulnerabilizados.



## AMEAÇAS LEVANTADAS PELA COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DO ALGODÃO

	AMEAÇAS RELATADAS	EFEITOS SOCIOAMBIENTAIS NEGATIVOS
Sobreposições marinho-costeiras	<b>Navios e a cadeia de petróleo e gás</b> Rotas de navegação e zonas de fundeio implicam na criação de áreas cada vez maiores de exclusão de pesca	Impactos no ambiente marinho e consequentemente no modo de vida: <ul style="list-style-type: none"> <li>- contaminação do ambiente marinho com água de lastro, coral sol e resíduos tóxicos oriundos da lavagem dos navios;</li> <li>- perturbação do ambiente marinho com barulho, iluminação e buracos no fundo do mar;</li> <li>- alteração no comportamento de cardumes de peixes</li> <li>- alteração no comportamento das lulas</li> <li>- redução do estoque pesqueiro: impacto negativo na pesca</li> <li>- sensação de insegurança na população local devido aos riscos de vazamentos de petróleo;</li> <li>- sensação de insegurança nos pescadores devido a redução do estoque pesqueiro</li> </ul>
	<b>Agicultura</b> Empreendimentos já instalados e pedidos em tramitação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- redução das zonas da pesca artesanal (cerco fixo flutuante, linha, rede, covo, mergulho, lula, polvo e peixes)</li> <li>- bloqueio das rotas de circulação de embarcações dos moradores tradicionais</li> <li>- sensação de perda do controle do território marinho pela privatização de áreas públicas</li> </ul>
	<b>Pesca industrial</b> Arrasto de camarão, traineiras e atuneiros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- uso de sonares afeta e espanta os peixes</li> <li>- enorme capacidade de captura e armazenagem pressionam o estoque pesqueiro de pescadores artesanais</li> <li>- atuneiros: a captura de toneladas de filhotes de sardinha e manjuba dentro da Baía da Ilha Grande reduz a disponibilidade de alimento para os peixes que seriam capturados pelos pescadores artesanais (redução do estoque)</li> </ul>

	AMEAÇAS RELATADAS	EFEITOS SOCIOAMBIENTAIS NEGATIVOS
Sobreposições marinho-costeiras	<b>Pesca industrial de polvo</b> Milhares de potes são encontrados em zonas proibidas próximas ao continente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Redução drástica da população de polvo na área de pesca artesanal de polvo</li> <li>- Abandono da pesca artesanal de polvo: perda da renda e redução da segurança alimentar</li> <li>- Abandono das práticas tradicionais / modo de vida</li> <li>- Lixo no mar (potes são arrastados por redes e muitos ficam no fundo do mar)</li> </ul>
	<b>Usina Nuclear de Angra dos Reis</b> Radioatividade lançada no ambiente e risco de acidentes; é um dos empreendimentos do plano de desenvolvimento da Costa Verde	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Áreas de exclusão de pesca</li> <li>- Contaminação terrestre e marinha</li> <li>- Insegurança da população gerada pelo risco de acidentes</li> </ul>
	<b>Turismo de massa</b> Embarcações de turismo com capacidade para centenas de pessoas ancoram na Ilha do Algodão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incomodam a comunidade e o ambiente com barulho e sujeira</li> <li>- Sensação de perda de controle sobre o território tradicional</li> <li>- Atrapalham a pesca da lula no verão</li> </ul>
	<b>ESEC Tamoios</b> A Unidade de Conservação criada como área de monitoramento de impacto ambiental da Usina Nuclear abrange a Ilha dos Ganchos e a Ilha do Catimbau, ilhas que fazem parte do território marinho caiçara. No raio de 1 quilômetro dessas ilhas os pescadores foram proibidos de pescar e desenvolver qualquer outra atividade, incluindo a visitação e turismo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criminalização de práticas tradicionais</li> <li>- Perda de controle sobre o território tradicional</li> <li>- Zona de exclusão de pesca impacta atividade da pesca artesanal caiçara da Ilha do Algodão.</li> <li>- Sensação de injustiça com a falta de fiscalização das escunas de turismo que operam nas zonas proibidas da ESEC</li> </ul>

	AMEAÇAS RELATADAS	EFEITOS SOCIOAMBIENTAIS NEGATIVOS
Sobreposições marinho-costeiras	<b>Conjunto dos fatores de pressão marinho-costeira indicados na tabela</b> As ameaças descritas nos outros itens foram reunidas e associadas a outros impactos marinhos apresentados pela comunidade	<b>Espécies marinhas em franco desaparecimento:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Lagosta, polvo, mexilhão, tartaruga, rosca, estrela do mar, pindá, entre outros moluscos e crustáceos; pepino do mar</li> </ul> <b>Espécies marinhas apresentando anomalias:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cardumes de sapateiro (badejinho) morrendo com a água ruim, espuma, poluição;</li> <li>- Corvina seca, magra (doente) entre as Ilhas do Meros e Ilha do Sandri (dentro da Baía da Ilha Grande)</li> </ul>
	<b>Ausência de fiscalização dos órgãos ambientais</b> Omissão dos órgãos públicos na proteção do patrimônio socioambiental contribui para manter em curso as irregularidades e impactos causados pelos fatores acima.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensação de injustiça social e perseguição aos pescadores e às práticas tradicionais;</li> <li>- Estimula saída de moradores de seu território tradicional</li> </ul>
Violação aos direitos de povos e comunidades tradicionais	<b>Criminalização do sistema agrícola tradicional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda das práticas tradicionais / modo de vida</li> <li>- Redução da soberania alimentar e da autonomia</li> <li>- Estimula saída de moradores de seu território tradicional</li> </ul>
	<b>Falta de escola e posto de saúde na Ilha do Algodão</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimula saída de moradores de seu território tradicional</li> <li>- Mantém as comunidades tradicionais às margens das políticas públicas às quais tem direito</li> </ul>

## DEPOIMENTOS CAIÇARAS DA ILHA DO ALGODÃO

Os depoimentos abaixo trazem uma série de percepções da comunidade caiçara da Ilha do Algodão sobre as transformações no ambiente marinho e outros problemas que afetam o território e as comunidades. Espécies estão desaparecendo, e não são apenas aquelas capturadas para consumo. Expressam preocupação com relação ao futuro e já não veem a pesca como uma atividade segura para garantir retorno financeiro, e às vezes nem para suprir a alimentação familiar. A temperatura do mar pode ser um dos motivos que contribui para o desaparecimento de algumas espécies. Também falam dos problemas relacionados a sobreposição de usos dos espaços marinhos, com prejuízo para a pesca artesanal.

### Navios

“ Os navios tem faz tempo, mas tá aumentando. Eles ficam fora da área de fundeio, abusam.

Ficam por fora da Gipóia. Eles estão se aproximando mais pra terra, quer dizer, da área que eles ancoravam. A parte ali da Ponta Leste pra cá. Essa parte aqui do Sandri com Ilha Grande. Hoje se o arrastão passar naquela posição que eles estão ancorando, já agarra, porque a âncora deles [dos navio] agarra ali e vai fazendo aquela vala, se o arrasto passar ali, agarra, então não pode mais trabalhar ali. Aí vão jogando aquelas coisas pro fundo, pedaço de ferro, aquelas coisas, pegador, vai fazendo pegador ali no local, aí os pescadores não estão podendo mais trabalhar aquela parte ali. Quer dizer, vai acuando os pescadores cada vez mais pra terra, dificultando mais”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ E outro é esse negócio do navio que vem lá de fora carregado de água, chega aqui vem esgotar a água aqui. A água lá de fora não é a mesma água nossa aqui, é água diferente. Chega aqui a água lá de fora ela polui a água aqui, a água nossa. É o que tá acontecendo esse coral que tá dando aqui na costeira, que não tinha, hoje tá aparecendo esse coral na costeira”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

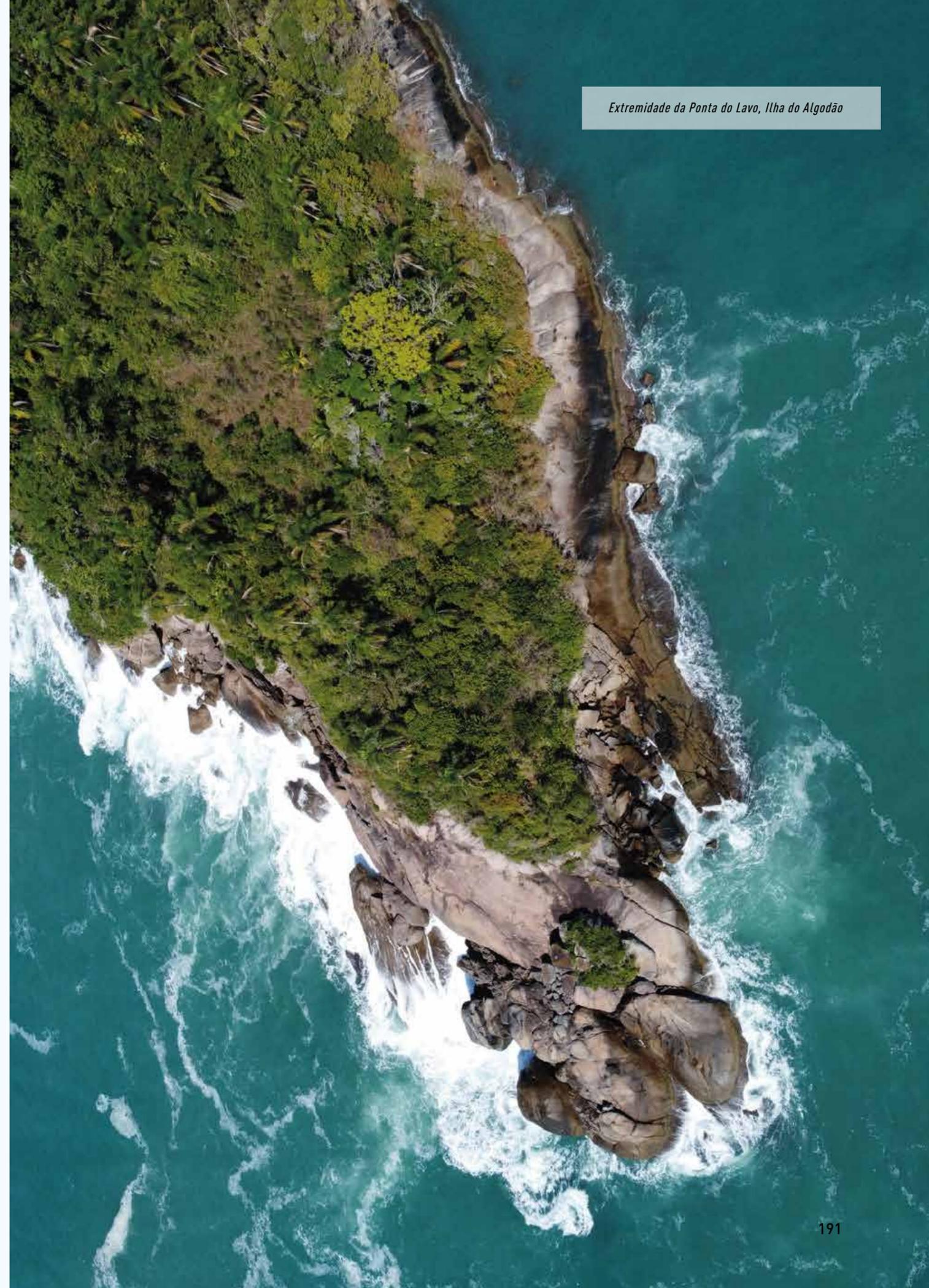
### Espécie exótica de coral

“ É o que tem mais, esse coral da cor desse pano aí, vermelho, amarelo. Coral nas pedras.

Eu acho que isso aí tá prejudicando os peixes do fundo do mar, eu acho que é essa água que botou esse coral é que tá prejudicando o peixe”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

Extremidade da Ponta do Lavo, Ilha do Algodão



## Mudanças no ambiente marinho e desaparecimento de espécies

“ Mexilhão acabou aí da costeira, acabou. Essa pedra da Ilha dos Cocos dava muito. Não sei se ele acabou de vez, mas o que tinha nessa costeira aqui não tem mais não. Você pisava em cima dessa costeira em cima do mexilhão mesmo, era tipo tapete. Agora você passa ali, vai pisar em cima das cracas, mas mexilhão mesmo não tem. Isso aí é da água. O ouriço, aquele ouriço que tinha muito na costeira aqui. Não tem mais ouriço. A estrela do mar que tinha muito, todo lugar desse aí de praia de areia você via um monte de estrela. Agora você não vê. Você cai no mar aí você não olha, você não vê.”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ Pegamos o mexilhão, o santola, guaiá eu pego também. À noite no mergulho, mesmo assim durante o dia. Aqueles caracóis do mar que dá na pedra, a rosquinha do mar, aquele sacuritá. Corocó. Mas diminuiu bastante. Não tem aquela quantidade, principalmente o mexilhão que aqui dava muito”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ Nós sabemos que a água quente também mata o mexilhão.

Tempo quente você vê que a beirada da pedra mata tudinho, que a água começa a esquentar a água, com o tempo quente a água é quente, tempo frio a água é fria. E no tempo frio é que dá o mexilhão porque a água é gelada, ele gosta da água gelada. Aí que começa, o pessoal olha, tá pretinho, pretinho na pedra, pequenininho e dali vai crescer, quer dizer, só água gelada durante o frio. Agora quer dizer, vai crescendo, vai crescendo, quando bate a água quente, água quente do começo do verão que começa a esquentar aí só vai pra matar. Mudou porque no tempo quente a água no fundo ela é gelada e agora não, agora a água do fundo tá quente.”

Altamiro Ayres Eugênio, "Linco", Ilha do Algodão, 2022

## Aquicultura nos territórios marinhos caiçaras

“ Estamos com medo que as mariculturas [e algiculturas] cerquem tudo aí e a gente fique sem saída. Já tá na passagem, tá perto do cerco e do pesqueiro de lula”

Maria Aparecida Eugenio de Souza, 56 anos, Ilha do Algodão, 2023

## Usina nuclear

“ Usina nuclear é uma ameaça. E foi por causa dela que criaram a Estação Ecológica Tamoios”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

## Óleo no mar

“ Óleo no mar eu já vi. Teve uma vez, tem tempo, uns 15 anos ou mais, que apareceu aquele óleo aqui na pedra que aquilo lá croa a costeira toda. Nós estávamos com cerco na água e não podia meter a mão no cerco, um pinche no cerco. Isso aí é do navio que joga pra água. Aquele óleo cai na água, depois ele engrossa, ele engrossa e vira tipo um piche, foi essa época. E antes disso existia muito óleo aí que jogavam. Até que agora maneirou um pouco isso aí, mas antes existia muito.

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ O óleo diesel ele tem uma coisa, uma química forte, você vê a química que o óleo tem.

Principalmente o óleo diesel, jogou numa planta, ele seca a planta. Então da mesma forma que ele seca a planta se ele cai no mar, vamos supor, no troço que produz no mar, vamos dizer o mexilhão, do marisco, ou qualquer peixe que tá ali sobrevivência do mar, ele vem e ele mata. Se for forte ali aquele óleo, ele mata, tanto faz o marisco, como o peixe, a mesma coisa se você jogar numa planta aí qualquer. Joga ali numa pedra, vamos supor, a pedra ali tá cheia de orquídea ali, jogou ali, pronto”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

## Poluição do ar

“ A gente vê a mudança do tempo. O ar que a gente recebe e respira, não é mais aquele ar de antes, parece que tá poluído o ar inteiro, o planeta, a terra tá toda poluída. Acho que é muita fábrica, sei lá, muita coisa que sai. Quando venta, que nem esse vento sudoeste que fala, noroeste, a gente respira e sente mal. Sei lá eu me sinto mal, meio atacado, não sei, o vento traz no ar, acho que tá poluído um ar assim que parece pesado. Eu sinto que o ar mudou completamente devido a tanta coisa que está acontecendo hoje. A própria fumaça daquele combustível que solta do navio e são muitos navios que tem, e é muita fumaça que solta”

Decio Conceição dos Santos, 70 anos, Ilha do Algodão, 2022

## Ameaças ao território e saúde mental

“ A gente não tinha tanto essas coisas que estamos vendo hoje. Hoje você vê umas coisas diferente, mudou muito, então isso preocupa a gente. Tem coisas que a gente vê assim... Até no trabalho, até mesmo na área de saúde a pessoa fica preocupada”

Maria Aparecida Santos, "Maísa", 60 anos, Ilha do Algodão, 2022



Ao mesmo tempo que as condições de vida para continuar no território se estreitam, a vida na cidade não se apresenta como uma solução e a sensação de insegurança aumenta.

### Vida na cidade e saúde

“ Porque nós vimos muitas pessoas que saíram, inclusive aquela parte aqui da Cajaíba que foram pra Paraty [se refere às famílias que saíram da Praia Grande da Cajaíba no início dos anos 2000, devido aos conflitos de terra com o grileiro Gibrail Tannus]. Com poucos tempos que foram pra Paraty já morreram, pessoal novo. Morreram por quê? Porque não vivia naquele lugar. Eu vivo aqui, se eu ir pra Paraty não vou me sentir bem, não vou me sentir bem como me sinto aqui, um lugar que eu vivo há muito tempo. Vou sentir aquela dificuldade, vou sentir triste, não vai ser bom. ”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022

“ A comida aqui nós estamos acostumados, não é a mesma comida lá. A comida lá já vai ser uma coisa diferente. Aqui nós vamos ali e matamos um peixe ali, comemos peixe da hora. Se a gente quiser comer uma carnezinha, o dia que vai em Paraty compra uma carnezinha, come. Isso é uma vez pra pessoa não dizer que não tá comendo carne todo dia. Mas pra mim eu prefiro mais o peixe que é um troço mais saudável, eu prefiro mais a comida daqui. Em toda região, você vê que as pessoas duravam muitos anos. Eu me lembro que tinha aqui na Ilha do Algodão tinha um senhor aqui com 112 anos, que era o Bito Lope. Olha, ele saía naquela canoazinha dele, vinha comprar peixe nosso aqui do meu pai. Ele andava com um saquinho de pão, eu não sei onde ele arrumava aquele pão. Ele comprava o pão, andava com aquele saco de pão nas costas vendendo aqui pra costeira aqui, andava vendendo aquele pão. Hoje em dia a alimentação não é como de antes, a maioria era tudo da roça que colhia, era, hoje em dia ninguém pode fazer nada, não vê quase mais nada, muitos não estão querendo fazer mais esses trabalhos da roça aí de plantar, de colher, quer dizer que fica diferente, difícil”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022



# ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Houve um tempo em que foi criada uma associação dos moradores da Ilha do Algodão, mas essa organização deixou de ser atuante. Algumas pessoas consideram importante retomar a associação para ajudar nas demandas da comunidade, como atendimento médico.

Mesmo sem a existência de uma associação, a comunidade da Ilha do Algodão tem participado de ações que contribuem para proteger o território e o modo de vida caiçara. A comunidade construiu esse material da cartografia participando de diversas reuniões e oficinas, com envolvimento e engajamento. Participam também de outros projetos, ampliando o entendimento de que a defesa dos seus interesses e direitos é um processo que requer envolvimento e luta das comunidades, e que os resultados concretos, para acontecerem, dependem desse investimento e de tempo.

## ENERGIA

Alguns moradores têm placa solar própria, desde 2009. Em 2022, a luta era pelas placas do Luz para Todos. Ainda faltavam 9 casas que ainda não tinham sido contempladas no programa. Muitas famílias já tiveram gerador movido à diesel, mas evitam devido ao gasto e barulho. Por muito tempo, a iluminação em casa era lampião a gás.

## SAÚDE

“ Não, hoje não tem. Antes tinha médico, ele vinha. O Aquino, na época, alugou um ponto que era a casa da filha dele, alugou para o posto de saúde, pra prefeitura. Vinha o médico fazer atendimento. Vinha até enfermeira, fazia exames aqui no postinho. Dentista mesmo chegou até a vim aqui. Hoje não tem, a prefeitura parece que não quis mais assumir e entregou o ponto. Depois os médicos vinham nas casas, de casa em casa. E depois parou e pronto. Nem nas casas, nem no posto, nada. Faz tempo, faz uns doze a treze anos atrás. Aí veio o Dr, Rodrigo, ele era clínico geral, ficou atendendo nas casas, ia e visitava. Depois também parou. Tem já um ano que não tem assistência de médico.”

Maria Aparecida Santos, "Maísa",  
60 anos, Ilha do Algodão, 2022

Em 2023 voltou a ter atendimento de enfermeira que passa de casa em casa, mais ou menos uma vez por mês. Ela traz vacinas e medicamentos para os moradores.

A comunidade da Ilha do Algodão não quer ser atendida exclusivamente no Posto de Saúde do Paraty Mirim, que é o posto de saúde referencial pela questão da proximidade. Segundo dona Maysa, eles aproveitam a ida na cidade para resolver diversas necessidades, inclusive a saúde. Um posto de saúde em Paraty Mirim significaria fazer uma viagem exclusiva para essa finalidade, o que não cabe no planejamento nem no orçamento das famílias.

“ Em Paraty Mirim nós não vamos porque vai depender dos dias, que a gente vai ter que ir lá marcar e depois voltar novamente lá porque hoje não é nada na hora, tem que agendar, aquela coisa. E Paraty como é o acesso da gente, que a gente já vai fazer outras coisas, a gente aproveita e já faz isso aí. Vai lá, agenda, aí outra vez que a gente for, já marca para aquele dia que a gente tem outro compromisso pra fazer, aproveita e já faz tudo ali. Mas agora na última vez eu fui no postinho a pé e a menina falou assim 'não, mas tem lá no Paraty Mirim, agora as meninas estão indo lá, estão fazendo os exames lá no Paraty Mirim'. Aí eu fiquei pensando, tá bom, brigada. Aí ainda pensei assim, poxa agora vai ser meio difícil porque antes, ela falou: 'a comunidade do Algodão pertence agora a Paraty Mirim, as mulheradas que quiser fazer um preventivo, quiser fazer uns exames tem que ser tudo em Paraty Mirim'. 'Mas eu fazia aqui.' Aí ela falou: 'não, mas você não é do Algodão? Falei: 'sim'. Ela: 'então vocês têm que ser atendidos em Paraty Mirim”

Maria Aparecida Santos, "Maísa",  
60 anos, Ilha do Algodão, 2022



## MODOS DE FAZER

# BANDEIRAS DE LUTA DO FCT

Na Ilha do Algodão mas as demandas da comunidade se relacionam com as bandeiras de luta do Fórum de Comunidades Tradicionais. Defesa do território, da pesca, da cultura, e todas as condições para o bem viver, como energia, atendimento de saúde e educação apareceram nas reuniões e oficinas do projeto Povos.

A questão da educação na ilha do Algodão é sensível porque a escola não chega, nem a escola convencional, muito menos a educação diferenciada. Isso promove a saída de famílias caiçaras que tem jovens e crianças em idade escolar. As crianças da Ilha do Algodão precisam se deslocar até a Ponta Grossa. Crianças do Saco da Velha, localidade em frente à Ilha do Algodão, no continente, estudam no Paraty Mirim. Dona Maísa relatou que os sobrinhos que moram na Ilha do Sernamby estudam na cidade.

## ESPAÇOS DO TERRITÓRIO

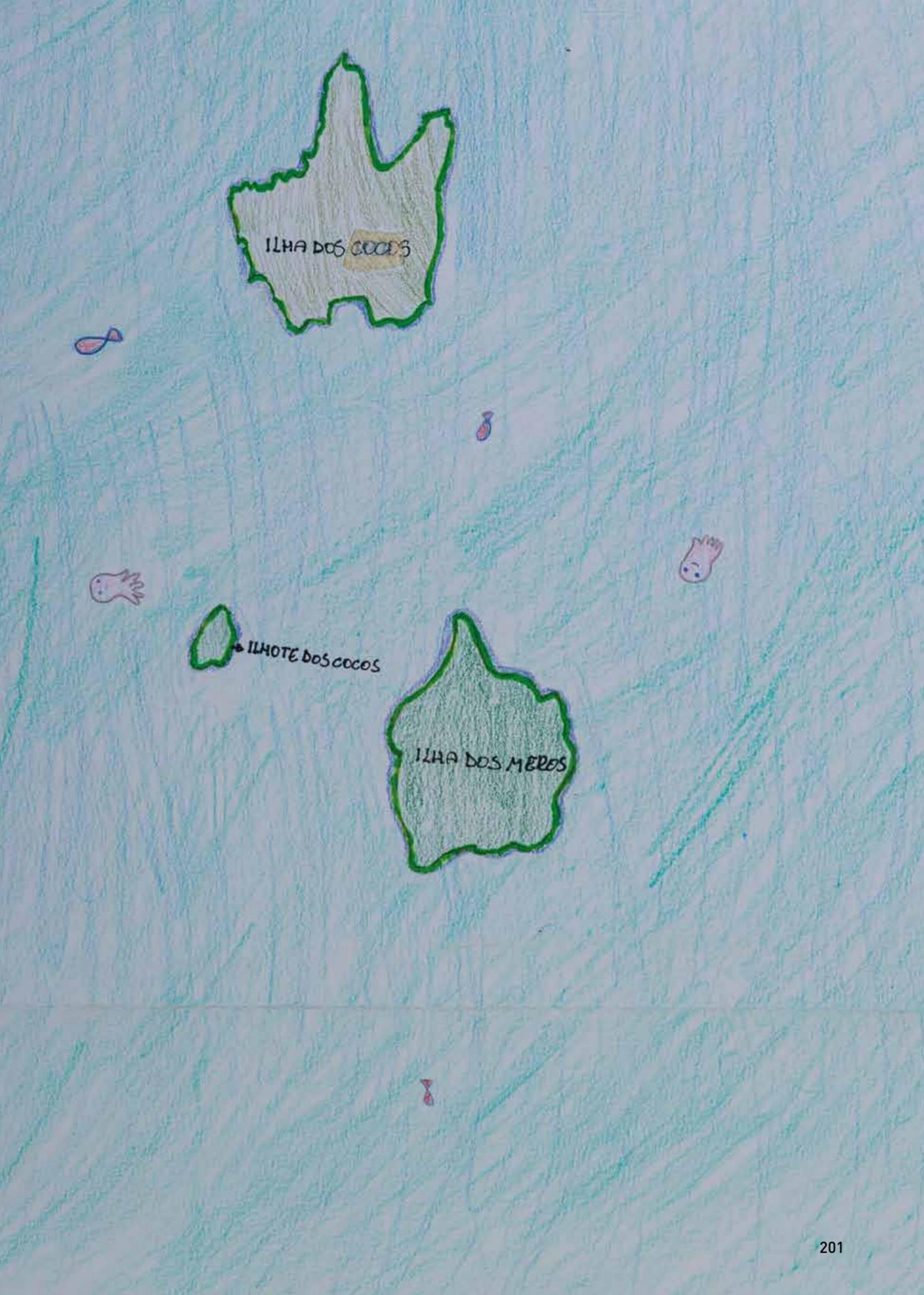
Ao longo de toda a Ilha do Algodão, cada lugar recebe um nome, que só quem conhece são os/as moradores/as. Além de facilitar a localização, nomear os espaços é um modo de ocupar, de se relacionar com eles, de elaborar a história local, de construir pertencimento, e possibilita reconstruir no pensamento o lugar onde se vive. É uma forma de expressão da territorialidade.

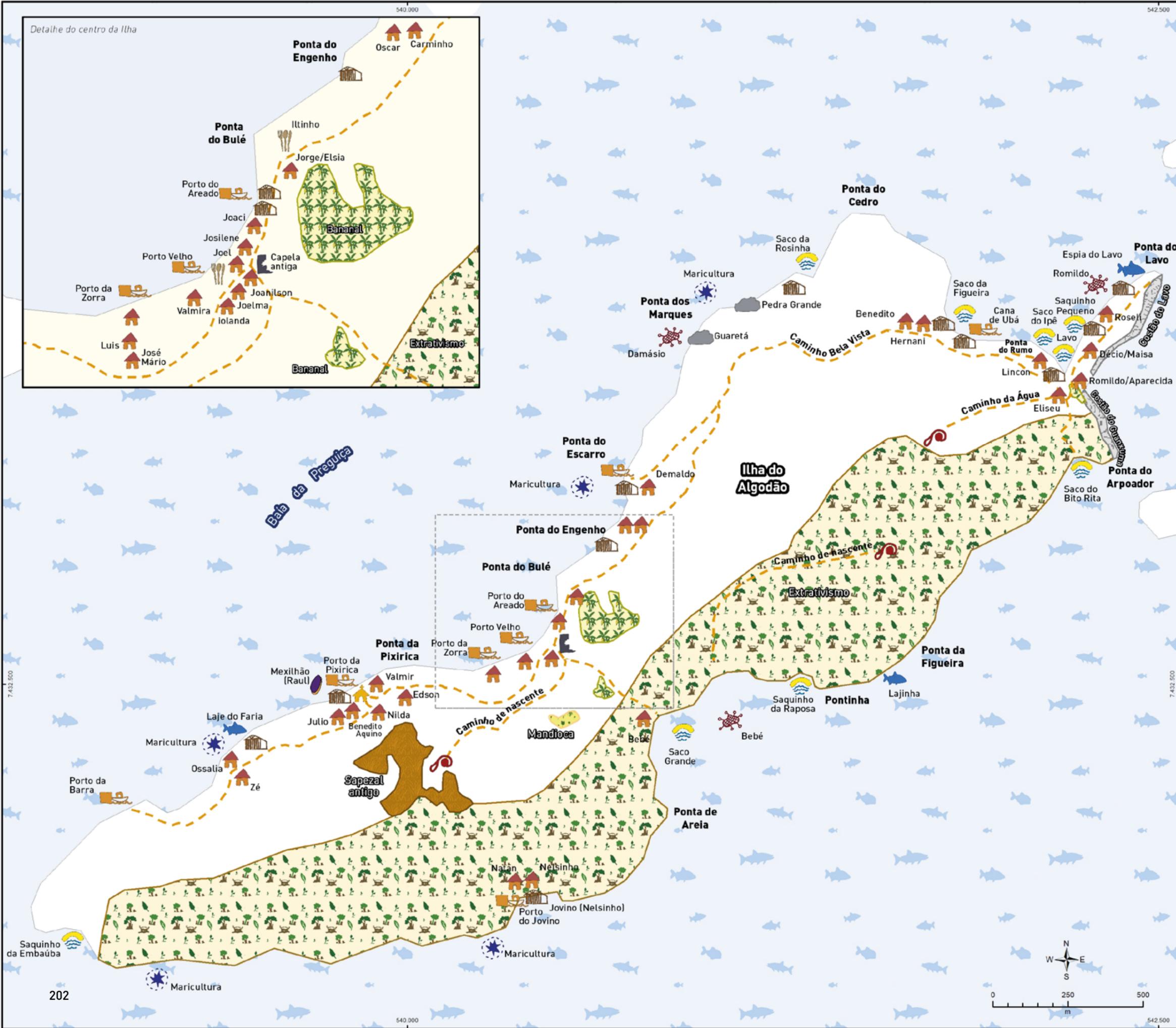
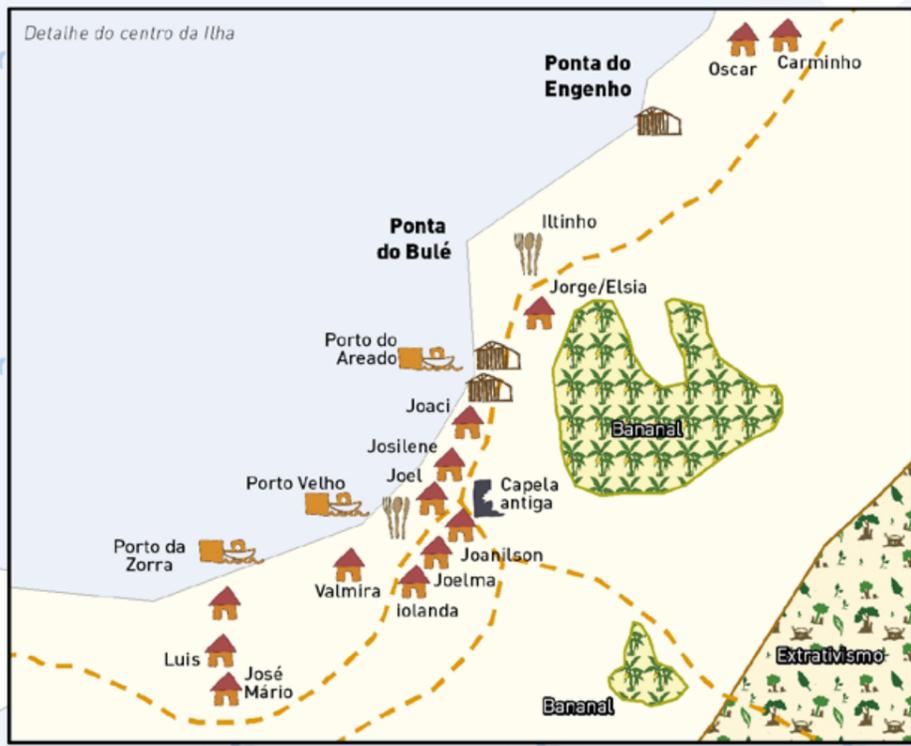
Nas oficinas de cartografia, os/as moradores/as da Ilha do Algodão foram apontando no mapa e falando os nomes de cada lugar. Ao mesmo tempo, foram identificando, uma por uma, as casas dos moradores caiçaras.

“ Aqui começa, a Ponta do Lavo. Aqui é o Lavo, aqui é o saquinho do Lavo. Aí vem o Saquinho da Figueira. Aqui é a Ponta do Cedro. Aqui vem o Saquinho da Rosinha, que o pessoal antigamente chamava de Saquinho da Rosinha. Aqui tem a Ponta dos Marques, Um pouco pra frente vem passando, aqui é a Ponta do Bulé, onde tinha ali o restaurante. Esse saquinho, o primeiro ponto aqui é o Porto Velho, vem vindo, tem o Porto da Valmira. Depois vem a Pedra do Foguete ali na frente, aqui é Bagaceira, que o pessoal chama. Onde tem essas duas casas é o Patrimônio. Aqui é Saquinho. Esse cantinho aqui é a Ponta da Ilha, aqui é o saco da Embaúba. Vem aqui pra frente, esse cantinho sem nome, aqui tinha morador antigo, mas saiu daqui, aqui saiu o morador também. Aqui vem o Catingo, antes um pouco do Nelsinho. Aqui vem a Ponta Grande, o Saco Grande, lugar do Bebê. Depois o Saco da Raposa, vem vindo. Aqui tem uma lage que nós chama Duas Lages. Aí a pixirica, daí aqui tem o Saquinho. Aqui tem a outra Ponta do Lavo, aqui o Saco do Corrido. Aqui é o costão do lavo onde a gente mora, e aqui é a Ponta do Lavo”

Romildo Eugênio, 68 anos, Ilha do Algodão, 2022







# COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DO ALGODÃO

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Nascente
- Saco
- Pedra
- Lajes e parcéis
- Maricultura
- Cerco de pesca
- Ruína
- Pesca artesanal
- Rancho de pesca
- Casa de caiçara
- Bananal
- Costão
- Extrativismo
- Roça
- Sapezal
- Pesca artesanal
- Trilha

## Turismo e comércio local

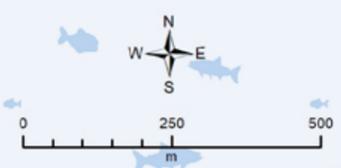
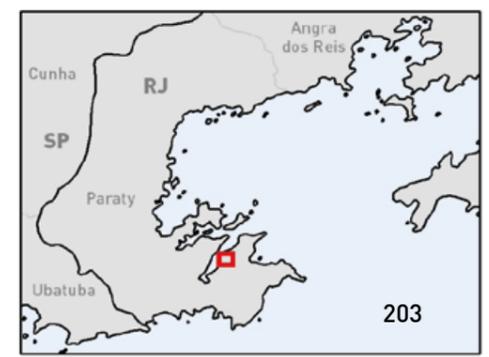
- Restaurante

## Infraestrutura e serviços públicos

- Porto
- Igreja evangélica

## Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

- Maricultura - zona de conflito
- Sobreposição de uso marinho



An aerial photograph of a dense, lush green forest. A dirt path winds through the trees, leading to several small, simple structures. One structure has a corrugated metal roof, and another has a blue tarp roof. The forest is vibrant green, with various shades of foliage visible. The overall scene is a mix of natural forest and human habitation.

# TEKOA ARANDU MIRIM

Arandu é sabedoria. Arandu mirim é pequena sabedoria. Então é um incentivo para os jovens, significa 'passar sabedoria para os jovens' (Karai Rokaju, "Pedro Benite", 56 anos)

“ Saímos a procura desse lugar sagrado. Muitas pessoas falam: 'ah mas os guarani não param, o guarani é andarilho', o juruá fala. A pessoa sai, por exemplo: eu to aqui no Mamanguá, se um dia Nhanderu disser que eu tenho que mudar, sair pra outro lugar, eu vou sair daqui, vou pra um outro lugar, procurar uma outra coisa que Nhanderu vai oferecer. Mas a gente como tá num lugar sagrado aqui, que a gente procurou e achou, é onde a gente fica”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

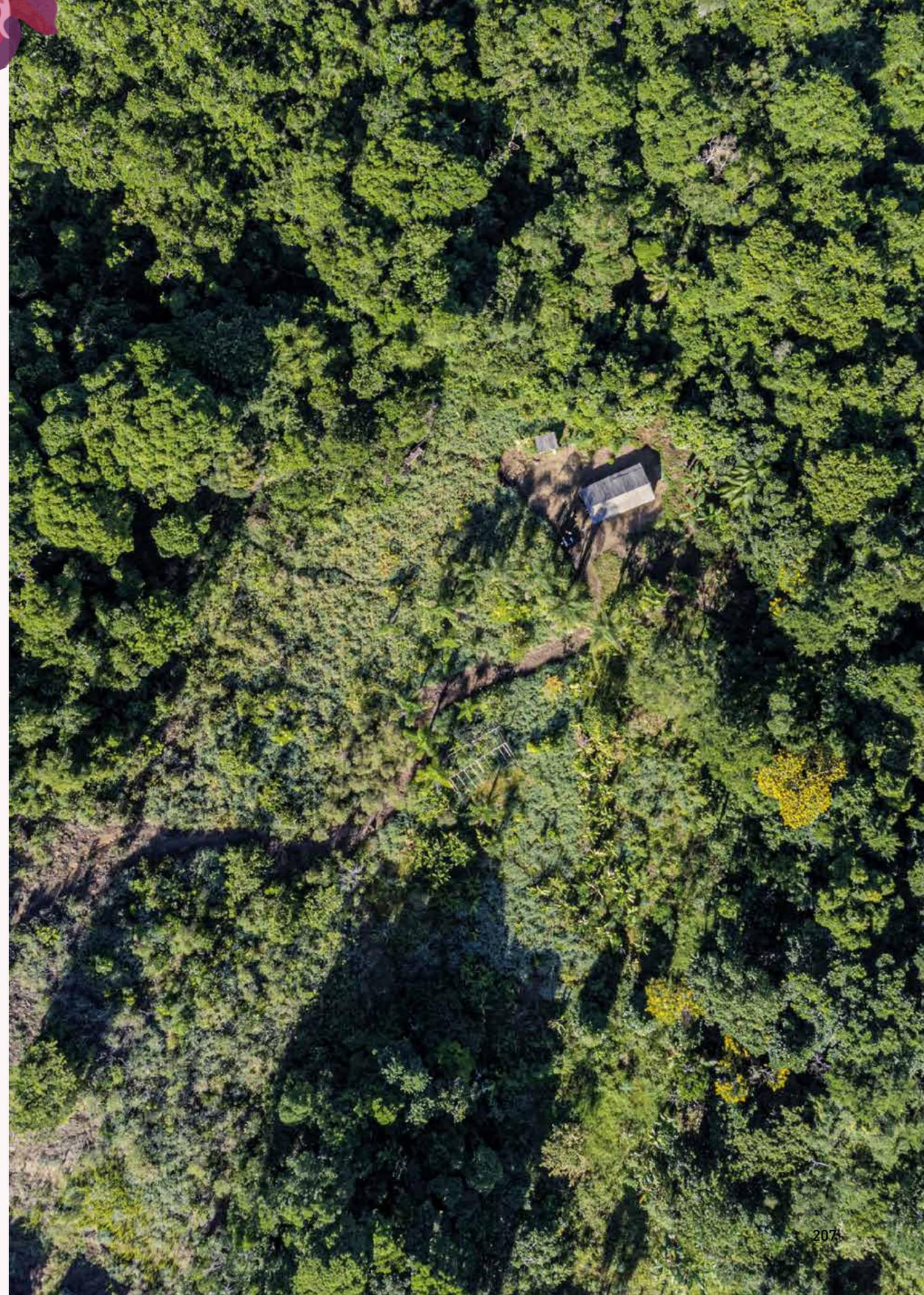
## LOCALIZAÇÃO E ACESSO

A tekoa guarani mbya Arandu Mirim fica localizada nos fundos do Saco do Mamanguá, um extenso braço que demarca o início da península da Juatinga. A aldeia está cercada pelo manguezal, pelo brejo e cachetal, pelo Rio Grande e pelas escarpas imponentes do maciço do Cairuçu. Fica próximo da área mais estreita (pescoço) da península da Juatinga, tendo proximidade geográfica com os dois lados dela.

Para quem chega pelo mar, a aldeia fica localizada à esquerda. Mas diferente das localidades caiçaras que se situam bem próximas do mar, a aldeia fica mais pra dentro, subindo o Rio Grande e é o único território indígena da região acessível navegando pelo rio. O acesso mais rápido é saindo da Praia de Paraty Mirim.

Em Arandu Mirim tem abundância de água boa e solo farto e fértil para o plantio. Estão cercados pelo espírito da mata, espírito da cachoeira, espírito do morro. É um lugar sagrado. A pé, é possível chegar por diferentes rotas. Existem pelo menos quatro caminhos: saindo da Itaxi costuma-se usar o caminho por cima que chega no Currupira. Saindo de Paraty Mirim, usa-se o caminho que chega ao Saco do Mamanguá na altura da Praia Grande e de lá vai beirando até o Currupira. Tem um caminho que liga na Praia Grande da Cajaíba, e um caminho importante historicamente que liga os fundos do Saco do Mamanguá até Laranjeiras e Praia do Sono.

Arandu Mirim integra o conjunto de aldeias guarani que existe entre Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba, como se vê no mapa. Os fluxos e relações que conectam as aldeias Renascer, Yakã Porã, Boa Vista, Arandu Mirim, Itaxi, Araponga, Rio Pequeno e Sapukay são diversos e fazem parte da própria organização social e visão de mundo guarani, que aparecem melhor descritas a seguir.





# Yvyrupa, Tekoa e Nhandereko

Os guarani mbya ocupam e circulam por um território muito extenso que abrange aldeias na Argentina, Paraguai e Brasil. No Brasil, existem aldeias guaranis nos estados da região sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; nos estados da região sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo); em Tocantins, estado da região centro-oeste; e no Pará, estado da região norte. Tradicionalmente, os Guarani Mbya vivem na mata Atlântica. Quanto mais saudável e conservada estiver a mata, mais próspera e integrada ao território é a vivência guarani no lugar.

**Yvyrupa é uma palavra do idioma guarani mbya que pode ser traduzida como “uma só terra”, ou “terra sem fronteira”. É uma noção espacial para se referir ao território, ou mundo guarani mbya, onde moram os guarani, mas também outros povos, inclusive os juruá. Já a aldeia, ou tekoa é o lugar onde só vivem os guarani e onde podem viver segundo seus costumes.**

Por meio do casamento e motivados pelos sinais trazidos pelos sonhos, as famílias vão se espalhando pela yvyrupa. Sempre foi assim, a mobilidade é uma característica intrínseca do nhandereko (nosso modo de ser) guarani. A yvyrupa é diferente da ideia de terra demarcada. Mas hoje, os guarani precisam da demarcação, porque não tem mais terra livre.

Os guarani são obrigados pelos juruá a se adaptarem a essa condição de viver em terra demarcada. Mas para continuar existindo enquanto povo, é fundamental entender que, na lógica ancestral que ainda orienta o seu modo de ser e viver, a relação de uso e de pertencimento não está vinculada a um só lugar. O território guarani vai além das aldeias e das terras indígenas demarcadas pelos juruá.

Para manter vivas as relações com as pessoas e com o território, existe o costume de visitar parentes de outras aldeias, e assim os laços de parentesco, amizade, aliança política e identidade cultural vão se fortalecendo e se atualizando.

Os guarani se organizam em núcleos familiares formados pelo pai, mãe e os filhos. Quando os anciãos estão muito idosos, acabam morando com a família de um dos filhos. Embora o cuidado com as crianças seja compartilhado entre os adultos da comunidade, o que se espera é que os pais assumam a responsabilidade de prover moradia, alimentação e educação para as suas crianças.

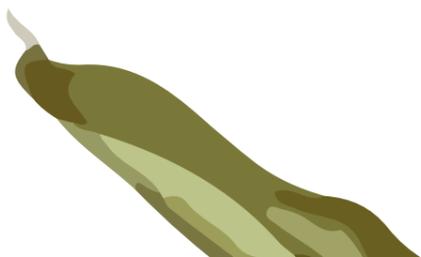
Ao longo da vida, um(a) indígena guarani mbya pode morar em muitos lugares até se estabelecer de vez em uma aldeia. Por exemplo, o cacique da aldeia Arandu Mirim, Karai Tataendy, ou Roque, como ele é conhecido pelos juruá, conta que já morou em muitos lugares e que agora Nhanderu indicou um lugar para ele ficar “de vez”. Roque nasceu em 1955 na aldeia Rio das Cobras, no município de Laranjeira do Sul, Paraná. Já casado, ele se mudou com seus pais para a aldeia Rio do Azeite, em Peruíbe, litoral sul de São Paulo. Depois foi para a aldeia Boa Esperança, em Vitória, Espírito Santo, onde ficou por 2 anos. Em seguida, veio morar por 1 ano e meio na aldeia do



Bracuí, Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Só depois de morar em 4 aldeias, cada uma de um Estado diferente do Brasil, é que Roque veio para Paraty. Em Paraty, primeiro morou na aldeia Araponga e, quando houve a demarcação da TI Itaxi, em 1994, ele se mudou junto com seus pais para a Itaxi. Em 2005, Roque começou a se aproximar da área. Orientado pela memória de uma antiga ocupação guarani que sua avó relatou, consolidou a aldeia no local.

Na dinâmica de ocupação territorial dos guarani, às vezes acontece de uma parte dos moradores de uma aldeia sair para fundar uma nova aldeia. Os motivos para esse deslocamento podem ser vários. O local da nova aldeia geralmente é revelado por sonho, mas pode também ser indicado por anciãos que já passaram pelo local ou que identificam esse local como uma ocupação indígena ancestral. Esses locais escolhidos para assentar uma aldeia são considerados sagrados e são indicados por Nhanderu, uma das divindades guarani responsável pela criação e manutenção do mundo.

Nas tekoa, principalmente quando ela já está demarcada, os guarani podem exercer o nhandereko. Dentro da tekoa, todo mundo é parente. E, devido ao deslocamento e intercassamentos com indígenas de outras aldeias, o povo guarani vai tecendo uma vasta rede de parentes. Roque, cacique da Arandu Mirim, disse que tem família em pelo menos outras 10 aldeias espalhadas em 7 diferentes municípios: aldeia Itaxi e Araponga (Paraty); aldeia Sapukai (Angra dos Reis); Maricá (Niterói); aldeias Boa Vista, Yakã Porã e Renascer (em Ubatuba); aldeia Rio Silveira (São Sebastião), aldeia no Espírito Santo; aldeia Rio das Cobras (Laranjeiras do Sul) e na aldeia Rucuí (Guaíra, região de fronteira com o Paraguai com Brasil).



# HISTÓRIA DA TEKOA ARANDU MIRIM

O estabelecimento da aldeia Arandu Mirim faz parte do mesmo movimento histórico de retomada da aldeia Itaxi. A reocupação da Itaxi foi orientada pela memória dos anciãos. Eles contaram que ali, em Paraty Mirim e em alguns outros locais de Paraty, como no Mamanguá, havia uma ocupação indígena ancestral.

A história da aldeia Arandu Mirim foi contada pelo cacique Karai Tataendy, o Roque Benite. A reocupação da aldeia Arandu está ligada à trajetória de vida dele. Depois de circular por outros territórios, Roque recebeu de Nhanderu a indicação do lugar onde deveria ficar. E desde então, Roque e seus parentes estão em Arandu Mirim.

Roque é filho de Miguel Benite e Maria Angela Benite, ambos moradores da aldeia Itaxi. Seu pai morreu em 2020, com 121 anos. Angela está com 105 e permanece morando na aldeia Itaxi. Cinco dos sete irmãos do Roque também moram entre as aldeias Itaxi e Arandu Mirim.

“ Quando a gente teve no Espírito Santo, a falecida minha avó, que já faleceu há muitos anos, Maria Carvalho, mãe da minha mãe, ela falou. Meu tio João Carvalho lembrou, nós tava no Espírito Santo. Ela falou assim: 'tem uma aldeia que é no Paraty-Mirim'. Falou que era pro meu pai voltar e retomar aquela aldeia. Pra você ver, falou: 'aqui, você vai, e você procura. Você vai encontrar essa aldeia. Essa aldeia é antiga, é nossa.

Depois o que a minha falecida avó e o meu tio, falecido também, que é o seu João Carvalho, falou assim: 'olha aqui Roque, Roque Karaí, tem uma aldeia que fica do outro lado do mar, num braço do mar, e você vai. Chama-se Mamanguá. Mas só que tem um rio, uma cachoeira que chama Rio Cairuçu, você vai procurar essa cachoeira, aonde tem um cemitério antigo, grande, nosso, lá, e você vai procurar.' Eu sem saber de nada, nem conhecia esse lugar, Paraty. Eu nem sabia onde ficaria esse lugar...”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos, Arandu Mirim, 2022

Itaxi foi reocupada pelos guarani em 1994, na mesma noite em que saiu a portaria da demarcação da TI. Não entraram antes por causa do conflito fundiário com juruá que não queria aceitar a criação da terra indígena no local.

Roque conta que a retomada da aldeia Arandu Mirim começou em 2005 e sua narrativa traz elementos históricos com evidências da presença indígena na região no passado, e também uma base cosmológica, que orienta e dá sentido aos processos de abertura e retomada da nova aldeia.

Segundo Roque, sua avó presenciou um tempo em que ali era tudo "fornado de indígenas". Eles habitavam desde o Rio Grande (onde está situada hoje a aldeia Arandu Mirim) até o rio da Fazenda (nome dado ao rio que corta a Fazenda do Gibrail Tannus, um dos mais conhecidos grileiros de terra da história de Paraty).

A história da busca do Roque pelo seu lugar sagrado mostra a importância de dois elementos centrais da tradição cultural guarani: da oralidade, pois ele nunca esqueceu as palavras que sua avó falou orientando o que ele deveria fazer e descrevendo o lugar que ele deveria

encontrar; e dos sonhos, que trazem confirmações fundamentais para a tomada de decisões importantes.

Roque ainda morava na Itaxi quando foi convidado a trabalhar para uma pessoa que tinha uma casa na Ilha Comprida. Passou quase 3 anos nesse serviço cuidando do lugar. Quando o patrão o mandou embora, na última noite antes dele sair de volta para Itaxi, ele sonhou com um lugar: era o Mamanguá. Ele ainda não sabia que, 4 meses depois, seu destino seria selado com um convite para ir trabalhar justamente ali.

“ Antes de sair da Ilha Comprida eu tive um sonho, eu nunca nem conhecia aonde ficava Mamanguá, nem Rio Grande, nem lugar nenhum ali. Eu sonhei que eu tinha ido naquele lugar, mas só no sonho, porque conhecer mesmo de verdade eu não conhecia. Pelo sonho que eu tive já comecei a lembrar do que a falecida vovó tinha falado pra mim e o falecido meu tio, que eles deram esse nome. No sonho eu descobri que era aquele nome, que eu sonhei que parecia que eu estava até acordado.

Daí fiquei 4 meses no Itaxi, até que o senhor Jesus falou: 'você não quer ir trabalhar comigo lá no meu sítio? Fica no Mamanguá'. Quando ele falou "Mamanguá", eu lembro bem. Foi no dia 10 de setembro. E falou tô indo amanhã se você quiser trabalhar, você vem comigo (que era dia 9, nós ía sair no dia 10). Aí quando ele falou assim, você quer ir trabalhar?' Eu falei 'vou trabalhar'. Mas quando ele falou aquilo eu levei na minha cabeça, eu já tinha aquele sonho antes.

Aí eu falei 'vamos sim'. Falei com a mulher: 'vamos ou não vamos?', ela falou 'vamos'. 'Nós vamos pra lá de

vez', eu falando com ela, 'nós vamos de vez, nós vamos ficar pra lá de vez. Não vamos retornar pra cá mais. Isso aqui é um sonho que eu tive, acho que vai ser lá mesmo que a gente tá lá'. O que nós tínhamos de fogão, geladeira, eu falei: sabe o que? Nós não vamos vender, vamos dar pra quem tá precisando. Só levamos mesmo coisinhas leves, colchãozinho.

Aí nós fomos chegando lá tinha um barracão pra nós ficar, mais ou menos como eu vi no sonho, e comecei a rodar, comecei a andar no mato. A trilha que eu tive no sonho, descobri. O rio, a cachoeira que é o Rio Grande, eu descobri. O que eu tinha visto no sonho, fui descobrindo. Aí fiz um barraquinho pra mim num canto lá do terreno do Jesus, que ele me deu. Aí vim, falei com meu pai, falei com minha mãe: 'olha, aquele é o sonho que eu tive, eu descobri onde que é. De lá não saio mais. É onde eu estou hoje. Minha casinha lá, tenho meu barraquinho lá, a gente vive lá”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos, Arandu Mirim, 2022



Os sinais de que ali fora uma antiga ocupação guarani mbya se revelaram para algumas pessoas também por meio do som. Roque já escutou cantos dos xondaro e cantos que costumam ser entoados nas opy (casa de reza). Além disso, ele e seu filho mais velho, durante um tempo, escutavam um galo cantar de madrugada, sendo que por ali ninguém tinha criação. O falecido sogro do Pedro, pai da Iracema, disse que também ouviu cantos ali em Arandu.

Um outro fato misterioso do passado de Arandu Mirim é o desaparecimento súbito dos indígenas que moravam lá após um estrondoso relâmpago. Roque disse que o antigo morador do Currupira, que morava bem antes das famílias que estão lá hoje, contou para ele esse acontecimento: que quando ele foi de canoinha levar banana para as crianças não tinha mais ninguém. “Ele falou pra mim que foi o relâmpago que levou a comunidade, levou para algum lugar sagrado”. Esse acontecimento foi narrado logo que Roque entrou para morar em Arandu Mirim. O senhor que contou faleceu faz uns 15 anos, com 90 anos, portanto nascido por volta de 1917.

Logo que o Roque se instalou, outras famílias também foram morar lá. No ano de 2007 e 2008, chegaram a morar 30 famílias (cerca de 70 pessoas). Nessa época, eles construíram uma opy na aldeia. Roque chamou um pajé, José Fernandes para batizar a casa de reza. O pajé morava na aldeia Tendondé Porã, que fica na barragem perto de Crucutu, mas depois mudou para o Pico do Jaraguá. Em 2023 faz uns 4 anos que o pajé José Fernandes faleceu. Nessa ocasião do batismo da casa de reza da Arandu, Roque disse que conversou com o pajé e ele disse que o povo iria embora e que só ele, Roque, iria ficar.

“ Ele falou pra mim aqui, na casa de reza: ‘olha, esse lugar aqui é sagrado, não é pra qualquer um não, esse pessoal que tá aqui vai embora, e vai ficar só você por aqui, aí depois vem de novo outros grupos, vai aumentar de novo, mas também não é de certeza que vão ficar, pode ficar só de passagem lá e vai embora. Porque ali é pra quem tem fé em Nhanderu. Nhanderu vai escolher as pessoas que vão ficar aí’, ele falou”

Karai Tataendy, “Roque”, 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

Devido à dificuldade de acesso e à falta de alguns serviços públicos básicos, as famílias começaram a sair. Ao mesmo tempo, em 2010, os irmãos de Roque, como Pedro, Teresa e a outra irmã construíram uma casa ali e começaram a fazer roça.

Em 2021 e 2022, quando a equipe esteve na aldeia para realizar a caracterização junto com a comunidade, havia casas de outras 7 famílias, entre elas a de Pedro, cacique atual da aldeia Itaxi, e de Teresa, irmãos de Roque. Porém, devido às dificuldades de acesso e à falta de serviços básicos, essas famílias não estão morando em Arandu e se dividem entre Arandu Mirim e Itaxi.

Na madrugada do dia 31 de março para o dia 1º de abril de 2022, uma chuva torrencial de proporções históricas botou no chão várias das casas da aldeia Arandu Mirim, além de destruir as plantações.



Pedro



## RITOS E MODOS DE FAZER

Na aldeia Arandu Mirim existem, potencialmente, todos os ritos e modos de fazer presentes na aldeia Itaxi, já que a maior parte dos moradores da Arandu provém da Itaxi. Porém, devido à ausência de pajé, algumas cerimônias não podem ser realizadas.

Em compensação, como o território da Arandu Mirim possui áreas bastante conservadas, a produção alimentar em Arandu é mais intensa que em Itaxi.

Os bens culturais que os moradores de Arandu Mirim levantaram foram organizados em uma tabela, e envolvem as celebrações, as formas de expressão, os diversos modos de fazer, os lugares e as edificações.

CELEBRAÇÕES	FORMAS DE EXPRESSÃO	MODOS DE FAZER	LUGARES	EDIFICAÇÕES
Nhemongaraí Ritual de batismo do mel, do milho e das crianças para receber nome	Coral	Modo de fazer roça Envolve calendário agrícola de cada variedade e saberes sobre local e modo de plantio	Manguezal	Casas de Moradia (5)
	Dança dos xondaro	Modo de construir a casa	Caxetal	Casa de reza (Ruína)
	Roda de conversa na língua	Modo de pescar No rio e no mar	Cachoeira ("a gente faz parte da cachoeira")	
		Modo de fazer artesanato: Trabalho das mulheres: colares, pulseiras, brincos, bichinhos de caxeta, cestaria, cerâmica, arco-e-flecha	Local onde antigamente foi a casa de reza	
		Práticas de cuidado Remédios, benzimentos, parteira	Local do antigo cemitério	
		Modo de prever o tempo Observar estrelas, canto do tucano, etc		



## BATISMOS

Nhemongaraí, o batismo, é uma celebração anual que acontece na casa de reza. Na aldeia Itaxi, uma das datas em que ocorre o Nhemongaraí é no mês de janeiro.

“ Os batizados todo ano tem que ter. Isso aí é um segmento da casa de reza”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos, Arandu Mirim, 2022

No batismo, as crianças recebem o nome dos pajés. O Nhemongaraí é um ritual fundamental para formação da pessoa guarani. Geralmente as crianças são batizadas até, no máximo, os 2 anos de idade. Se a criança adoecer, o batismo pode ser antecipado porque o nome fortalece a pessoa. Se ela não passa por esse ritual, pode enfraquecer e adoecer. O mel, o milho, as folhas de erva-mate para o chimarrão também são batizados. Essa prática garante a saúde e o bem viver dentro da aldeia.

## SONHO

Os sonhos são como visões ou portais. Por meio deles, o povo guarani acessa respostas, elabora soluções para problemas do mundo e das pessoas e prevê o futuro. Os sonhos orientam a tomada de decisões, como a escolha de uma área para morar e a feitura de um remédio para prevenir e curar doenças. Nhanderu mostra pelo sonho o que tem que ser feito.

Os pajés são quem mais dominam o conhecimento adquirido por meio dos sonhos, mas tem guarani que mesmo não sendo pajé reflete sobre os sinais recebidos pelos sonhos e praticam seus ensinamentos.

Nhanderu mostrou para Roque o lugar onde ele deveria morar e também quais plantas usar para evitar uma doença nova que estava chegando. Quando a covid chegou, Roque já tinha sonhado e sabia o que fazer:

“ Eu tive um sonho que tinha que ser feito, isso antes de acontecer, antes ainda de aparecer. Já ia entrar essa doença, sonhei que tinha que ter remédio. Que ia tá vindo um tipo de doença que não ia ter cura. O único remédio, pediu pra que fosse tirado e levado para casa de reza. Eu tive um sonho: que tinha que ser tirado a casca da madeira, fazer ela, cozinhar ela, ferver. E deixar na casa de reza. Daqueles pequeninhos que pudessem engolir, era pra dá um pouquinho de cada.

Logo que eu sonhei, falei com o Pedro, falei com a Iracema, falei com a mamãe, meu pai já era falecido, falei isso com os mais velhos. Falei 'olha aqui, tive um sonho que tá chegando aqui uma doença que ninguém vai saber o nome, eu vou dar o nome, mas não vai ser esse nome não. Aí todo mundo ficou alerta. Quando

apareceu [a doença], a Iracema falou: 'não, é agora. É esse remédio que nós vamos fazer'.

Foi feito, cozinham num panelão lá, botaram uma chaleira grande, levaram pra casa de reza. Fizemos oração, tudo, a reza todinha, deixamos lá. Cada um tomava um pouquinho, ou molhava a cabeça pra não pegar e graças a Deus aqui não teve problema”

Eu não sou pajé, mas Deus sempre me dá essa visão, antes de acontecer. Deus já me dá aquela visão de eu sonhar que tem que ser aquilo. A gente acompanha isso direto, mas é poucos, não é pra todos que também Deus fala isso, é muito pouco”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos, Arandu Mirim, 2022



Outro caso de remédio sonhado é o uso do mel como colírio. Quando Roque se viu com a necessidade de usar óculos para voltar a enxergar, ele sonhou que o mel da abelha jataí poderia lhe curar. Ele conta que ardeu muito, mas depois de alguns dias, seu vista melhorou muito.

“ Eu não enxergava mais nada. Eu fiz exame, fomos em Angra, uns 5 anos atrás. Tinha que usar óculos, um tipo de óculos, pediram, na época, era novecentos e pouco. Falei: ‘não vou comprar não, eu vou comprar de que jeito?’ Eu sonhei aquilo [de aplicar o mel nos olhos]. Sonhei e fiz”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

Os sonhos são levados a sério pelos guarani. Quando uma informação vem pelo sonho, ela influencia efetivamente as práticas e decisões racionais no mundo desperto.



## RITOS E MODOS DE FAZER

### MATE E TABACO

Erva-mate (ka'a miri) e tabaco (petã) são dois elementos que marcam a identidade cultural e étnica guarani. Os dois são usados nas casas de reza em contexto cerimonial.

Segundo o conhecimento cosmológico guarani, a erva mate, Ka'a, é uma das filhas de Nhanderu, assim como Takua, a taquara usada na cestaria.

“ Quando Nhanderu andava pela terra, pegou um galhinho de cedrinho e assoprou, fazendo uma criança que brincava e urinava por todo canto. Então nasceu um brotinho de erva mate. Era uma menina e ela já cantava com takuapu, por isso até hoje as mulheres cantam batendo o bastão de taquara no chão”

narrativa disponível em [https://pib.socioambiental.org/pt/%22Nhanderu j%C3%A1 acha que o mundo est%C3%A1 muito velho e quer limpar a terra%22](https://pib.socioambiental.org/pt/%22Nhanderu%20j%C3%A1%20acha%20que%20o%20mundo%20est%C3%A1%20muito%20velho%20e%20quer%20limpar%20a%20terra%22)

A erva-mate usada no preparo do chimarrão é batizada na casa de reza, e além de ser usada nas cerimônias da casa de reza, pode ser consumida diariamente.

“ É igual meu chimarrão, todo dia pra mim. Aquilo é o meu café. Pra dormir, as pessoas falam 'ah mas você toma aquilo ali, você não consegue dormir'. Ah eu tomo chimarrão e durmo tranquilo, durmo até cedo demais. Duas coisas que não posso largar dele: o chimarrão e o tabaco no cachimbo. Não pode faltar na casa de reza não, tem que ter. Qualquer aldeia que você for, sendo do guarani, você vai achar. Agora se for de outras etnias aí muda um pouco. Mas no guarani toda aldeia que você for vai ter. Aquilo ali é uma folha, é uma árvore grande. E vai também pro batismo, batiza, a folha dessa erva, do chimarrão”

Karai Tataendy, “Roque”, 67 anos, Arandu Mirim, 2022

O uso cerimonial do cachimbo, em guarani petygua, começa cedo. As crianças também podem fumar, mas somente na casa de reza e durante o ritual. Não é um hábito cotidiano. O cachimbo é feito do tronco da araucária, kuri, com o cabo de bambu.

“ Eu fumo desde novo, desde pequeno. Já é uma tradição, pra você ver: meu filho tá com 13 anos, ele fuma na casa de reza. Até mais pequeno fuma, mas na casa de reza. Não sai fumando assim que nem juruá assim que compra o cigarro e sai fumando, não. Só na casa de reza, tem os horários da casa de reza, todo mundo vai”

Karai Tataendy, “Roque”, 67 anos, Arandu Mirim, 2022

## REMÉDIOS COM PLANTAS

Fazer remédio com plantas para prevenir e curar doenças é uma prática ancestral entre os guarani. Ela é guiada por Nhanderu e costuma ser feita como missão para salvar a vida das pessoas. Mesmo quando os juruá procuram pela medicina indígena, Roque explica que não fazem o remédio por dinheiro. Roque tem o conhecimento de uso das plantas para remédio e faz garrafada. Para cada tipo de problema de saúde, muda a receita do remédio.

“ No sonho tem uma pessoa mostrando, aí eu já vou saber aquilo, aquela raiz, aquela casca ou aquela folha. Eu não sou pajé, mas eu mexo com garrafada de remédio para várias coisas. Pessoal vem do Rio procurar, do interior de São Paulo vem aí o pessoal me procurar. Dependendo, eu tenho casca de madeira pra vários tipos de problema. É igual você comprar remédio na farmácia, cada coisa que você sente, você vai procurar na farmácia. A gente que trabalha com esse tipo de remédio também, é a mesma coisa. A pessoa chega: ‘me dói a cabeça ou me dói alguma coisa, coração, coluna, alguma coisa, então pra isso é isso que tem que ser feito. Eu trabalho com isso, eu mexo com isso, com raiz, conheço muita raiz”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

Roque recebeu visitas de pessoas buscando a sabedoria indígena das plantas. Ele atendeu o pedido, fez a garrafada e já teve resultados muito bons, mostrando que sua medicina é eficaz. Um dos casos relatados é de um homem que tinha a esposa com câncer. Esse episódio marcou a memória do

Roque porque depois do tratamento com a garrafada o homem retornou para dar notícias sobre a cura da doença e agradecer.

O relato também revela como os valores e o jeito de proceder dos guarani são diferentes do juruá. Roque não cobrou pelo remédio, trouxe a sabedoria e ensinamentos de Nhanderu para curar, sem custo, porque assim se acredita ser o trabalho de Nhanderu, diferente da lógica dos médicos que cobram pelo serviço de cura.

“ Dei três dias pra ele: 'daqui três dias você pode voltar'. Aí fui no mato, trouxe a raiz, trouxe folha, fiz um remédio. Com três dias ele chegou. 'Tá pronto o remédio da sua mulher, pode levar.' 'É quanto? Falei: 'não, pode levar. Depois você vê com o que você pode me ajudar. Depois de três meses ele foi lá: 'a mulher sarou completo, não tem mais nada, nada, nada'. Falei 'tem que agradecer a Deus, não me agradece, não sou eu que tô fazendo isso, é Deus que tá fazendo. Nhanderu Tupã lá em cima diz que tem que salvar aquela pessoa. Eu não cobro um centavo do remédio que eu faço, não é pra cobrar, é pra salvar vida, não é dinheiro, é o amor. E eu sigo nisso, nesse caminho que eu tô. Qualquer pessoa que chegar lá: 'tem como fazer?', 'tem sim, vamos fazer. O que você tem? Explica pra mim então, vem buscar aqui tal dia'.

Tem muitas pessoas que levam cesta básica, leva alguma coisa, algum me ajuda com gasolina, às vezes o pessoal deixa um dinheiro pras crianças, essas coisas. Mas cobrar, nunca cobre nada. Quantas pessoas eu for salvando, melhor pra mim. Quero a felicidade da pessoa. A saúde é mais importante do que qualquer coisa na nossa vida”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

“ No sonho tem uma pessoa mostrando, aí eu já vou saber aquilo, aquela raiz, aquela casca ou aquela folha. Eu não sou pajé, mas eu mexo com garrafada de remédio para várias coisas. Pessoal vem do Rio procurar, do interior de São Paulo vem aí o pessoal me procurar. Dependendo, eu tenho casca de madeira pra vários tipos de problema. É igual você comprar remédio na farmácia, cada coisa que você sente, você vai procurar na farmácia. A gente que trabalha com esse tipo de remédio também, é a mesma coisa. A pessoa chega: 'me dói a cabeça ou me dói alguma coisa, coração, coluna, alguma coisa, então pra isso é isso que tem que ser feito. Eu trabalho com isso, eu mexo com isso, com raiz, conheço muita raiz”

*O chá dessa flor é usado para curar dor de estômago*

## ATIVIDADES PRODUTIVAS YVY PORÃ

A tekoa Arandu Mirim é abundante em recursos alimentares, é uma yvy porã, uma "terra boa". "Lá tem plantação e peixe tem à vontade". Essa abundância promove a segurança alimentar dos moradores não só de Arandu, mas também da comunidade da aldeia Itaxi.

Plantar, pescar, mariscar, caçar, coletar mel, construir casa, fazer artesanato. Essas são as principais atividades que os guarani praticam para produzir a vida a partir do território. Foram milênios de experimentações práticas e de elaboração de um repertório vasto de conhecimentos sobre os ciclos da natureza e de como manejá-la para obter os resultados desejados.

A oralidade é o canal de transmissão do conhecimento ancestral guarani. Esses saberes e essas práticas garantem o nhandereko, o jeito de viver dos guarani, e a saúde das comunidades em seus territórios.

## PESCA E MARISCO

“ A gente sai no mar quando o peixe tá fraco no rio, a gente sai pro mar. Tem uns pedaços de rede. Pega parati, robalo, tainha, e outros peixes que às vezes pega. Ali no rio, quando a maré enche, entra muito peixe. Tainha, robalo, porque a maré enche a gente cerca. É proibido fazer isso, mas pro indígena não, porque tenho licença disso. A maré enche, eu boto a rede e deixo amanhecer. No outro dia eu vou só catar os peixes. Aí manda pra Itaxi, pra umas famílias no Itaxi. O que a gente quer, pega algumas. Daí começa a distribuir. Que nem a plantação, mesma coisa. Alimentação de plantação a gente não vende. O Pedro negocia alguma coisa com o pessoal do Quilombo do Campinho, mas o máximo fica pra comunidade. A roça aqui vai bem”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

Para a pesca, usam rede de espera, linha e anzol, tarrafa. O finado pai do Roque sabia uma técnica de pesca no rio que era assim: primeiro, fazia uma cerca de pedra, tecia um bambu, deixava uma boca aberta e fechava em cima, daí colocava na corrente mais forte do rio e amarrava a ponta em baixo.

Os Principais peixes capturados:

**Robalo**  
**Tainha**  
**Carapeba**  
**Lambari**

A extração de **caranguejo** e **sururu** acontece no mangue e é feita com a mão.



**RITOS E  
MODOS DE FAZER**

**PLANTAÇÃO**

Em junho de 2022, havia na aldeia Arandu Mirim 4 áreas agrícola. Duas em atividade e duas tigueras, em pousio. Foram identificadas também áreas prontas para iniciar o cultivo. Roque explica que as plantas têm diferentes ciclos: as frutíferas demoram pelo menos 5 anos pra começar a dar fruta. Milho, Mandioca, feijão e batata-doce são plantas de ciclo curto são comida, como chamou Roque

“ Já tivemos muito milho. Mandioca ainda tem bastante. Agora foi plantado umas mudas de banana, tá dando cacho. Logo que eu entrei plantei jaca, jambo, laranja, isso aqui dá muito. A gente tem essas coisas, mas demora um tempo, não é que nem plantação nativa de comida. Frutífera demora mais que você plantar o milho, o feijão, a batata-doce, a mandioca. Dependendo do tempo, a frutífera leva até quatro, cinco anos pra poder dar. Mas a gente tem batata-doce, tem bastante mandioca, e agora essa semana tem um pouco de feijão que vai colher, milho já tem um pouco plantado”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos, Arandu Mirim, 2022

Milho e feijão se plantam juntos, no mesmo mês, e em lugar com bastante sol. Geralmente nos meses de junho e julho pra comer em novembro e dezembro. A lua boa de plantar milho é a crescente. A mandioca e a bata-doce planta no sol também, mas a lua melhor é a minguante, se não caruncha. A banana, depois de plantar as primeiras mudas, ela vai se desenvolvendo sozinha e vai criando o bananal. Arandu Mirim é muito bem localizada para plantio. Tem água em abundância, áreas planas e solos ricos em matéria orgânica, o cultivo tem bons resultados nessa área.

**VARIETADES DE PLANTAS CULTIVAS  
NA ARANDU MIRIM**

- Aipim seda
- Aipim amarela manteiga
- Banana d'água
- Bana roxa
- Banana Ouro
- Banana Maçã
- Pitanga
- Cabeludinha
- Cana casca roxa
- Cana casca listradinha
- Mamão
- Manga
- Limão cravo
- Palmito açai
- Palmito Jussara
- Coco catarro
- Café
- Capim limão
- Milho de 5 tipos
- Jabuticaba







## EXTRATIVISMO: CONSTRUÇÕES, ARTESANATO E ALIMENTAÇÃO

O extrativismo de materiais para construção de casas, para fazer artesanato e para fins alimentícios ocorre em diferentes espaços: na mata, nos brejos alagados e no mangue. Bambu, cerne de pati, e diferentes madeiras são utilizadas para fazer estrutura das casas. Guaricanga e sapé para a cobertura. Segundo Roque, esses materiais da cobertura não são encontrados em abundância na região, então, em algumas casas, estão substituindo por telha comprada. Na estrutura, usam bambu e madeira. A cacheta, muito usada para confeccionar os bichos em miniatura, é coletada no brejo. A cacheta usada pelos artesãos e artesãs da Itaxi é coletada na região de Arandu Mirim. Cipó timbopé [mesmo que timumpeva] usa pra amarração de casa e pro artesanato. Além da taquara, usada pra fazer a cestaria. Para cada planta dessa é preciso saber onde ela se encontra, o tempo certo de colher, como tratar o material antes de usar.

Outros materiais também usados pelos guarani para confecção do artesanato são sementes (variedades: capιά coletado no mangue), penas, pati e brejaúva para fazer arco e flecha e embiruçu para corda, além das já tradicionais miçangas que são compradas e que foram apropriadas com maestria pelas mulheres guarani na composição de belíssimos colares, brincos e pulseiras.

Os cachimbos (petygua) são feitos de araucária e bambu. A araucária é uma espécie nativa da Mata Atlântica que nasce em locais mais frios, não sendo encontrada no litoral norte paulista e sul fluminense. Então esse material é trazido de outras aldeias.

Os arcos e flechas são feitas com a madeira da palmeira brejaúva.

“ A caça, claro que tem a época certa de caçar ela. Que nem agora eles estão criando. Até passarinho! Nessa época ninguém caça, ninguém faz nada. Agora passou do tempo de criação... Mas mesmo assim, não é que nem juruá. Juruá quando vê um negócio quer matar tudo, a gente não faz isso. A gente pega a necessidade, dependendo do tipo de caça que você quer, vai pegar uma só, dependendo da família até dois, mas mais que isso não. Não é pra comércio, não é pra vender, é pra gente se alimentar, pras crianças se alimentarem. Lá tem muito tatu, cotia, tem paca, tem porco do mato. E tem bastante onça naquele lado ali. Já vimos ela assim. Tem a pintada e tem aquela parda”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

Manejo do cipó timbopeba, usado na cestaria

“ Cipó imbé, já é pra trançar alguma coisa. O taquarucu aqueles grossos que o pessoal usa pra fazer tapiti, aquilo vem do Mamangá, porque no Itaxi não tem, só tem aquele fininho, a taquarinha. A taquarinha no Mamangá tem bastante”

Karai Tataendy, “Roque”, 67 anos, Arandu Mirim, 2022



## COLETA DO MEL

No tempo que precisa fazer o batismo do mel, os guarani da Itaxi buscam o mel na região de Arandu Mirim. Roque conhece pelo menos 7 diferentes tipos de abelha na região. O relato demonstra como a atividade de extração do mel requer olhar atento na mata para encontrar o enxame.

“ Mel no Mamanguá tem muito. Itaxi não tem. Quando é época de batismo, vem tudo de lá, o mel.

Isso aí é tradição indígena, ele vai procurar e sabe que tem.

A abelha pra fazer a casinha dela, pode ser qualquer madeira. Mas deve ter um mistério, não sei dizer, deve ter sim, porque tem muitas pessoas, meus parentes... Os meus irmãos vão e não encontram. Eu saio na mata olhando pra cima e olhando pro chão, e já acho rapidinho. Os bichinhos, eles saem, eles ficam andando na madeira, aí você vê que por ali tem aquele enxame. Eu já vi umas 6 qualidades de abelha, aliás, 7 qualidades. Uma que é maior, amarelinha; a outra que é a média [amarelinha também]; tem uma amarelinha que é menor; tem uma menorzinha, redondinha, bem pequenininha, que é listradinha; tem pretinho também; tem o jataí, que os juruaí falam, você deve conhecer o jataí: é amarelinha também, mas ela é miudinha, miudinha (é o colírio de vista o mel daquilo ali. Usa o mel como colírio. Mas arde, arde pra caramba); e tem aquela de ferrão também, europa que também tem lá, às vezes acha”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos,  
Arandu Mirim, 2022

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO

A Terra Indígena Arandu Mirim está em processo de identificação (portaria 184, 06/02/2008). É preciso que a FUNAI finalize os estudos para demarcação do território. Segundo as lideranças, a pandemia atrasou os trabalhos. De maneira esquemática, os principais desafios da aldeia mencionados pelos guarani são:

- **Demarcação (ausência de sinalização da aldeia)**
- **Acesso**
- **Ausência de escola**
- **Ausência de posto de saúde**
- **Ausência de energia**

A questão do acesso de barco foi parcialmente resolvida com o apoio da campanha Cuidar é Resistir do Fórum de Comunidades Tradicionais – FCT. Em 28 de outubro de 2022, foi oficializada a entrega de um bote e um motor de popa para a família do cacique Roque Benite. A infraestrutura básica de saúde e educação são essenciais para fixar as famílias que têm crianças em idade escolar na área.

“ Por isso que a gente tão tá lá. A gente tem as crianças e eles estudam na escola da Itaxi. Eles não conseguem ficar na casa dos outros, tem que ficar com o pai e com a mãe. Lá não tem uma escola pra eles. Agora melhorou um pouco que naquela enchente que teve eu consegui uns apoios de fora e consegui um barco maior, com 7 metros e motor 50. Então agora nós temos a dificuldade de ir direto por causa do combustível, é difícil pra nós conseguir combustível mensal, ou quinzenal.”

Karai Tataendy, "Roque", 67 anos, Arandu Mirim, 2022

O que inspira a luta dos guarani pela Terra Indígena Arandu Mirim são suas fortalezas:

- **Terra boa para plantação**
- **Tem peixe para alimentação das famílias**
- **Prática agrícola e pesqueira são autorizadas pelos órgãos ambientais;**
- **Aldeia sagrada, lugar de receber sabedoria espiritual. Presença do espírito da mata, espírito da cachoeira, espírito do morro.**
- **Lugar de concentração, tranquilidade e saúde: não tem doença, não tem estrada perto.**
- **Tem material para artesanato**

O futuro que se quer para Arandu Mirim é que possa ter o mínimo de infraestrutura para que os e as indígenas possam se estabelecer e ficar ali, sem precisar ir pra cidade ou pra Itaxi. Pedro acredita que a tendência é que o número de moradores em Arandu cresça, mas para isso acontecer, é necessário garantir escola e saúde.





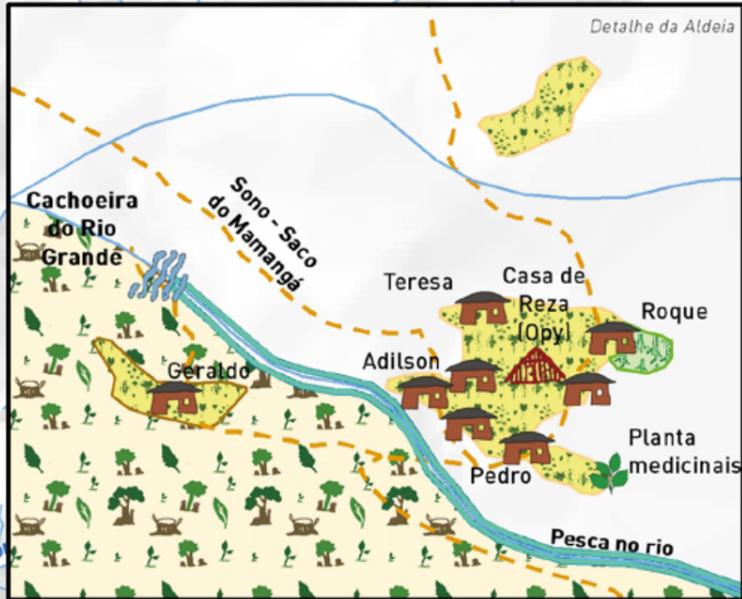
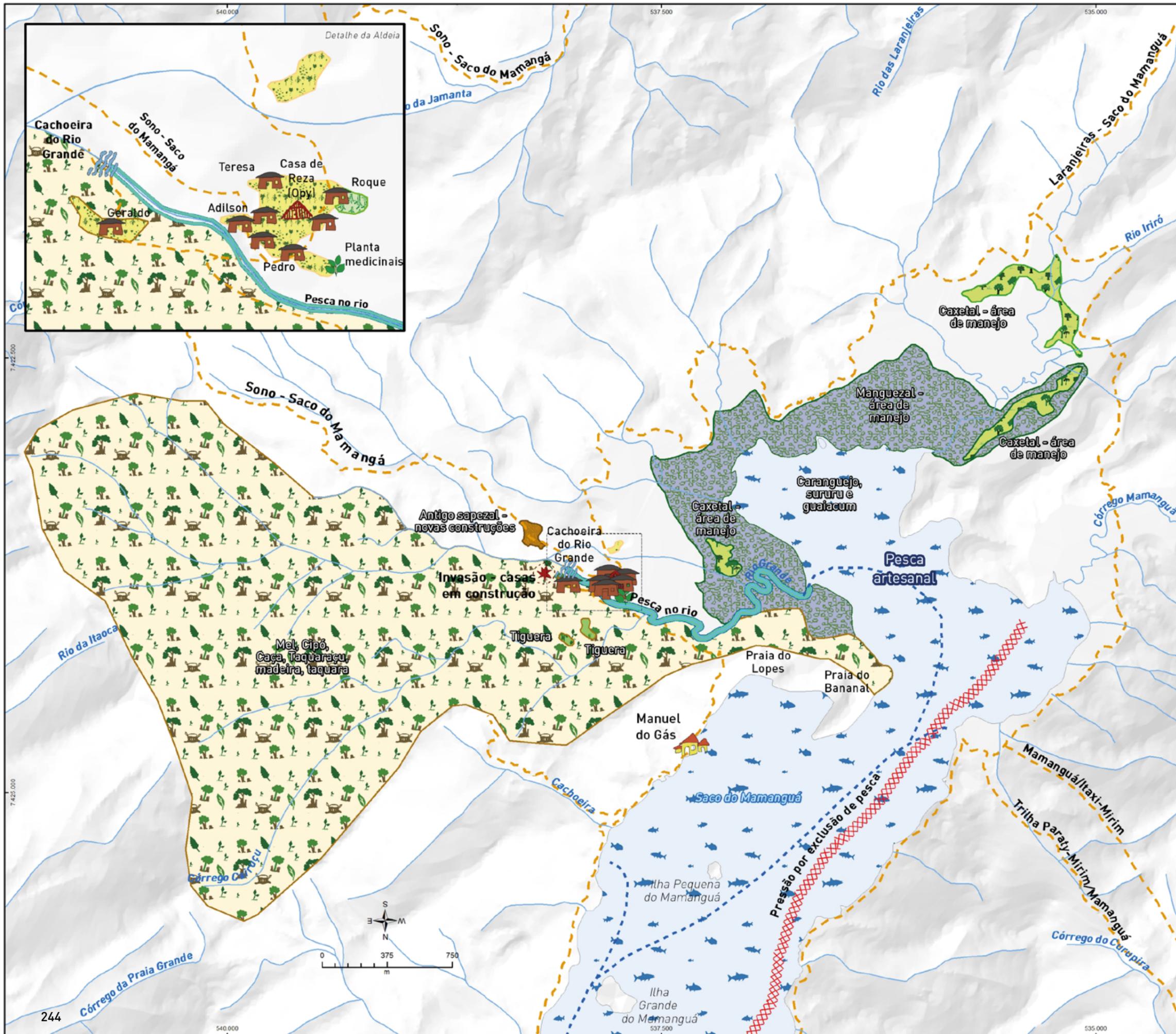
# ALDEIA ARANDU-MIRIM

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Casa de Reza
-  Cachoeira
-  Ervas medicinais
-  Casa de indígena
-  Bambuzal
-  Caxetal
-  Manejo florestal
-  Mangue
-  Pesca artesanal
-  Roça
-  Sapezal antigo
-  Tiguera
-  Pesca artesanal
-  Rotas marítimas
-  Trilha
-  Rio

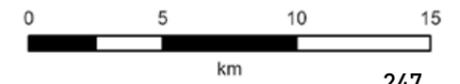
## Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

-  Conflito de território
-  Casa de veraneio
-  Conflito por recursos naturais



# ROTAS DE TRÂNSITO E RELAÇÕES DE TROCAS GUARANI-MBYA

- Aldeia Indígena Guarani-Mbya
- Terra Indígena Guarani-Mbya
- Rota de comércio
- Rota de deslocamento
- Unidade de Conservação de Proteção Integral
- Unidade de Conservação de Uso Sustentável
- Cidade
- Limite Municipal
- Limite Estadual
- Estrada



[www.otss.org.br](http://www.otss.org.br)